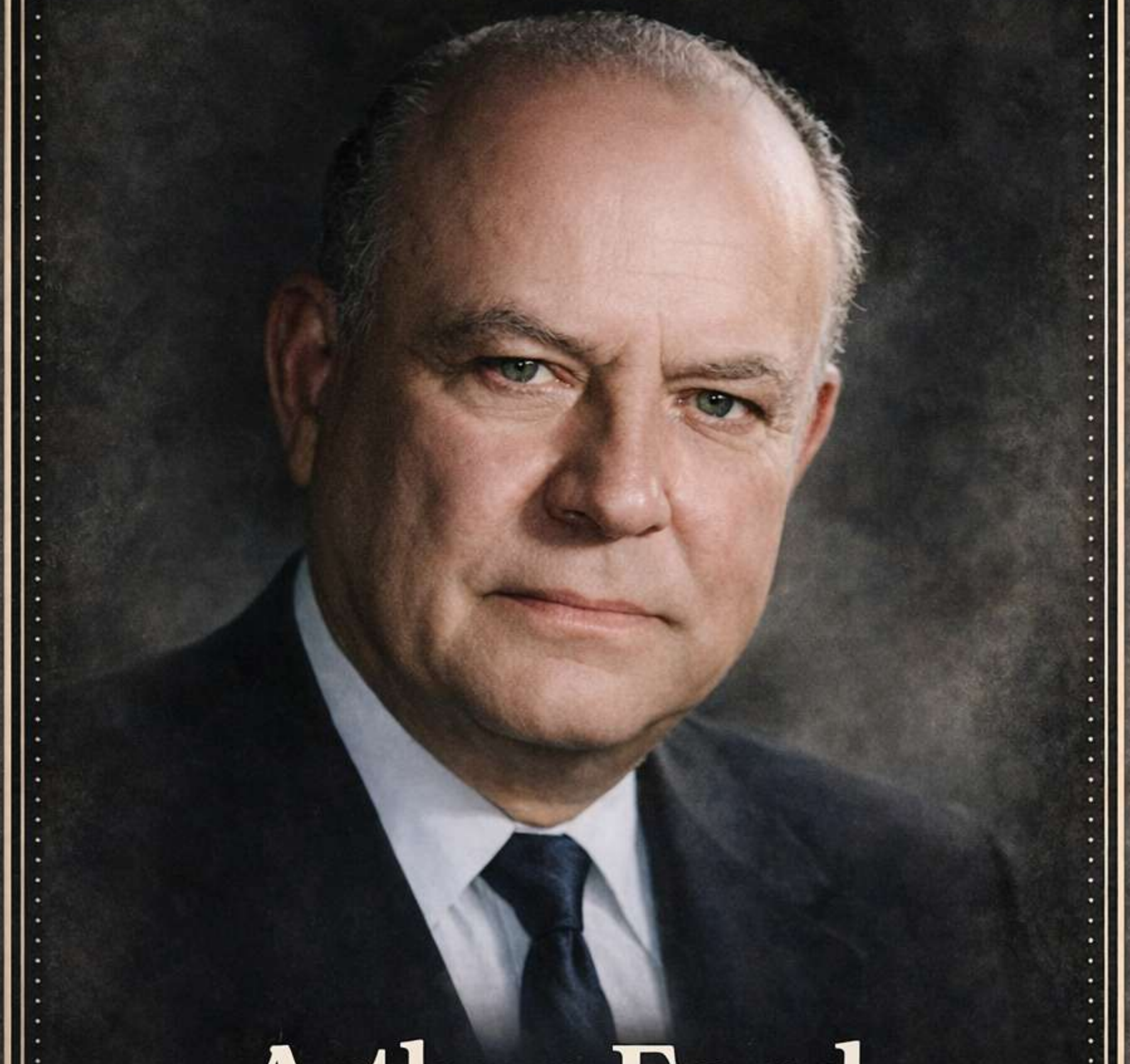
VIDA PARA ALÉM DA MORTE



Arthur Ford

Tradução: Amadeu António

A VIDA PARA ALÉM DA MORTE

Arthur Ford

tal como contada a Jerome Ellison

1971

Conteúdo

O Meu Amigo Arthur Ford:
Uma Introdução
I Vibrações, Evolução, Crescimento Pessoal
II A Ideia de Sobrevivência no Homem
III Profeta do Deserto através de Emanuel Swedenborg
IV Perspetivas sobre a Sobrevivência: William James e os Investigadores Pioneiros
V As Revelações de Frederic Myers
VI O Além Apela à Ciência: "Betty" e "Joan"
VII Experiência e Explicação
VIII Reflexões sobre a Minha Própria Mediunidade; Yogananda; Uma Palavra Especial aos Recém-Enlutados
O Impacto de Arthur Ford enquanto Fenómeno:
Um Epílogo
Índice

O Meu Amigo Arthur Ford:

Uma Introdução

"OITENTA POR CENTO das perguntas que as pessoas me fazem durante os períodos de perguntas e respostas após as minhas palestras", disse-me Arthur Ford num dia do início de 1970 — tinha então setenta e quatro anos e mais de quatro décadas de experiência como um dos médiuns de transe mais famosos do mundo —, "têm a ver com a natureza da vida após a morte. Que tipo de corpo temos? Conseguimos lembrar-nos de todas as coisas que aconteceram durante a nossa vida terrena? Recordaremos todas as pessoas que conhecemos? Qual será a nossa relação com essas pessoas? Com várias figuras históricas que partiram há muito tempo? Com — se tivermos inclinação

religiosa — as grandes almas que ocupam um lugar tão proeminente na religião que seguimos? O que se espera que façamos lá? Limitamo-nos a vaguear sem fazer nada ou temos deveres específicos? Onde entra Deus nisto tudo? Encontrá-lo-emos de imediato ou teremos de passar por um período de prova? Há alguma verdade na noção de termos de atravessar um período de tormento ou será a vida no mundo além, em geral, um lugar agradável?

"Existem respostas definitivas para todas estas perguntas. Têm-se vindo a acumular ao longo dos séculos e, embora geralmente ignoradas por um mundo orientado de forma materialista, revelam-se surpreendentemente unificadas no seu conteúdo geral.

"Estas questões são terrivelmente importantes para milhões e milhões de pessoas. Algumas estão quase fora de si de dor pela perda de alguém que amavam. Outras enfrentam elas próprias o fim dos seus dias aqui e sentem grande ansiedade quanto ao que as poderá esperar. Sempre senti que uma das partes mais importantes do meu trabalho aqui é dar a essas pessoas uma tranquilização que venha de respostas claras a perguntas deste género.

"Agora", disse ele, "aqui está a proposta. Não sei quanto tempo me resta aqui." Sofria há vários anos de uma condição de angina que se tornara cada vez mais grave. Sendo, de longe, a pessoa mais intuitiva que alguma vez conheci, sabia que tudo o que esperasse realizar no "plano terreno" teria de ser tratado com alguma brevidade. "Quero fazer um livro que reúna tudo o que sei sobre a vida após a morte. Fazê-lo sozinho está para além das minhas forças. Ajudas-me?"

Eu tinha ajudado Arthur Ford na preparação do seu livro anterior, *Unknown but Known*. Ele ficara satisfeito com a minha assistência editorial e reconhecera-a graciosamente no prefácio da obra. Toda a minha experiência com Arthur Ford fora uma grande aventura de aprendizagem; trabalhar com ele desta forma ampliara consideravelmente a minha compreensão do universo de que todos fazemos parte. Disse-lhe que teria todo o gosto em ajudar no que fosse possível. Tivemos várias reuniões e concordámos quanto ao conteúdo geral do livro. O trabalho ganhava um bom ritmo quando, a 4 de Janeiro

de 1971, apenas alguns dias antes do seu septuagésimo quinto aniversário, Arthur Ford morreu. Seguiram-se reuniões entre mim, os dirigentes daquela esplêndida organização nacional, a *Spiritual Frontiers Fellowship* (que Arthur ajudara a fundar e em cuja atividade fora sempre um líder venerado), os editores e os muitos amigos do grande médium, para decidir o que deveria ser feito com o livro quase concluído. O livro que tem agora nas mãos é o resultado desses encontros.

Isto conta apenas parte da história de como este livro veio a ser escrito. Para contar a história completa seria necessário muito mais. Teria de mencionar, por exemplo, o jovem clérigo de Nova Jérsia, também amigo de Arthur Ford, que me disse: "Por favor, termine o livro o mais rapidamente possível. Nós, que trabalhamos diariamente com os enlutados, os assustados e os profundamente deprimidos, precisamos urgentemente de algo que possamos colocar nas suas mãos e que os ajude a ver algumas das dimensões mais profundas da eternidade, tal como Arthur as via quando ainda estava entre nós."

Teria também de contar — ainda que apenas sob a forma de um breve resumo — um pouco da história notável de como um jovem estudante universitário e recruta da Primeira Guerra Mundial, através de uma fantástica sucessão de mistérios, acidentes e coincidências, se tornou uma figura de dimensão mundial, partilhando com Edgar Cayce a distinção de ser um dos dois verdadeiramente grandes médiuns americanos do século XX. Teria ainda de dizer o suficiente sobre mim próprio para tornar claro como vim a conhecer Arthur Ford, como nos tornámos amigos e, finalmente, colaboradores.

"Todos", assegurava-nos Arthur Ford muitas vezes, "têm capacidade psíquica, tal como todos têm a capacidade de tocar as teclas de um piano. Mas, naturalmente, nem todos desenvolvem essas capacidades ao nível de se tornarem pianistas de concerto."

Do ponto de vista psíquico, passei a considerar-me uma espécie de "Sr. Média" americano. Em criança, na escola dominical, adorava as histórias dos milagres do Novo Testamento, tal como qualquer criança gosta de relatos aparentemente mágicos. O meu aniversário é perto do Halloween e era sempre celebrado com os símbolos dessa festividade

— abóboras iluminadas, sons e formas estranhas no escuro e fantasmas amigáveis. Quando tinha nove anos, a minha mãe ficou em coma durante algum tempo, perto da morte, após uma hemorragia no parto. Depois de recuperar, contou-me a sua experiência — que só muito mais tarde vim a saber ser bastante comum — de "atravessar para o outro lado" (que descreveu como um lugar maravilhoso) e de ter sido enviada de volta para terminar o seu trabalho aqui. Uma vez, deitado na relva num dia de Verão e a olhar para o céu, tive uma experiência absolutamente extraordinária, como se me tivessem permitido aceder aos segredos do universo.

Mas os devaneios da infância passaram rapidamente. Na universidade entrei num regime extremamente rigoroso de estudos científicos e tornei-me cético em relação a tudo o que cheirasse a místico, oculto ou sobrenatural. No entanto, algo em mim se rebelava contra o materialismo rígido e simplista da ciência. Perto do fim da licenciatura mudei para o estudo da literatura e, após a graduação, tornei-me jornalista. Nessa atividade tive sucesso e acabei por concretizar uma das ambições da minha infância — possuir e operar um avião. Certa vez, a pilotar uma aeronave que não estava equipada com instrumentos de navegação para voo por instrumentos, perdi-me nas nuvens e não conseguia encontrar uma saída.

O avião não conseguia subir acima da cobertura de nuvens, pelo que não podia subir. A névoa parecia estender-se até ao emaranhado perigoso de colinas, árvores, chaminés e linhas elétricas no solo, pelo que não podia descer em segurança. Não podia manter-me onde estava sem arriscar uma rotação fatal. Estava encurralado. Espontaneamente, rezei para que me fosse mostrado um caminho para sair da armadilha. Encharcado de medo, apontei o nariz do avião em direção aos perigos do solo e mantive-o assim.

Passado algum tempo, surgiu uma casa branca de quinta no meio da neblina. Circulei-a e, à segunda volta, desci para aterrar. Mesmo antes de tocar no chão, consegui ver, por baixo da base das nuvens, que a casa estava num monte; para além dela, no vale, havia ar limpo e seguro. Reorientei-me imediatamente e, em menos de dez minutos,

estava em segurança no aeroporto da minha base. Algo ou Alguém me ouvira e me conduzira à segurança, disso eu tinha a certeza. A partir daí, nunca mais voltei a estar tão convencido de um universo simples, totalmente material, de causa e efeito.

Outras coisas aconteceram. Os escritores freelancers têm uma certa vantagem sobre outras pessoas: muitas vezes conseguem completar a sua formação através do próprio trabalho. Simplesmente para aprender mais sobre o tema, escrevi um artigo sobre perceção extrassensorial (ESP). Enquanto o escrevia, descobri que tinha certas capacidades, modestas mas definidas, de telecinese, clarividência e telepatia. Não me interpretem mal; estes dons não eram espetaculares; nem sempre os conseguia demonstrar e, quando o fazia, a demonstração era fraca. Ainda assim, a sua existência não podia ser posta em causa. Poderia desenvolvê-los se quisesse investir o esforço necessário. Para mim, o velho conceito de um universo totalmente materialista ficou definitivamente destruído.

Seguiu-se um período da minha vida que passei a encarar como a minha "Antevisão do Purgatório". Durante esse tempo, parecia-me que tudo o que podia correr mal na minha vida corria mal — por vezes de forma irritante, por vezes desastrosa, por vezes trágica. De um sucesso sereno e próspero, vi-me subitamente mergulhado em fracasso e caos pessoais, sociais, conjugais, financeiros e profissionais. Uma das minhas aventuras literárias mais ousadas falhou, com pesadas perdas financeiras. A minha então esposa insistiu num divórcio; isso provocou uma rutura abrupta de todos os meus laços sociais, profissionais e familiares habituais.

Uma noite, alguns anos depois disto, recebi um telefonema a informar-me de que o meu único filho, então com dezasseis anos, tinha sido mortalmente ferido. Desde os tempos de universidade eu fora um bebedor entusiasta e sociável. Mais tarde, comecei a usar o álcool como um escape temporário para algumas das minhas perplexidades. Isso apenas as agravou.

Foi nessa altura que recordei, com um novo significado, a minha experiência no avião. Algo ou Alguém me tinha uma vez retirado das

nuvens físicas e colocado em terreno físico e sólido. Não poderia esse mesmo agente misterioso conduzir-me para fora dos vapores sociais e emocionais em que então me encontrava? Tentei pedir ajuda, e algumas coisas notáveis começaram a acontecer.

Utilizando as habituais técnicas de autoformação do escritor freelancer, escrevi dois artigos para revistas sobre o trabalho dos Alcoólicos Anónimos. Isto não só me trouxe uma nova e útil compreensão do meu problema com a bebida, como também proporcionou o encontro com um dos cofundadores dos AA, Bill, que ao longo do tempo vim a conhecer bastante bem. (Bill, de acordo com a tradição estabelecida dos AA, só podia ser conhecido pelo seu primeiro nome enquanto fosse vivo. O anonimato só podia ser quebrado após a morte. Bill morreu apenas algumas semanas depois da morte de Arthur. Estou, portanto, agora livre para me referir a este antigo corretor de Wall Street e cofundador dos Alcoólicos Anónimos pelo seu nome completo e próprio: William G. Wilson.)

Durante uma das nossas longas e entusiasmadas conversas (ambos gostávamos de falar longamente sobre os problemas do homem e sobre a natureza geral das coisas, em particular aquelas que ainda são apenas parcialmente compreendidas e, por isso, misteriosas), mencionei-lhe as minhas investigações sobre a perceção extrassensorial (ESP) e o meu interesse pelo oculto. Falei-lhe das minhas leituras sobre os estudos da Sociedade Britânica de Investigação Psíquica, dos relatos das experiências interiores dos swamis e dos escritos do grande psiquiatra suíço C. G. Jung.

Inesperadamente, encontrei em Bill um guia firme e prestável neste novo domínio. O Dr. Jung, ao que parece, tinha, inadvertidamente — através da verdade que implantara na mente de um dos seus pacientes alcoólicos e que esse paciente transmitira a outros — sido uma das influências que culminaram na fundação dos AA. O próprio Bill tivera várias experiências de natureza muito pouco materialista e falou-me delas. Depois, inesperadamente, disse:
"Se estás realmente interessado nestas coisas, devias conhecer o Art Ford."

Eu tinha lido sobre o grande médium, mas nunca tinha realmente esperado ter a sorte de o conhecer, muito menos de "o conhecer bem". "Ele é um dos nossos, sabes", disse Bill. (A tradição exige que a identidade de um membro dos AA não possa ser revelada excepto por ato expresso do próprio membro. Como Arthur falou da sua pertença numa das suas obras, é-me permitido mencioná-la aqui.) Uma das palestras públicas de Ford estava programada para a nossa região por essa altura, e tratei de assistir.

A aparência de Ford surpreendeu-me (quase escrevi "chocou-me"). Eu esperava que um dos verdadeiramente grandes médiuns de transe do mundo tivesse pelo menos algo de sinistro. Nada havia de frágil, etéreo ou sobrenatural na forma como Arthur se apresentava. Quando estava de bom humor — como sempre estava nas suas aparições públicas (mais tarde vim a saber que também tinha outros estados de espírito) — era um homem roliço, de rosto redondo e jovial, rápido de pensamento e de espírito, sempre à beira de lançar uma piada amistosa, com o seu característico sorriso tímido e brilho no olhar.

Durante as "leituras" (mensagens de espíritos falecidos para membros da audiência), eu fui um dos vários presentes que receberam comunicações surpreendentemente verídicas. Após a palestra, fui apresentado a Ford. Começámos a falar do nosso amigo comum, Bill, e descobrimos uma simpatia imediata um pelo outro — uma simpatia que nunca diminuiu até ao momento da morte de Arthur.

A partir daí, tive a sorte de integrar um pequeno grupo de pessoas privilegiadas que participaram em algumas sessões espíritas que Arthur realizava, movido pela sua grande e transbordante amizade, "apenas pelo prazer disso".

Quem era este homem estranho que eu acabara de conhecer e que se tornaria um amigo tão sólido? A minha curiosidade nunca estivera tão aguçada. Enchi a cabeça de informações sobre ele (e, como talvez já suspeite, acabei por escrever um artigo de revista sobre a sua vida).

Arthur Ford nasceu na pequena cidade de Titusville, na Florida, que, à data do seu nascimento — 1896 — tinha cerca de 300 habitantes.

O seu pai, capitão de barcos a vapor, era "um daqueles episcopais fervorosos que não iam à igreja". Pouco tempo após o nascimento de Arthur, a família mudou-se para Fort Pierce, na Florida, onde a sua mãe, "muito batista", se tornou rapidamente ativa na igreja da sua confissão.

Arthur passou a infância em Fort Pierce e, como ele próprio conta, grande parte da sua vida girava em torno da Igreja Baptista de Fort Pierce. Aos doze anos, já tocava piano nas reuniões de jovens, onde o canto de hinos era uma parte importante de todos os programas. Desde o momento em que foi capaz de pensar seriamente sobre essas questões, o interesse do rapaz pela religião foi intenso. Tão constante era a sua devoção à Igreja Baptista que era praticamente aceite que acabaria por seguir o ministério — e que seria o ministério batista.

Arthur começou, no entanto, a revelar aquela veia de pensamento teológico independente que viria a ser uma das suas características distintivas ao longo de toda a vida. Conheceu alguns unitários, assistiu a algumas das suas reuniões e ficou profundamente impressionado com a sua doutrina. Após a exposição à relativa liberdade intelectual do Unitarismo, a fé batista, tal como era ensinada em Fort Pierce nessa época, pareceu-lhe estreita e abafada. Arthur colocou tantas perguntas embaraçosas aos dirigentes da Igreja Baptista que, quando tinha dezasseis anos, consideraram necessário expulsá-lo, alegando que a sua fé se tornara "corrompida".

Os unitários, porém, não o conquistaram. Quando deixou Fort Pierce para se tornar estudante na Universidade de Transylvania, em Lexington, Kentucky, era membro da Igreja Cristã (Discípulos de Cristo), na qual viria a ser ordenado ministro.

Uma vez perguntei a Ford quando se tinha apercebido, pela primeira vez, de que possuía poderes psíquicos invulgares. A pergunta pareceu deixá-lo perplexo.
"Em criança, parecia sempre saber mais ou menos o que as outras pessoas estavam a pensar", disse-me. "Como é que eu havia de saber que isso tinha algo de especial? Presumia simplesmente que toda a gente tinha receção telepática. Só quando entrei para o Exército é que

descobri que era um pouco diferente, nesse aspeto, da maioria das pessoas."

Ford foi mobilizado em 1917 e enviado para Camp Grant. No ano seguinte, a grande epidemia de gripe de 1918 assolou o país, atingindo os soldados de Camp Grant com especial violência. Enquanto Ford lá esteve, vários soldados morriam de gripe todas as noites. Uma noite, sonhou que lhe era entregue uma folha de papel; nela estavam escritos, em letras grandes e claramente legíveis, os nomes dos soldados que tinham morrido no campo durante a noite. Ao acordar, contou o sonho aos camaradas no dormitório. Depois do pequeno-almoço, foi afixado o boletim diário do campo; a lista era exatamente a mesma que Ford tinha sonhado. Durante alguns dias isto continuou. Todas as noites sonhava com os nomes dos que tinham morrido, e todas as manhãs a sua lista era confirmada. Os outros soldados começaram a evitá-lo, como se fosse um arauto da morte. Ele depressa aprendeu a não falar dos seus sonhos, mas ficou profundamente perturbado por eles.

Ford recebeu baixa honrosa do Exército e regressou à Universidade de Transylvania em 1919. De volta ao campus, procurou a ajuda de um professor de psicologia que, ao longo dos anos, conquistara a reputação de ser invulgarmente compreensivo e solidário — o Dr. Elmer Snoddy. Na companhia bondosa de Snoddy, o jovem Ford contou toda a história das suas experiências psíquicas espontâneas, que nessa altura se tornavam cada vez mais numerosas e mais vívidas.

Não se tratava apenas dos episódios de Camp Grant, mas de muitos outros. Houve a ocasião em que viu, de forma vívida, o rosto do seu irmão George, exatamente no momento em que, mais tarde veio a saber, George estava a morrer de complicações decorrentes da gripe. Houve as experiências, no dormitório universitário, com mesas giratórias; a mesa adquiria extraordinárias capacidades de comunicação quando Arthur participava. Houve ainda o caso de Joe, um dos seus irmãos de fraternidade que também participara nessas experiências. Quando Joe estava no leito de morte, com pneumonia, chamou Arthur e deu-lhe uma palavra-código.

“Se isto te chegar”, disse Joe, “saberás que sou eu.”
Joe morreu. Um ano depois, Arthur recebeu a palavra-código enquanto participava numa sessão com outro médium.

“O que significava tudo isto?”, queria Arthur saber. Estaria de alguma forma mentalmente perturbado e, em caso afirmativo, como poderia ser curado? O amigável e erudito Snoddy explicou-lhe o que sabia sobre fenómenos psíquicos. Havia ocasiões, disse ele, em que a informação entrava na mente humana por meios ainda não totalmente compreendidos. Falou ao jovem Ford, que escutava com avidez, dos estudos então em curso para uma melhor compreensão desses fenómenos. O grande filósofo e psicólogo de Harvard, Dr. William James, tinha-se interessado profundamente por essas investigações e incentivava o estudo científico metódico desses fenómenos. Em Inglaterra, sob a égide da Sociedade Britânica de Investigação Psíquica e de pioneiros como Sir Oliver Lodge, Henry Sidgwick e Frederic Myers, tais estudos estavam muito avançados.

Entre esses estudiosos, disse Snoddy, a questão seria simples e clara. Ford era uma dessas pessoas raras: um médium. Não havia razão para que não aceitasse os seus dons, os desenvolvesse e os utilizasse ao serviço da humanidade. Profundamente tranquilizado, Arthur regressou aos seus estudos — e ao seu trabalho psíquico, aprendendo gradualmente a controlar as suas capacidades de forma ordeira para demonstração pública.

A partir daqui, Ford adaptou-se rapidamente ao seu novo papel de médium praticante. Muitas pessoas capazes e dispostas a ajudá-lo surgiram no seu caminho; ele procurou ativamente muitas outras. Em 1921, foi a Nova Iorque para ver a Sr.ª Gertrude Tubby, secretária da Sociedade Americana de Investigação Psíquica. A Sr.ª Tubby tratou de lhe proporcionar um encontro com o Dr. Franklin Prince e de lhe marcar sessões com alguns dos médiuns mais fiáveis da grande cidade.

Em 1922, casou-se, foi ordenado ministro cristão e nomeado pastor de uma igreja em Barbourville, Kentucky. Durante dois anos muito bem-sucedidos no ministério, continuou a frequentar sessões e aplicou-se diligentemente ao seu desenvolvimento contínuo como médium.

Enquanto estava em Barbourville, Ford recebeu a visita do Dr. Paul Pearson, que dirigia circuitos Chautauqua muito extensos por todo o Leste. Pearson revelou-se intensamente interessado em fenómenos psíquicos e tinha conhecido pessoalmente grandes estudiosos nesta área, como Sir Oliver Lodge e Sir Arthur Conan Doyle. Queria que Ford desse, no Verão de 1924, uma série de palestras sobre assuntos psíquicos na Nova Inglaterra. Ford aceitou. Foi o início da sua carreira como figura de palco de renome mundial — e foi o fim do seu casamento. A jovem Sr.ª Ford, uma rapariga do Kentucky com fortes laços à família da sua juventude, não quis ir para Norte com ele. Arthur, um grande sucesso no circuito de palestras, foi convidado a permanecer também para o ciclo de conferências de Inverno. Estava agora lançado. A sua noiva nunca foi para Norte, ele nunca regressou ao Kentucky e, com o tempo, divorciaram-se de forma amigável e algo perfunctória.

Arthur começou então a conhecer e a tornar-se pessoalmente próximo de algumas das grandes figuras daquele domínio de investigação sobre a natureza da psique humana que hoje se chama parapsicologia. A inspiração e o aconselhamento destes homens e mulheres capazes e experientes ajudaram-no a dar forma e expressão ao seu impulso de compreender mais plenamente a natureza do mundo para além da morte — o mesmo impulso que, quase meio século mais tarde, culminaria na publicação deste livro. Um desses homens foi o célebre swami do Extremo Oriente Paramahansa Yogananda, autor daquele clássico famoso na sua área, *Autobiografia de um Iogue*, e uma das grandes influências no alargamento e aprofundamento do entendimento entre os conceitos religiosos do Oriente e do Ocidente.

O próprio Yogananda era, naturalmente, um psíquico altamente realizado. Embora apreciasse plenamente os dons psíquicos de Arthur, atribuía menos importância a essas manifestações do que ao desenvolvimento da nobreza de espírito e de alma. Arthur nunca se tornou discípulo do ioga no sentido habitual. Tornou-se, isso sim, amigo de Yogananda. O grande swami (como Arthur Ford relatará nas suas próprias palavras num capítulo posterior deste livro) tinha ideias claras sobre a natureza do mundo além, baseadas em revelações visionárias

que considerava absolutamente fiáveis. À medida que a experiência de Ford se alargava, ia encontrando cada vez mais confirmações das perceções de Yogananda.

As aparições públicas de Arthur Ford incluíam uma palestra direta sobre fenómenos psíquicos, seguida de um "período de mensagens", durante o qual se colocava diante do público e transmitia a pessoas presentes o que afirmava serem mensagens identificativas de amigos e familiares falecidos. Grande parte da reputação mundial de Ford assentava na qualidade dessas mensagens. Há muitos milhares de pessoas (entre as quais eu) que testemunharão que essas mensagens continham informação identificativa que não podia, de modo algum, ter sido previamente combinada e não podia, de modo algum, ter tido origem em alguém que não fosse o indivíduo — agora desencarnado — que alegava ser o remetente.

Sempre tive curiosidade quanto ao estado exato de espírito de Ford quando essas mensagens "chegavam", e perguntei-lho. Aparentemente, era como se ele pudesse usar a mente como uma espécie de dispositivo de sintonização de frequências, para sintonizar diferentes comprimentos de onda da realidade existente. Quando o mundo quotidiano estava em foco nítido, o mundo dos desencarnados ficava difuso ou inexistente para a sua consciência. Quando rodava algum botão mental oculto para trazer com maior nitidez os pensamentos e a presença dos seres desencarnados, o mundo quotidiano tornava-se difuso.

Convém notar aqui que a fama de Arthur Ford assentava no facto de ser o mais eficaz médium "mental" do mundo. O adjetivo qualificativo "mental" é usado para distinguir os que transmitem mensagens de outra esfera de existência daqueles que produzem fenómenos físicos — vozes, luzes, movimento de mesas, cadeiras e objetos, levitações e assim por diante. O maior dos médiuns físicos foi D. D. Home, um americano do século XIX cujas demonstrações de telecinese (movimento de objetos físicos por meios mentais) espantaram observadores qualificados nos centros culturais da América e da Europa. O feito de Ford foi produzir o maior corpo de evidência

verídica registada da sobrevivência humana após a morte alguma vez oferecido à investigação psíquica por um único médium.

Creio que será útil, para uma compreensão mais plena de alguns capítulos posteriores deste livro, fixar o processo de "sintonização" de Ford. Segue-se a descrição, nas suas próprias palavras, deste estado mental, tal como aparece no relato da sua vida:

Aceitei um convite para dar palestras durante algum tempo na Primeira Igreja Espiritualista da cidade de Nova Iorque, que se reunia aos domingos à noite no Carnegie Hall. Tive a sorte de se tratar de uma audiência crítica, habituada a ouvir homens mais distintos do que eu e a ver excelentes demonstrações de dons psíquicos. Assim, tive de me esforçar e trabalhar no meu próprio desenvolvimento. Nessa altura, antes de ter terminado os meus estudos com o Swami Yogananda, a minha mediunidade ainda era algo esporádica e eu nunca sabia se obteria resultados ou não.

Quando estranhos queriam alcançar os seus familiares falecidos através de mim, eu estava disposto a servir de intermediário, mas por vezes não aparecia familiar nenhum! Como haveria eu de saber se os familiares se recusavam a comunicar com a família presa à Terra, ou se eu não estava devidamente ajustado para a transmissão? Por outras palavras: a linha estava em baixo ou simplesmente não havia ninguém do outro lado? Em geral, porém, numa reunião pública, algumas das pessoas na audiência tinham familiares prontos a conversar.

Descobri que a minha principal tarefa, nessas ocasiões, era tornar-me recetivo ao que quer que pudesse chegar. Em breve, o resultado foi uma capacidade relativamente consistente de me colocar diante de uma audiência, bloquear parcialmente as pessoas à minha frente, sentir como se estivesse prestes a entrar em transe mas sem perder a consciência e, então, permitir que personalidades desencarnadas ou me aparecessem diante de mim ou me impressionassem com uma descrição de si mesmas, enquanto, ao mesmo tempo, eu ouvia, sem palavras, as mensagens que desejavam transmitir.

Sempre que lançava a minha mente crítica para um estado cético, dizendo a mim próprio: "Este homem não pode chamar-se Gregory Klegory Tegory", e tentava substituir por algo que soasse mais sensato, falhava. Mas quando avançava e relatava o que ouvia ou via, o resultado era, normalmente, uma resposta de alguém na audiência.

Embora fizesse uma quantidade razoável de trabalho público, via-me como um amador e tinha plena intenção de entrar noutra profissão assim que aprendesse um pouco mais sobre o alcance da mente. Lembro-me do dia em que percebi que os meus próprios poderes psíquicos já não me pareciam estranhos. Se tivesse procurado uma analogia, suponho que teria dito que agora me sentia como um cavalo com as vendas removidas. Estava menos limitado. O universo alargara-se. Sobretudo, a vida fazia mais sentido, porque, aparentemente, a morte não punha termo aos esforços do homem nem à sua preocupação pelos seus entes queridos.

À medida que o meu trabalho público aumentava, eu costumava desejar que existisse alguma forma de conter a multidão de desencarnados que se comprimia à minha volta. Por vezes eu "via-os", por vezes sentia-os, mas, de uma forma ou de outra, muitas vezes eram demasiados. Deveria existir algum método, ou alguém, para os manter em ordem, para determinar precedências. Eu tinha de aceitar quem clamasse mais alto, por mais silencioso que fosse o clamor. O que era necessário era um mestre-de-cerimónias invisível. Foi nesta altura que um parceiro entrou na minha vida, e Fletcher tornou-se o meu braço direito.

A maior parte dos médiuns, no seu trabalho profissional, está estreitamente associada a uma personalidade desencarnada chamada "controlo" — uma espécie de mestre-de-cerimónias psíquico que se apodera do aparelho vocal do médium e assume a condução dos trabalhos durante sessões em transe, enquanto o próprio médium permanece em transe e, para todos os efeitos, adormecido. Nos primeiros anos da sua mediunidade, Arthur Ford trabalhou sem um controlo. Depois, subitamente, em 1924, uma personalidade irrompeu numa das sessões de Ford e, usando a caixa vocal de Ford adormecido,

disse: "Quando Ford acordar, digam-lhe que, a partir de agora, serei o seu controlo e que uso o nome Fletcher."

Naturalmente curioso quanto à identidade do seu novo associado desencarnado, Ford pediu a participantes em sessões posteriores que descobrissem tudo o que pudessem. Fletcher forneceu generosamente informação, estabeleceu-se como uma pessoa por direito próprio e acabou por se tornar tão amigo dos participantes habituais das sessões de Ford como o próprio Arthur. Fletcher deu o seu apelido e todos os detalhes sobre a sua vida e a sua morte. Por razões suas, Arthur nunca tornou público o apelido do seu controlo. Essa tradição será, naturalmente, respeitada aqui, mas estamos livres para publicar a biografia de Fletcher com algum detalhe considerável.

Durante a infância de Arthur, existira uma pequena colónia de franco-canadianos a viver do outro lado do rio, em frente ao local onde os Ford viviam. Uma das razões para ocultar o apelido de Fletcher vinha do próprio Fletcher: a sua família era de católicos romanos firmes. Tinham ideias fixas sobre a natureza da vida após a morte que não correspondiam de todo aos factos tal como Fletcher os tinha vivido e observado; não queria expô-los publicamente ao embaraço de uma verdade desconfortável. A família de Fletcher tinha deixado Fort Pierce e regressado ao Canadá. Fletcher alistara-se na Primeira Guerra Mundial e fora morto em combate.

Deu inúmeros detalhes sobre si mesmo que Ford mais tarde conseguiu confirmar: a unidade militar a que pertencia; a natureza e o local da sua morte; os membros sobreviventes da sua família e as respetivas moradas. "Bem, verifiquem", era uma frase característica usada por Arthur Ford sempre que alguém punha em causa algum facto surpreendente ou invulgar que surgisse numa sessão. Muitas vezes seguia o seu próprio conselho — e fê-lo no caso de Fletcher. Em todos os detalhes, Fletcher "confirmou-se".

Desde a morte de Arthur Ford, muitos têm perguntado: "E agora, o que fará Fletcher? Tornar-se-á o controlo de algum outro médium? 'Fecha a loja'? O que fará?" Fletcher deu-nos a resposta a estas

perguntas. As suas respostas são-nos apresentadas por Arthur Ford nos capítulos posteriores deste livro.

Em 1926, Arthur Ford foi, pela primeira vez, catapultado para as manchetes dos jornais em todo o mundo. Nessa altura, a figura principal nos circuitos internacionais de vaudeville era um mágico maravilhosamente engenhoso chamado Harry Weiss, que trabalhava sob o nome profissional de Houdini. Após a morte da mãe de Houdini, a quem era profundamente ligado, o grande mágico procurou sessões com numerosos médiuns. Sendo um especialista transcendental em todas as formas de ilusão, Houdini conseguia detetar facilmente as fraudes entre eles. A impostura neste domínio — uma área que toca tão de perto as esperanças mais profundas do ser humano — enfurecia o mágico. Percorreu o país, procurou sessões com todos os médiuns que conseguiu encontrar, expôs impiedosamente os impostores e fez manchetes sensacionalistas sempre que o fazia.

No entanto, as suas investigações acabaram por ter nele um efeito sóbrio. Alguns dos médiuns com quem se sentou não podiam ser desmascarados: não eram fraudulentos. As suas mensagens pareciam ser o que afirmavam ser — isto é, comunicações diretas de pessoas tidas como mortas.

Isto deixou Houdini pensativo. Decidindo pôr a questão à prova final, fez um acordo com a esposa, Beatrice: quem morresse primeiro tentaria comunicar com o outro, usando um código especial, elaborado e previamente acordado, que identificaria positivamente o remetente, para lá de qualquer dúvida possível. Houdini morreu em 1926.

Em 1927, Arthur Ford fez a sua primeira digressão de palestras em Inglaterra. A sua primeira apresentação foi perante uma audiência muito numerosa em Londres e foi feita por Sir Arthur Conan Doyle. Um relato elogioso do acontecimento, incluindo grandes louvores à atuação de Ford por parte de Doyle, apareceu no jornal da manhã seguinte. A reputação de Arthur Ford estava agora tão solidamente estabelecida na Europa como na América. Conheceu e passou a relacionar-se com as figuras de proa da Sociedade Britânica de Investigação Psíquica, incluindo Sir Oliver Lodge, e marcou sessões com os principais médiuns

de Inglaterra. Quando regressou à América, em 1928, era mais do que nunca requisitado como conferencista e recebia mais pedidos de sessões privadas do que poderia acomodar.

Importa agora deixar claro que Ford não gostava de Houdini; considerava grande parte das "exposições" do mágico preconceituosas, espalhafatosas e injustas. Por isso, ficou muito surpreendido quando, ao despertar do transe após uma sessão a 8 de Fevereiro de 1928, lhe disseram que tinha transmitido uma mensagem da mãe de Houdini: a palavra única "perdoa". Durante a sessão, a mãe de Houdini, falando através de Ford, explicou que essa era a mensagem que ela e o seu filho Harry tinham acordado, antes da sua morte, como aquela que a identificaria de forma positiva. Por causa da antipatia de Ford por Houdini, não sentiu necessidade de fazer o que quer que fosse com a mensagem. Outros presentes, porém, tomaram a iniciativa de avisar a Sr.ª Beatrice Houdini.

A Sr.ª Houdini expressou de imediato, e publicamente, o seu espanto e alegria. Era a única, entre milhares de supostas mensagens que lhe tinham sido transmitidas, que estava correta. A mãe de Harry não conseguira "passar" para ele enquanto este foi vivo. Agora que se abrira um canal, disse ela, o próprio Harry conseguiria vir com a mensagem acordada para a sua esposa.

As mensagens que se seguiram nas semanas seguintes revelaram-se uma das grandes comunicações clássicas nos anais da investigação psíquica. Estavam invulgarmente bem documentadas. Um editor da *Scientific American* esteve presente em todas as sessões. Levou consigo um taquígrafo que registou cada palavra proferida. Quando toda a comunicação ficou concluída, a Sr.ª Houdini confirmou que era, de facto, a longa comunicação cuidadosamente formulada, transmitida no código complexo que Houdini e a esposa usavam juntos no seu número de vaudeville, e acordada antes da morte de Houdini como identificação inequívoca.

Esta notícia fez manchetes ainda maiores do que a campanha original de desmistificação de Houdini. O nome de Arthur Ford esteve

nos jornais durante muitas semanas. Tornara-se agora famoso em todo o mundo.

Os vinte anos seguintes da vida de Ford foram feitos de extremos vertiginosos de triunfo e desastre. Por um lado, a sua fama espalhou-se e a sua autobiografia foi publicada por uma grande editora. No extremo oposto, foi apanhado por uma sequência quase inacreditável de catástrofes pessoais. Por um lado, desenvolveu a doença cardíaca que — em Janeiro de 1971 — acabaria por matá-lo. Por duas vezes sofreu ataques cardíacos quando estava sozinho e, por "pura sorte", a ajuda e a reanimação chegaram no último instante.

Em 1930, ele, a sua irmã (que também se mudara para Nova Iorque) e um amigo fizeram uma viagem à Florida para visitar os pais. No regresso, o carro foi atingido por um camião. A irmã e o amigo morreram. Ford, com fraturas, lacerações e lesões internas, ficou no hospital com poucas probabilidades de recuperação. Durante a convalescença, o médico assistente administrou-lhe quantidades imprudentes de morfina. Meses depois recuperara das lesões físicas — mas fez a horrível descoberta de que se tornara dependente de morfina. Submeteu-se à dolorosa abstinência "a seco" e largou o vício. Depois disso, porém, viveu num estado de tensão nervosa quase insuportável.

Um amigo sugeriu-lhe que bebesse um copo de vez em quando para aliviar essa tensão. Até então, Ford era abstémio. Experimentou álcool e descobriu que gostava. Uns anos mais tarde, descobriu que gostava demasiado. "Eu metia-me em algumas bebedeiras bastante fortes", disse-me mais tarde, com um brilho no olhar. Era um eufemismo. Estava agora tão desesperado com o álcool como estivera com as drogas. Foi então que os Alcoólicos Anónimos vieram em seu auxílio. Ficou-lhes eternamente grato. A partir daí, a sua fotografia emoldurada e autografada de Bill Wilson acompanhava Arthur Ford para onde quer que viajasse. Era o primeiro objeto a ser desempacotado e estava sempre exposto num local de destaque.

Por essa mesma altura, eu também tinha vindo a conhecer Bill. Foi através de Bill, como já disse, que Arthur e eu nos conhecemos pela primeira vez.

Durante os vinte anos da nossa amizade "deste lado da Terra", vi Arthur Ford em todos os seus estados de espírito e em vários locais de residência. Visitou-me em Indiana, durante o meu professorado; na minha casa de Verão em Cape Cod; e na minha atual casa em Guilford, Connecticut. Visitei-o no seu apartamento em Nova Iorque, quando lá vivia; no seu apartamento na Filadélfia, depois de se ter mudado para essa cidade; e na sua casa em Coral Gables, Florida. Quando Arthur o aceitava como amigo, a sua devoção era inabalável. Exceto quando estava num dos seus humores negros (eu aceitava os dele como ele aceitava os meus), era um conversador fascinante e um companheiro encantador.

As nossas conversas iam desde a pura parvoíce bem-humorada, passando por toda a gama da conversa trivial, troca de anedotas e franca bisbilhotice, até mergulhos súbitos no que havia de mais profundo na vida do homem, na intenção cósmica de Deus e na estrutura do universo.

A nossa amizade teve estranhos cruzamentos. Um deles foram as nossas relações independentes com o falecido bispo James Pike. Quando Pike começou a atrair atenção pública pelas suas ideias progressistas, fiz um perfil longo sobre ele para uma revista. Durante as entrevistas, vim a conhecê-lo bastante bem. Conheci a sua esposa e o filho que mais tarde viria a fazer manchetes trágicas em todo o mundo. Quatro anos depois, Ford conheceu Pike. O filho de Pike cometera suicídio; o bispo interessara-se por fenómenos psíquicos, obtivera uma sessão com Ford e, através dele, estivera em contacto direto — assim o afirmava — com o seu filho "falecido". Mais uma vez, o nome de Arthur Ford estava nas manchetes dos jornais de todo o mundo.

"Neste novo livro", disse-me Arthur Ford no início da fase de planeamento do presente volume, "não quero entrar em nada de evidências. Do meu ponto de vista, a evidência da sobrevivência humana após a morte já está estabelecida. As pessoas podem olhar

para ela ou não, podem acreditar nela ou não, mas essa parte do trabalho está feita — e bem feita.

"O que quero agora é partir daí e avançar para a questão de como é, de facto, depois de morrermos. Quero falar da própria experiência — da qualidade, substância e conteúdo da vida nesses outros planos."

Como seu amanuense, eu tinha instruções. Seguimos por aí até que, a 19 de Dezembro de 1970, data da última carta que Arthur Ford me escreveu, todo o planeamento, discussão e investigação para o livro já estavam concluídos, e um contrato editorial, à espera da sua assinatura, encontrava-se sobre a sua secretária. Tudo o que restava era eu passar os seus pensamentos à máquina. A sua extraordinária última carta, que em breve citarei com alguma extensão, continha aquilo que acabaram por ser as suas instruções finais sobre este trabalho. Ele morreu a 4 de Janeiro de 1971.

Porque penso que isso acrescentará tanto à compreensão e ao prazer deste livro, porque ajudará a definir a área especial e limitada que o livro se propõe iluminar e porque acrescentará algo ao registo de como este homem singular conduziu o seu trabalho sem precedentes, acrescento aqui algumas palavras preliminares sobre a forma como trabalhámos em conjunto.

Embora fosse infalivelmente articulado e, muitas vezes, brilhante na tribuna, pôr o que quer que fosse por escrito parecia um tormento para Arthur Ford. Evitava esse labor sempre que podia e, quando não podia, produzia um rascunho para que outra pessoa o editasse e o preparasse para publicação. Essa tarefa coube-me a mim. Era uma situação à la Jack Sprat e esposa. Eu gosto de escrever e achei o material fascinante. Entendemo-nos.

O facto de Arthur Ford ter lido incessantemente e sobre um vasto leque de temas ao longo de toda a vida é importante para explicar a qualidade invulgar da sua mediunidade. Segundo a sua própria teoria da comunicação desencarnada através de mediunidade de transe, o comunicante tem de trabalhar com o vocabulário e o "capital" intelectual disponível do médium. Se o comunicante tentar uma

comunicação subtil, de alto nível e complexa, pode ver-se frustrado e a sua mensagem distorcida se esse capital disponível no médium for escasso. O facto de terem passado com clareza mensagens inteligíveis, supostamente vindas de uma gama tão ampla de especialistas — engenheiros, arquitetos, cientistas, médicos, cirurgiões, técnicos espaciais, cantores de ópera, estadistas e escritores — é um tributo à erudição de Ford, bem como à rara qualidade do seu dom.

Ford lia não apenas de forma extensa, mas também de forma criativa. Comparava constantemente o que lia com a sua própria experiência e observação. Se aquilo que lia não coincidia com o que sabia ser verdade, simplesmente punha-o de lado. Se coincidia, arquivava-o na sua vasta memória e voltava a isso vezes sem conta. Uma boa parte do meu trabalho editorial com ele era feita através de referências a algo que tivesse lido.

"Nesta matéria em particular", dizia ele, "vou com Myers até aqui, mas, a partir daqui, mantenho ideias um pouco diferentes." E então expunha a sua própria perspetiva. Ele precisava e apreciava o reforço de outras mentes e só se afastava de preceitos estabelecidos quando a urgência da sua própria experiência o obrigava. Uma vez, quando estávamos a trabalhar em *Unknown but Known*, eu tentava clarificar um ponto importante acerca da sua técnica de meditação. Ele fez uma ou duas tentativas de mo explicar e depois, quase exasperado, exclamou: "Tu já o disseste! Tu já o disseste!" Em seguida, citou com exatidão algo que eu tinha escrito anos antes e de que quase me esquecera.

Estes episódios, que foram muitos, indicam como Ford se via a si próprio em relação ao campo total da parapsicologia. Não se considerava um inovador. Trabalhou para dar o seu contributo, fosse ele qual fosse, num campo já descoberto e amplamente cartografado por outros. À medida que a evidência da sua própria mediunidade se acumulava à sua volta, começou a sentir que o seu contributo específico seria deixar um volume sem precedentes de material probatório e verificável, indicando que os que morrem não estão mortos, mas vivem.

Os que o conheciam estavam cheios de admiração pelo vigor — e por vezes chocados com a temeridade — com que se entregava à sua

tarefa. Um sentido determinado e exclusivo de elevado propósito foi uma das características dominantes da sua vida. Embora os seus aposentos por vezes dessem uma impressão de desordem, e embora ele andasse pelo país e pelo mundo numa correria aventureira e desenfreada, nunca houve um momento em que essas deslocações não fossem motivadas por algum propósito elevado.

No início, era a simples concretização da intenção da sua juventude: pregar a palavra de Deus no púlpito de alguma igreja de bairro. À medida que os seus dons psíquicos se tornaram claros para si, foi impelido, a qualquer custo, a descobrir o significado pleno desses dons e a colocá-los ao serviço do melhor uso possível. Uma vez conseguido isso, conseguia ver delineada diante de si a forma do trabalho da sua vida: manter-se, ele e o seu trabalho, sempre disponíveis para investigação por cientistas qualificados; tornar a evidência acumulada acessível a todos os que manifestassem interesse nas verdades extraordinárias que ele ajudava a revelar; e, finalmente, depois de a evidência ter sido reunida em quantidade e qualidade irrefutáveis, espalhar a mensagem, entre seres humanos dominados pelo terror, de que nada havia a temer na morte.

À exceção da doença cardíaca que o atormentou nos últimos vinte anos de vida, Arthur Ford tinha a constituição física de um boi saudável. Embora não fosse muito alto — talvez um metro e setenta e cinco — o rosto redondo, o pescoço grosso, os ombros pesados e o peito robusto davam-lhe o aspeto de um homem grande. Tinha grande força física e, mesmo depois de ter conhecimento da sua doença cardíaca, gastava-a com imprudência.

Durante os últimos vinte anos da sua vida, desenvolveu um padrão que os amigos aprenderam a prever, mas perante o qual se sentiam impotentes para intervir. Uma ronda extenuante de palestras deitava-o por terra com um ataque cardíaco. Seguia-se um período de convalescença, após o qual assegurava a todos que "nunca esteve tão bem".

As duas décadas finais da vida de Arthur Ford foram cheias de sustos de cortar a respiração. Uma vez, Bill Wilson, cofundador dos AA,

seguia pela rua quando foi tomado por uma sensação poderosa de que "devia passar para ver o Art Ford". Ford vivia então em Nova Iorque. Bill, ocupado com um recado importante, tentou resistir à sensação. Mas ela foi crescendo até que, como Bill me disse, "fui praticamente obrigado a ir ao apartamento do Arthur". Encontrou a porta aberta, o telefone fora do descanso e Ford inconsciente no chão, ofegante com um ataque cardíaco. Bill, naturalmente, chamou ajuda médica, que felizmente chegou a tempo.

Noutra ocasião, na Florida, um visitante "por acaso" apareceu no exato momento em que Ford estava a ter outro ataque cardíaco quase fatal. O visitante "calhou" ser um dos membros séniores da equipa médica espacial de Cape Kennedy e especialista do coração (Ford conhecia várias pessoas do meio espacial e era frequentemente consultado por um dos nossos astronautas que caminhara na Lua).

Outra vez, um ataque cardíaco apanhou-o a meio de uma sessão. O participante, alarmado, ordenou a Fletcher que acordasse Ford do transe — o que Fletcher fez — e chamou ajuda médica.

Estes avisos não alteraram em nada o padrão de pressa-correria-fúria-e-colapso de Ford. Numa noite de Janeiro, ventosa e perto de zero, lembro-me de Arthur ter dado uma das suas palestras públicas a um auditório cheio na Riverside Church, em Nova Iorque. Depois da palestra, vários de nós fomos convidados para o apartamento de um amigo, a uma dúzia de quarteirões dali. Sabendo da saúde precária de Arthur, alguns de nós tentámos convencê-lo a esperar na igreja até conseguirmos arranjar um táxi. Arthur não quis saber e avançou a passo rápido pela encosta acima, contra um vento gelado. A meio caminho, começou a sentir fortes dores no peito. Desta vez, as dores não evoluíram para um ataque cardíaco completo, mas assustou-nos a todos.

Por possuir enorme força física, Arthur nunca se conseguia habituar ao facto de ser inválido. Certa vez, no início de 1968, veio da Filadélfia, onde vivia então, para uma reunião na minha casa em Connecticut, para planear o seu livro *Unknown but Known*. Fui buscá-lo à estação. Vi-o a caminhar na minha direção ao longo da plataforma, a

carregar uma mala enorme com a facilidade com que uma rapariga carrega a carteira. "Aqui", disse eu, fazendo o papel de anfitrião acolhedor, "deixa-me levar isso." Estendi a mão para a mala, ele largou-a e ela caiu ao chão, quase deslocando o meu braço da articulação do ombro. "Meu Deus, Art", disse eu, "o que é que tens aqui dentro? Ferro-gusa?"

"Trouxe alguns livros que achei que gostarias de ver."

"O teu médico disse alguma coisa sobre levantar pesos?"

Ford limitou-se a sorrir, meio tolo, e começou a falar de outra coisa. Quando o ataque cardíaco que o atingiu nos primeiros dias de 1971 se revelou o último, nenhum de nós, que o conhecíamos, ficou surpreendido. Nunca aprendera a cuidar de si.

Tinha, no entanto, uma preocupação constante e dominante com cuidar dos outros. Tinha amigos em todo o espectro humano, do juiz ao delinquente, e preocupava-se com todos. Exceto por esta breve menção, deixarei as suas amigas para os seus biógrafos. Estas dividiam-se nitidamente em dois grupos: o público e o pessoal. Ford era venerado como santo e guru por centenas, senão milhares, de mulheres, e evitava enredos com todas.

Nos vinte anos em que o conheci, Arthur teve compromissos profundos apenas com duas mulheres. Um deles terminou com a morte da mulher, por cancro. Arthur ficou inconsolável e devastado. Passou algum tempo até formar outro vínculo profundo com uma mulher. Esse acabou com a sua própria morte. Homem ou mulher, uma vez concedida a amizade, em Arthur era coisa duradoura e fiável.

Alguns desses amigos, sem saberem — ou sem se importarem — com o facto de ele ser inválido, faziam exigências escandalosas ao seu tempo e às suas forças. Uma vez, um comentador de uma cadeia de rádio de Nova Iorque e eu, tendo ouvido que Arthur estava em dificuldades, descemos à Filadélfia para ver o que podíamos fazer. Encontrámos Arthur doente, a provar a sua própria "medicina" auto-prescrita, e sem dormir, sob as exigências de dois jovens que ele "tentava ajudar". Um era esquizofrénico, recém-saído de um hospital

psiquiátrico no interior do estado de Nova Iorque, e que de algum modo chegara até Ford com uma história que despertara a simpatia de Arthur — a sua bela jovem namorada tinha morrido sob os cuidados de um médico incompetente.

O outro, um jovem expedito na casa dos trinta, era um ex-recluso, recém-libertado após uma longa pena numa penitenciária por uma acusação que, convencera Ford, era injusta. Nenhum deles tinha a sensibilidade para ver a necessidade de Arthur, nem a competência para fazer algo a respeito. Eram, achámos o homem da rádio e eu, sanguessugas do tipo mais inconsiderado. Mas a amizade solícita de Ford dirigia-se a eles tão generosamente como aos distintos senadores, congressistas, juristas, governadores de estado e intelectuais que o procuravam.

Tudo isto pode ser considerado periférico ao interesse central da última década da sua vida — a *Spiritual Frontiers Fellowship*. Aqui, sentia ele, estava a melhor esperança de despertar o seu país do que considerava ser um transe materialista. Com os seus colegas clérigos da SFF e o círculo de cientistas dedicados, líderes intelectuais, psíquicos talentosos e cidadãos preocupados que os acompanhavam, concentrou a sua esperança e uma grande parte da sua atividade.

Para além de exercer a sua própria mediunidade, uma das principais atividades de Ford era treinar outros jovens psíquicos promissores, para desenvolverem os seus dons naturais e os usarem com a maior eficácia. Nisto, insistia, o mais importante era a concentração. Eram os seus próprios poderes invulgares neste domínio que lhe permitiam entrar em transe quando queria. Era pela concentração que também fazia atuar as suas capacidades percetivas, como a clarividência e a precognição.

Embora nunca se tenha visto a si mesmo como profeta, nem tenha enfatizado a precognição como uma parte importante da sua mediunidade, um estudo cuidadoso do seu trabalho revelaria quase tantos "acertos" precognitivos quanto os da célebre profetisa de Washington, Jeane Dixon. No entanto, tenho ordens para não sublinhar

o seu registo probatório — "isso já foi feito". Limito-me a referir os seus poderes de concentração.

Certa vez, enquanto eu o conduzia pelo Connecticut e falava longamente sobre qualquer coisa, reparei que ele não respondia há alguns minutos. Olhando para ele, vi que estava mergulhado nas suas próprias reflexões. "Desculpa, Jerry", disse, "eu estava a tentar encontrar o Pike." Isto foi na altura em que o bispo James Pike estava desaparecido num deserto do Médio Oriente. Através da sua clarividência, Ford conseguiu descrever a situação de Pike durante as últimas horas de vida do bispo, vários dias antes de o corpo de Pike ser encontrado. O esforço de tal concentração deve ter sido enorme. Muitas vezes especulei se os intervalos de desorganização aventureira e algo caótica que pontuavam a vida de Arthur não seriam simplesmente o funcionamento de uma espécie de válvula de segurança psíquica, libertando-o temporariamente da enorme pressão que tal concentração devia criar.

Arthur Ford era uma espécie de Santo André moderno — encontrava um prazer especial em apresentar pessoas cujo encontro pudesse produzir algum resultado criativo. Se um amigo do meio empresarial estava a formar uma nova empresa cujas possibilidades Ford considerava promissoras, fazia tudo o que podia para encontrar investidores. Se um dos seus amigos literários publicava um novo livro — isso aconteceu várias vezes ao longo da minha amizade com Arthur — ele certificava-se de que pessoas em posição de aumentar a influência e o número de leitores da obra tomavam conhecimento dela, em condições favoráveis. Se achava que alguém estava só, doente ou com algum tipo de problema, tentava providenciar apresentações que pudessem trazer o ingrediente de vida necessário.

Arthur Ford possuía um sentido muito forte do que deve ser chamado a imediatismo da história. Para ele, a História, sobretudo na sua forma bíblica, não era um registo morto de acontecimentos passados, mas um relato vivo e perspicaz dos tipos de coisas que realmente acontecem no nosso universo — coisas que o homem

moderno, embalado numa deriva materialista que tem de ser breve se quiser sobreviver, escolheu apagar do registo ou ignorar por completo.

"O Novo Testamento inteiro", dizia ele, "bem entendido, é um registo invulgarmente atento de fenómenos psíquicos, de um tipo que ainda hoje ocorre, em torno de um grupo de médiuns fora do comum — um dos quais foi supremamente inspirado. Telepatia, clarividência, aportes, telecinese e curas não medicinais continuam hoje, tal como continuavam nos tempos de Francisco de Assis, Jesus de Nazaré, José e Moisés.

Como exemplo, até o mais materialista dos médicos não pode ignorar os Alcoólicos Anónimos como o exemplo mais notável de cura pela fé do nosso tempo. A medicina falhou por completo em travar as devastações do terceiro maior assassino do nosso tempo — o alcoolismo. A ciência psiquiátrica não fez melhor. Só os AA, usando técnicas que não são nem médicas nem psiquiátricas, mas puramente espirituais, têm produzido recuperações de forma consistente — e produzido-as regularmente, ano após ano, durante mais de três décadas — até atingirem agora as centenas de milhares."

Arthur Ford não conseguia afastar a sensação de que os modernos, deslumbrados com o triunfo vistoso e superficial da tecnologia, subestimavam profundamente a sabedoria dos antigos e, ao fazê-lo, punham em risco a própria sobrevivência. Ford, naturalmente, não estava sozinho nesta convicção. Um registo notável de um desses fenómenos — a cura — foi feito numa conferência em Wainwright House, Rye, Nova Iorque, que patrocinou muitos fóruns importantes onde Ford fez muitas aparições.

Durante a década de 1950, uma conferência de Wainwright House sobre cura espiritual atraiu participantes desde Londres, a leste, até Los Angeles, a oeste. Estiveram presentes professores de medicina, cirurgia e psiquiatria de escolas médicas famosas; diretores clínicos de hospitais reputados; médiuns de transe, curadores pela fé e psíquicos; clérigos; médicos em exercício; e leigos. Todos concordaram que o fenómeno, variadamente chamado recuperação espontânea, cura espiritual e cura pela fé, era uma realidade padrão e frequentemente repetida da

experiência médica do nosso tempo, atuante tanto nas doenças mais temidas como nas mais triviais. Ford queria que os modernos levassem mais a sério o testemunho dos antigos — não apenas por ser antigo e venerável, mas porque era essencial à nossa sobrevivência compreendê-lo.

Nem tudo o que era consagrado pelo tempo era igualmente respeitado por Ford; algumas noções antigas e medievais considerava-as abomináveis. Nas suas palestras, nunca se cansava de repreender pregadores, antigos e modernos, que tentavam incutir medo no coração dos ouvintes — especialmente nas crianças — com histórias horrendas de um inferno reservado aos que se portassem mal. Os que conheciam bem Arthur chamavam a esta tirada a sua "palestra do vai-o-inferno-com-o-inferno".

Existe, talvez, uma razão biográfica para a aversão de Ford a esse tipo de coisa. Sermões de fogo e enxofre sempre foram — e ainda são — uma parte importante de certo estrato religioso no Sul dos Estados Unidos, e Arthur ouvira, sem dúvida, a sua quota deles em criança. Conseguia divertir-nos com relatos de sermões que tinha ouvido. "Havia um velho diabo que costumava dizer às crianças da escola: 'Se não tiveres cuidado, aquele homem vai descer já daí dessa cruz, pegar em ti e levantar-te bem alto no ar e atirar-te para o canto mais quente, mais negro e mais fero de todo o inferno.'"

Ford atacava a falsidade e a superstição que nos chegaram da antiguidade com tanta energia quanto defendia o conhecimento antigo que a sua própria experiência o levava a crer ser verdadeiro. No que toca a este livro, as suas instruções sobre as passagens históricas foram extensas e explícitas. A sua própria experiência resumia-se numa das suas palestras mais populares, cuja substância era: "Nós sobrevivemos à morte. Sobrevivemos à morte independentemente de termos sido bons ou maus. Sobrevivemos com memória, personalidade e capacidade de reconhecimento."

Ford acreditava que a ciência física moderna estava tragicamente desviada e era, no essencial, anti-científica, e que a adulação que um

público enganado lhe dedicava era, na verdade, a adoração em massa de um falso deus.

"A ciência física tem muito saber-fazer, mas muito pouco saber-o-quê ou saber-porquê. Ao analisar uma nota, perde a sinfonia; ao estudar um átomo, falha um universo. Como resultado, incita-nos a fazer com eficiência cada vez maior coisas que nunca deveriam ter sido feitas, em primeiro lugar."

Se eu tivesse inclinação para procurar inevitabilidades retrospetivas, poderia encontrar algo de "inevitável" nas minhas colaborações literárias com Arthur Ford. É certo que tínhamos muito em comum. Tínhamos muitos amigos em comum. Cada um de nós perdera uma irmã amada. Ambos tínhamos sido casados e divorciados e tentado de novo. Ambos tínhamos tido contactos sérios com o hábito da bebida. Ambos gostávamos de trocar histórias e deleitávamo-nos com um divertimento puramente disparatado. Ambos, desde a infância, estávamos incendiados por um fascínio pelo universo criado e por uma curiosidade interminável sobre o seu significado profundo.

Ambos éramos movidos pelo que se poderia chamar um sentido de missão pública. Ambos sentíamos que a humanidade tomara um desvio errado e que era nosso dever gritar um aviso. Embora tivéssemos chegado lá por caminhos muito diferentes, chegámos à mesma conclusão sobre a ciência física moderna. Na educação de Arthur quase não havia ciência natural; na minha havia tal superabundância que a sua superficialidade essencial se impôs à minha atenção e me impeliu a procurar dimensões mais amplas e mais profundas. No conjunto, parecíamos achar mutuamente recompensador trabalhar em conjunto. Trabalhar com este homem extraordinário foi uma das grandes iluminações da minha vida.

A 19 de Dezembro de 1970, Arthur, consciente da gravidade da sua doença, escreveu-me a sua última carta. Esta — omitindo certos pormenores pessoais e de negócios irrelevantes — é a carta:

Caixa Postal 1149
South Miami, Florida
19 de Dezembro de 1970

CARO JERRY ELLISON:

Desde que regressei de Nova Iorque, fiquei de cama com mais um ataque cardíaco. Isso explica o meu longo silêncio. Tive um enfermeiro e assim consegui evitar outra estadia no hospital. Tenho o contrato do livro e vou assiná-lo e devolvê-lo este fim-de-semana. Os editores, sem dúvida, entrarão em contacto contigo. O material está definido, mas terás de organizar o livro e escrevê-lo. Eu simplesmente não estou em condições. Mas quero, sim, tirar este livro do meu sistema. Acho-o importante.

Das muitas milhares de cartas que me chegaram nos últimos anos, pelo menos 80% fazem a pergunta: o que acontece depois da morte? Quero que este livro seja uma espécie de dedução honesta e lógica, retirada do trabalho sério que tem sido feito. Não planeio apresentar muitos casos e esse tipo de coisa. Saberás como lidar com isso. Houve muitos elogios ao último livro.

Espero que me ajudes a levar isto até ao fim da mesma forma maravilhosa como fizeste com o anterior. Imagino que esta seja a minha contribuição final para a Causa.

A minha condição cardíaca não é propriamente de me matar em breve. É angina e, se eu não fizer nada demasiado extenuante, fico bem. Mas pode ser muito dolorosa e há alturas em que mal consigo andar. Portanto, devagar e com cuidado.

Este ano estou simplesmente a ignorar o Natal. Mas envio-te a ti e aos teus os meus votos de um bom Ano Novo. Um abraço a todos,
ART

Certos traços desta carta levam-me a pensar que era tanto uma declaração para registo como uma comunicação pessoal. Por um lado, há nela uma formalidade que não era o estilo habitual de Arthur quando me escrevia. Esta é a única nota que alguma vez recebi dele em que sou

tratado pelo primeiro e pelo último nome; a sua saudação habitual era simplesmente "Querido Jerry". Não há nada na carta que já não estivesse entendido entre nós. Creio que a escreveu, em parte, para garantir que eu concluiria o trabalho que tínhamos começado e, em parte, para me fornecer uma prova clara de que o livro era uma colaboração longamente planeada e cuidadosamente construída.

Entrou nela muito mais do que os poucos meses de planeamento e discussão que precederam o ato de a pôr no papel. Está lá toda a riqueza de vinte anos de pensamentos em desenvolvimento de Arthur Ford sobre o problema da vida após a morte, assimilados por alguém que o conhecia bem. Está lá a sua própria seleção de fontes preferidas e as notas marginais da sua biblioteca. Está lá o seu relato falado da sua experiência fora do corpo e das três vezes na sua vida em que, em coma profundo, esteve à própria porta da morte.

Por fim, e de forma conclusiva, há os relatos — trazidos até nós através de Arthur e de Fletcher e por outros canais — proferidos por aqueles que efetivamente vivem a vida que é o tema deste livro: a vida para além da morte. Em todos os aspetos, trata-se de uma revisão fiel do melhor que se sabe sobre este assunto, por Arthur Ford, tal como ele orientou que fosse contado.

JEROME ELLISON

I

Vibrações, Evolução, Crescimento Pessoal

Durante algum tempo, depois de ter feito a inquietante descoberta de que o meu corpo podia ser usado como uma espécie de linha telefónica entre um reino do ser e outro, nunca garanti resultados nas minhas sessões. As pessoas no sector desencarnado do espectro do ser são como as pessoas na Terra neste aspeto: são pessoas. Se querem vir, vêm; se não querem, não vêm — e por vezes não vinham.

Depois de Fletcher ter surgido para trabalhar comigo, os resultados tornaram-se muito mais consistentes, mas ainda assim havia queixosos. "Eu estou disposto a alinhar com isto", disse uma vez um provocador de médiuns, "se garantires, com toda a certeza, que me trazes Sócrates."

"Eu trago-te Sócrates", respondi, "se tu me garantires, com toda a certeza, que a pessoa que eu te trago é Sócrates."

Neste pequeno confronto está o núcleo de uma das considerações mais importantes que quero transmitir neste livro: o factor do crescimento pessoal. Será que o Sócrates de hoje teria as mesmas preocupações e defenderia as mesmas doutrinas que o caracterizavam no século V a.C.? Tens hoje os mesmos interesses, crenças e bagagem de experiência que tinhas há uma, duas, três ou quatro décadas? Este factor do desenvolvimento psíquico é uma das chaves para se alcançar uma compreensão mais plena desses reinos do ser para além do plano da biologia terrestre.

O impulso de crescimento que é um ser humano é imaterial. Ele toma e descarta os materiais necessários às suas etapas progressivas de crescimento. Depois de certa fase, os seres humanos na Terra deixam de crescer fisicamente. A partir daí, o seu crescimento dá-se na dimensão da experiência, do pensamento, da sensibilidade e da consciência — isto é, nas dimensões imateriais.

O crescimento nestas dimensões requer um alimento de natureza diferente daquele de que depende o crescimento físico, e produz um

tipo de força diferente. Tal como um feto chega a um ponto em que é forte o suficiente para se manter fora do corpo da mãe, também o impulso de crescimento não material de um ser humano "maduro" chega a um ponto em que consegue sustentar-se no reino mais rarefeito da energia do pensamento — "espírito" — sem depender mais da sua casa temporária, o corpo terreno. Então, exatamente como o feto cresceu após o nascimento físico e a infância, passando pela infância e adolescência até à plena participação na sociedade terrestre, assim o espírito recém-nascido encontra o seu caminho para a companhia de outros espíritos, nas dimensões e estruturas do pensamento desencarnado de alta energia.

Se o que acabo de dizer é verdade — como o peso da evidência indica claramente — por que razão é tão difícil para a mente americana média de hoje aceitá-lo? A resposta trágica — de que fomos doutrinados pelas falsas suposições da nossa própria tecnologia materialista — foi expressa de forma elegante pelo distinto filósofo Michael Polanyi, que citarei em breve com alguma extensão.

Por agora, farei o meu ponto em termos do comum "soco e pontapé" da vida americana. A cena, digamos, é o principal escritório no centro da cidade da *Continental Boiler Works*; a hora, segunda-feira de manhã. H. M. Stern, vice-presidente sénior, é cumprimentado por Timothy Freejoy, que chega ao escritório com cinco minutos de atraso e em boa disposição.

"Bom dia, H. M.", diz Tim, alegremente. "Como vai a sua alma imortal esta manhã?"
"Mmmfffbbllnnttnn", resmunga Stern.

"Desculpe o atraso, chefe", diz Tim, correndo para a secretária e começando a mexer papéis com diligência, "mas a minha meditação prolongou-se um pouco hoje de manhã. Sabe como é quando se entra mesmo a fundo. Essas vibrações mais elevadas dão-nos a volta, e nem sempre se consegue cortar mesmo à hora."

Stern, obviamente, toma Freejoy por um excêntrico. Mentalmente, risca Timothy da lista de possíveis promoções na próxima ronda;

promoções só podem ir para pessoas que possam ser certificadas como estando em pleno juízo.

O meu caso hipotético é leve, mas não é absurdo. A discussão de valores e fenómenos imateriais é rigidamente censurada na América materialista do século XX. A compreensão desses domínios morre por simples falta de comunicação; não se fala dessas coisas. Este apagão noticioso, naturalmente, não afeta em nada a estrutura criada do universo nem os factos do desenvolvimento humano. O que estamos a fazer aqui — agora — é quebrar a censura para transmitir os factos básicos das nossas vidas.

Apenas para os estabelecer com solidez suficiente para ficarem prontamente disponíveis para referência futura, passemos em revista os principais factos do desenvolvimento físico e mental humano tal como nos são dados pelos cientistas modernos. Postulou-se que cada um de nós, num processo biológico chamado recapitulação, revive efetivamente, durante os meses de crescimento fetal, toda a experiência da evolução orgânica na Terra — peixe, réptil, mamífero até ao homem.

Os cientistas também sugeriram que toda a experiência psíquica da nossa espécie é revivida durante a infância, a meninice e a adolescência — o ser um animal de quatro patas; o fingir ser um animal; a aceitação ingénua e supersticiosa de fenómenos sentidos à maneira do selvagem primitivo; a fase do caçador (caçar e matar pequenos animais ou brincar aos caçadores — revivendo o milhão de anos em que o homem sobreviveu pela sua perícia como caçador); a fase do guerreiro; e, finalmente, espera-se, o humano amadurecido como indivíduo de pensamento reflexivo e de ação intencional, socialmente orientada.

O terreno que acabámos de percorrer aplica-se ao indivíduo. A pergunta seguinte, mais importante para compreender a vida para além do que chamamos morte, diz respeito à espécie inteira: "Como viemos a ser tais criaturas?" — seres nascidos num mundo material de carne e que crescem para um mundo de energia pura do pensamento, ou espírito? Os cientistas têm uma resposta de uma só palavra: evolução.

Como a evolução não é amplamente compreendida, dedicaremos um parágrafo ou dois a revê-la. Muitas pessoas instruídas, ainda presas ao conceito darwinista do século XIX de evolução física por seleção natural e mutação, concluíram que, como não se observaram alterações físicas drásticas no homem há muito tempo, a evolução cessou. A verdade é que a ponta de lança evolutiva saiu do domínio do puramente físico e entrou na área psicossocial, onde as mudanças evolutivas prosseguem a um ritmo acelerado.

Esta é a grande notícia científica do nosso tempo. O grande feito do nosso século não é a libertação da energia atómica, que é apenas uma extensão de uma busca por maior poder mecanicista iniciada há três séculos. Nem é pôr homens na Lua, que é uma utilização tardia de possibilidades mecânicas conhecidas por Leonardo da Vinci. A grande notícia científica do nosso século é que ao homem foi concedida plena parceria — e plena responsabilidade participativa — na sua própria evolução.

Se isto é assim tão importante, por que se ouviu falar tão pouco? É, simplesmente, um caso de má divulgação. A nossa era presta pouca atenção a descobertas que não produzam lucro comercial, médico ou militar. Os pioneiros foram todos trabalhadores solitários: R. M. Bucke, médico; Samuel Butler, romancista; Henri Bergson, filósofo; C. G. Jung, psiquiatra; Pierre Teilhard de Chardin, paleontólogo; Julian Huxley, biólogo; H. T. Wieman, teólogo. Trabalhando isoladamente, alguns destes homens ficaram surpreendidos ao saber que outros tinham feito a mesma descoberta: que o homem participa na sua própria evolução — e em grau cada vez maior.

A formulação decisiva sobre a evolução da consciência foi-nos dada por Julian Huxley, o famoso biólogo britânico, durante a década de 1940: "O homem não é outra coisa senão a evolução tornada consciente de si mesma." Ele explica:

Durante a evolução, a consciência (ou, se preferir, as propriedades mentais da matéria viva) torna-se progressivamente mais importante para os organismos, até que, na humanidade, se torna a característica mais importante da vida…

A evolução assume um novo carácter: torna-se sobretudo um processo psicossocial… operando através de uma ação combinada de conhecer, sentir e querer.

O que importa mais do que tudo? As coisas que aumentam a capacidade de consciência do ser humano. Este assunto de estar consciente é central para compreender a nossa vida presente, bem como as nossas vidas depois de a nossa atividade biológica "deste lado da Terra" cessar. Por isso, demoremo-nos mais uma página ou duas na questão do que significa estar consciente.

Antes de mais, consideremos a enorme amplitude de sensibilidade — de consciência — entre as pessoas que conhecemos. Na sensibilidade ao som, podemos colocar, num extremo, os tipos que trabalham na hipotética fábrica de caldeiras do Sr. Stern. Para a maioria deles, o sentido da audição foi tão maltratado pelo estrondo e pela algazarra do fabrico de caldeiras que quase apagou qualquer apreciação mais delicada do som. No outro extremo, podemos colocar o frequentador de concertos sinfónicos, cujo ouvido treinado deteta as mais finas gradações de tom nos instrumentos mais subtis, bem como qualidades tonais na natureza — canto dos pássaros, sons do vento, sons do mar, fala e canto humanos. Num sentido muito real, existe um mundo de som que o operário das caldeiras não conhece pela sua própria experiência e cujo valor — talvez cuja própria existência — pode, por isso, pôr em causa.

Quem não sofreu às mãos de quem não tem sensibilidade para os sentimentos humanos? Há um mundo de emoção humana delicada que essas pessoas desconhecem. A maioria dos americanos não tem conhecimento real do mundo da política nacional e internacional, embora os acontecimentos políticos afetem massivamente as suas vidas. Pensa no mundo múltiplo à nossa volta, cuja existência ninguém questiona, mas sobre o qual temos pouco ou nenhum conhecimento: ciência, arte, música, desporto, educação, comércio, agricultura, indústria — para citar apenas alguns. Vemos de imediato que os nossos pontos cegos — as nossas falhas em estar conscientes do que efetivamente existe — não se restringem a assuntos relativos à vida

para além da morte. Encontramo-los abundantemente em assuntos que afetam grosseiramente a nossa existência terrestre, prosaica e prática. Por essa razão, aqueles de nós que aumentaram a sua consciência do mundo psíquico (ou, como no meu caso, a quem tal aumento de consciência foi imposto!) não se deixam perturbar diariamente pelos protestos das pessoas de que "nunca tinham ouvido falar dessas coisas". A nossa tarefa é fazer o que pudermos para garantir que ouvem falar delas. Nisto, estamos a ser estritamente científicos, seguindo a orientação de Huxley, Jung e dos outros. "O propósito da vida humana", escreveu o Dr. Jung, "é aumentar a consciência."

Agora, como o meu propósito é tornar o leitor consciente de modos de existência para além do terrestre e carnal, prossigamos com esta discussão sobre a consciência. Uma grande parte do nosso universo — possivelmente todo ele — é constituída por energia a vibrar em arranjos ordenados. Compreendemos o nosso mundo através do que chamamos os nossos cinco sentidos, que são o resultado de vibrações a atuar sobre terminações nervosas especializadas, as quais respondem aos ritmos ondulatórios, produzindo as sensações de visão, som, olfato, paladar e tato.

É evidente que temos meios de detetar muitas outras vibrações e outras forças para além destas cinco — ou, dizendo o mesmo de outra forma, temos muito mais do que cinco sentidos. Mas, como a ciência ainda não se deu ao trabalho de nomear e classificar essas outras perceções, arbitrariamente declaramos "extrassensorial" qualquer informação que nos chegue através delas.

Isto é, claro, um grave erro de nome — grave porque a sua aceitação complacente inibe a ciência da obrigação de identificar esses outros sentidos e inibe o resto de nós de fazer pleno uso deles. Por exemplo, temos um sentido do campo gravitacional (tão altamente desenvolvido em criaturas simples como amêijoas e rebentos de batata que sabem, em qualquer momento — mesmo no escuro e mesmo enterrados — onde estão o Sol e a Lua). Temos um sentido de localização (tão desenvolvido nas aves que conseguem navegar com precisão por milhares de quilómetros sem marcos). E temos uma

sensibilidade ao pensamento (a telepatia foi demonstrada de forma tão inequívoca que já não pode ser chamada extrassensorial; tem de ser aceite como um verdadeiro sexto sentido).

Quando consideramos a vasta multidão de vibrações significativas que nos rodeiam a toda a hora e das quais estamos totalmente inconscientes, percebemos o quão ridículo é imaginar que os nossos "cinco sentidos" nos dão algo que se aproxime de um retrato exato do universo em que vivemos. E, no entanto, os nossos cientistas materialistas quereriam que pensássemos que estes — e só estes — são a única fonte de dados a partir da qual se pode derivar compreensão!

Esta questão das vibrações é importante para mim; estou convencido de que tomar consciência do próximo estádio de existência para além da biosfera terrestre é, em grande medida, uma questão de nos sintonizarmos com as suas vibrações. Em vista da viagem que estamos prestes a empreender, quero que os meus leitores se habituem tão profundamente ao facto de estarem rodeados por vibrações não reconhecidas mas, ainda assim, significativas, que a aceitação da possibilidade de mais um conjunto — as que emanam de outras esferas do ser — não seja demasiado difícil.

Um ouvido humano bem treinado, por exemplo, consegue detetar sons dentro do intervalo de 20 a 20 000 vibrações por segundo. Qualquer cão vadio sabe, por experiência direta, que o ar está cheio de sons excitantes para lá de ambos os limites. Ondas eletromagnéticas? Se forem mais longas do que 4/10 000 de milímetro (violeta) e mais curtas do que 7/10 000 de milímetro (vermelho), conseguimos vê-las. Das miríades de ondas eletromagnéticas fora desse intervalo — raios X, ondas de rádio, energias de origem cósmica — não temos consciência alguma. Serão, por isso, de nenhuma importância nas nossas vidas?

Dizem-nos que os raios cósmicos têm sido uma das causas importantes das mutações, que foram uma das duas características essenciais da teoria clássica da evolução. O mundo contemporâneo tornou-se tão dependente da comunicação eletrónica — ondas de rádio — que não conseguiria funcionar, na sua forma atual, sem elas. Os

quasares (“estrelas de rádio”) têm enviado ondas de rádio desde a criação do universo estelar, mas ninguém soube da existência dessas ondas até Heinrich Rudolf Hertz as ter descoberto em 1886.

Será assim tão difícil conceber vibrações e formações ondulatórias de enorme importância para todos nós, que ainda permanecem por descobrir pela ciência formal? Para aqueles que fizeram um esforço, mesmo que pequeno, para desenvolver toda a amplitude da sua perceção, não existe qualquer dúvida sobre a realidade destas emanações não classificadas. Penso agora num aluno meu que descobriu que conseguia ver as auras das pessoas — essas radiações subtis que muitos psíquicos acreditam emanar do corpo astral, que será a “casa” do indivíduo no estádio seguinte da sua existência.

Estas emanações são, por vezes, tão poderosas que afetam película fotográfica. Os fabricantes de filme descobriram que certas pessoas não podem ser autorizadas a trabalhar onde se produz película virgem — a sua presença vela o filme. Investigadores soviéticos conseguiram fotografar partes da aura. A leitura de aura é um dos tipos reconhecidos de capacidade psíquica.

“Mas isto é exatamente como sintonizar um rádio ou uma televisão!”, disse-me entusiasmado um amigo, ao descrever a sua primeira experiência de perceção da aura. “Quando a minha visão estava sintonizada na aura, os traços normais e quotidianos da pessoa pareciam desfocados. Quando eu sintonizava a visão para ver com nitidez o quotidiano, mal conseguia ver a aura!” Isto leva-nos ao mundo mais misterioso, mais excitante de todos — o mundo do pensamento. Será que este mundo também é feito de vibrações, talvez demasiado finas, demasiado rápidas, demasiado penetrantes para que os nossos instrumentos as detetem?

Uma coisa sabemos com certeza: o pensamento pode ser transmitido de uma mente humana para outra de forma semelhante à maneira como as ondas de rádio viajam de uma estação para outra. Duas gerações de experiências humanas controladas, apoiadas pelas extraordinárias demonstrações de Cleve Backster com plantas, provaram que a energia do pensamento atravessa facilmente barreiras

(blindagens espessas de chumbo, betão, etc.) que detêm todas as outras formas conhecidas de emissão de energia.

Mas o mais excitante acerca do pensamento é o seu poder espantoso de criar e destruir. Nunca se construiu uma casa sem que primeiro existisse como edifício de pensamento. Nunca se lançou uma bomba sem planeamento cuidadoso no laboratório do químico e na prancheta do armeiro. Nunca a natureza "fez" um médico, um poeta, um cientista ou um cantor de ópera; fazem-se apenas por rapazes e raparigas que primeiro pensam esses papéis e, depois, ao longo de anos, acabam por dar a si próprios a forma dos seus pensamentos.

O poder da imaginação é o poder da criação — para o bem ou para o mal. Se o nosso ambiente está poluído, é simplesmente o resultado das nossas imaginações poluídas; poderíamos, com a mesma facilidade, ter imaginado — e assim criado — um ambiente de cordialidade e beleza. O meu ponto é, claro, que o mundo intangível do pensamento governa e controla o mundo tangível da substância. Encontramo-nos agora num pacto evolutivo com as forças criadoras do universo. Aquilo que somos e aquilo em que nos tornaremos será o resultado de um esforço imaginativo conjunto, humano e divino. Nesse esforço, os reinos superiores do ser, que estão fora da biosfera terrestre, terão um papel importante a desempenhar.

Michael Polanyi é um nome raramente ouvido pelo homem da rua, mas é bem conhecido de qualquer cientista suficientemente competente na sua área para trabalhar na verdadeira fronteira do entendimento científico. Um dos filósofos da ciência mais notáveis do mundo, Polanyi, então com oitenta anos, foi responsável por ruturas no raciocínio que podem muito bem inverter toda a tendência do pensamento científico.

A ciência mecanicista, diz Polanyi, cometeu o erro, há mais de um século, do que os meus antepassados "cracker" chamariam agarrar o bicho pela ponta errada. Os cientistas tradicionais, raciocinando que a natureza trabalha do simples para o mais complexo, analisaram as formas simples e naturais até ao próprio núcleo do átomo, na esperança de descobrir os segredos da natureza. Encontraram apenas frustração.

Isto, segundo o raciocínio de Polanyi, era de esperar. O simples, argumenta ele, nunca pode produzir o mais complexo. Uma sala cheia de alunos não pode produzir espontaneamente um professor. Uma concha de ferro fundido e uma cuba de borracha não podem produzir um automóvel. Não se compreende um grande poema concentrando-se numa das suas palavras.

As formas superiores de existência, insiste ele, não emergem nem podem emergir das inferiores. O que realmente acontece é exatamente o inverso: as formas superiores de existência exercem a sua influência para baixo, orientando, governando e moldando as formas inferiores. Como os hindus costumam dizer, quando se quer orientação, olha-se para o guru, não para o cão. Os grandes segredos do universo nunca serão encontrados no átomo, na molécula ou na célula.

"Circunstâncias que operam sob princípios inferiores são fixadas por agentes superiores, não sob o controlo desses princípios." E ainda: "quanto mais intangível é a matéria na escala destas hierarquias, mais significativa ela é." E ainda: "Critico todos os programas reducionistas e mecanicistas fundados na ideia que identifica o conhecimento último com o nível mais baixo do universo." E ainda: "O princípio da inteligência não é o princípio último, nem o nível mais alto que governa o funcionamento dos seres vivos.

Deixa os seus poderes abertos ao princípio ainda mais elevado da escolha responsável." E ainda: "Há uma hierarquia múltipla que conduz a níveis cada vez mais significativos. Cada nível superior é mais intangível do que o abaixo e enriquecido em subtileza. À medida que esses níveis mais intangíveis são compreendidos, obtém-se uma compreensão progressivamente mais profunda da vida e do homem." E ainda: "O detalhamento desenfreado da ciência mecanicista destrói o nosso conhecimento das coisas que mais queremos conhecer.

Dá-nos um mundo composto por pedaços de matéria em movimento, no qual ninguém vive." E ainda: "A nossa teoria deve reconhecer as formas como transcendemos a nossa corporeidade por atos de habitação interior e de extensão para domínios do ser mais subtis e intangíveis."

Vês agora que o que tenho procurado fazer neste capítulo é estabelecer uma fundamentação para uma melhor compreensão do mundo intangível mas real — e fazê-lo inteiramente dentro do idioma da ciência contemporânea. Não que eu pense, por um instante, que a ciência contemporânea esteja certa. O seu materialismo positivista tornou-a quase inútil para servir as verdadeiras necessidades do homem.

Uma parte demasiado grande do nosso establishment científico caiu nas mãos de homens de pequena capacidade, que ganharam algum prestígio por dominarem um discurso feito numa área limitada e que não têm verdadeiro conhecimento nem visão. Os verdadeiros pioneiros do pensamento científico, naturalmente, não se fazem desta laia. Creio que os verdadeiros filósofos entre os cientistas seguirão a orientação de Polanyi, voltarão a dirigir a atenção para esses domínios intangíveis de energia pura do pensamento que moldam o nosso universo e, assim, restaurarão a ciência ao seu papel próprio de liderança e orientação do homem.

Porque — poderá perguntar-se — se tenho tantas reservas em relação à ciência do nosso tempo, formulei o meu capítulo inicial na linguagem e no idioma dessa mesma ciência? Todos os meus dados sobre vibrações, fenómenos ondulatórios, evolução, crescimento pessoal e progresso cultural têm sido dados científicos. As ilustrações que utilizei foram científicas; as autoridades que citei foram cientistas. O único filósofo que citei é um destacado filósofo da ciência.

Tenho uma razão para isso. Cada época tem de falar na linguagem característica do seu próprio tempo. A nossa época é a época da ciência materialista. Estou pessoalmente convencido de que, no longo curso da história, muitas das nossas hipóteses solenemente aceites hão de parecer tão ridículas como os debates dos escolásticos medievais sobre quantos anjos poderiam instalar-se na cabeça de um alfinete.

Ainda assim, esta é a linguagem da América do século XX. Fomos educados nela. A nossa linguagem e o nosso pensamento estão impregnados dela. Se quisermos comunicar eficazmente uns com os outros, temos de usar a linguagem que melhor compreendemos. Quero

muito comunicar consigo sobre o tema da vida para além da morte. E, por isso, evitei cuidadosamente o vocabulário especializado que se desenvolveu para lidar com esses domínios menos tangíveis que se encontram para lá.

Devemos reconhecer, contudo, que o nosso não é o único vocabulário capaz de lidar com a realidade significativa. Se aceitarmos a palavra da ciência de que o universo tem cerca de cinco mil milhões de anos e que o homem surgiu há menos de dois milhões de anos, vemos que ele apareceu tardiamente no processo evolutivo. Somos recém-chegados. Desde o início, o homem esteve envolvido com o princípio criativo cósmico — o divino — numa grande aventura da evolução da consciência. Nunca deixou de se esforçar por aumentar a sua consciência da totalidade em que está inserido. As realidades básicas desse envolvimento — o crescimento da vida celular à vida fetal, passando pela infância, meninice, adolescência, até à idade adulta socialmente responsável; as intuições de estados de ser para além da vida terrena; as raras mas inesquecíveis perceções diretas dessa vida última — não mudaram.

As nossas perceções modernas da vida última deixaram, penso eu, para trás algumas superstições e penetraram um pouco mais profundamente na realidade criativa última. Mas não estamos em posição de adotar uma atitude condescendente em relação às crenças antigas. Os pensadores, profetas e videntes da Antiguidade não eram ingénuos nem estúpidos. Temos razões para pensar que os melhores entre eles poderão ter alcançado avanços que talvez demoremos muito tempo a recuperar. Vale bem a pena rever o seu pensamento, sentimento e experiência com cuidado, simpatia e respeito.

Eles não usarão a nossa linguagem. Onde nós falamos de estatísticas, fórmulas e dados, é mais provável que eles falem de mitos, lendas e parábolas. Onde pensamos em gráficos, investigação e cálculos, poderemos encontrá-los imersos em enigmas, contos populares e simbolismo. Não podemos, por estas razões, desvalorizá-los. Eram pelo menos tão inteligentes como nós. Enfrentavam as mesmas realidades universais que nós enfrentamos. Não estamos a sair-

nos tão brilhantemente que nos possamos dar ao luxo de desperdiçar qualquer ensinamento.

II

A ideia de sobrevivência no homem

NÓS, QUE NASCEMOS no clima cultural materialista da América do século XX, transportamos connosco um fardo de pensamento materialista mais pesado do que talvez imaginemos. Alguns podem viver toda a vida sem que esse materialismo seja seriamente posto em causa. Outros são forçados, pela simples pressão dos acontecimentos, a reconhecer e a lidar com energias que não têm explicação materialista.

A minha aptidão psíquica, não solicitada e totalmente inesperada, colocou-me desde o início nesta última categoria. A sabedoria convencional do meu tempo não tinha explicação para o que realmente estava a acontecer na minha vida. Por vezes era extremamente confuso e, nessas alturas, eu tinha grande dificuldade em encontrar compreensão e orientação competentes.

Quando, no início dos meus vinte anos, já era procurado para exercer clarividência aberta como orador perante grupos espiritualistas, ainda não tinha aprendido a lidar com o transe, mas aprendera que existia um certo estado de semi-hipnose, completamente desperto, no qual eu conseguia descrever presenças invisíveis e captar algumas das suas mensagens para uma audiência. Estava consciente da minha necessidade de formação, mas, entretanto, tive de me contentar em aprender o que pudesse praticando com os meus ouvintes.

A Associação Espiritualista Nacional da América, dedicada à «ciência, filosofia e religião da vida contínua, com base no facto demonstrado da comunicação, por meio da mediunidade, com aqueles que vivem no mundo espiritual», proporcionou-me muitas dessas oportunidades. Jovem, cheio de zelo e entusiasmado com o meu primeiro sucesso numa paróquia de uma denominação que conseguia viver a sua religião de forma prática e direta, parecia-me estranho que

fosse necessário fundar uma organização especial para falar abertamente da imortalidade.

Uma ajuda da mais invulgar espécie chegou-me no momento em que mais precisava dela. Em 1920, o grande sábio hindu Paramahansa Yogananda veio a Boston para discursar numa convocatória de unitaristas. Eu já tinha ouvido falar dele, naturalmente, e, felizmente, ele tinha ouvido falar de mim, pelo que não tive dificuldade em organizar um encontro com ele. Falei-lhe das minhas dificuldades em alcançar concentração, meditação e desapego. Ele compreendeu-as imediatamente e aceitou-me como amigo e companheiro de busca. A partir de então, consultei-o sempre que conseguia organizar a minha agenda para o fazer.

Yogananda ajudou-me a colocar as minhas capacidades psíquicas na perspetiva correta. Respeitava-as, mas não ficava excessivamente impressionado com elas. Nem me permitiria fazer do seu desenvolvimento o meu objetivo central. As capacidades mediúnicas desenvolvem-se naturalmente entre almas que crescem em direção à consciência universal, dizia ele, advertindo os seus alunos para não se deixarem distrair ou desviar do seu caminho por elas. Para Yogananda, não havia qualquer dúvida quanto à vida para além da morte, nem quanto ao valor da ciência moderna dentro do seu campo limitado.

No entanto, repreendia os cientistas por perderem a sabedoria maior enquanto se concentravam na menor. «A ciência permanece num fluxo perpétuo», dizia ele, «valiosa na descoberta das leis locais das ilusões existentes da natureza, mas impotente para alcançar a finalidade última ou a Fonte.» Levei a sério a lembrança de Yogananda de que todas as almas espiritualmente avançadas possuem alguns poderes mediúnicos, mas que nem todos os médiuns são espiritualmente avançados. Aconselhou-me a nunca relaxar o meu esforço para aprender tudo o que pudesse sobre a estrutura tangível e intangível real do cosmos, quer as fontes da informação necessária fossem antigas ou modernas.

A minha própria experiência direta, combinada com as conclusões daqueles meus contemporâneos que realizaram a investigação mais

cuidadosa sobre a consciência humana para além da morte, levou-me de novo aos autores antigos com um respeito renovado. Eles não eram meros contadores imaginativos de histórias de um passado longínquo. Os melhores entre eles foram observadores atentos e relatores cuidadosos de fenómenos observados e vividos. Relembrei tudo o que alguma vez tinha lido sobre este tema e aventurei-me em áreas da literatura antiga que nunca antes tinha explorado.

O que eu procurava, naturalmente, era a confirmação da minha própria experiência e observação na história total da minha espécie. Se aquilo que eu estava a ver e a viver fosse um desenvolvimento novo e recente, isso seria uma coisa. Se fossem acontecimentos que tinham ocorrido, ou que se dizia terem ocorrido, há muito tempo, e que depois nunca mais voltaram a acontecer, isso seria outra. Mas se os fenómenos psíquicos com os quais eu me tornava diariamente mais familiar estivessem a ocorrer de forma contínua desde os registos mais antigos da vida do homem na Terra, então eu estaria, de facto, perante algo que dizia respeito à própria estrutura e finalidade do universo e que continha a chave para compreender a natureza essencial e o propósito último da experiência humana. O que eu queria saber era: qual é a verdadeira história da ideia de sobrevivência no homem?

Pareceu-me que, para que os relatos de uma vida para além da morte fossem levados a sério, teriam de ser estabelecidos quatro pontos essenciais. Primeiro, teria de haver uma demonstração de continuidade da consciência, sendo a consciência definida como perceção, memória, reconhecimento, razão, capacidade de decisão e todo esse complexo de tonalidades de carácter que agrupamos na palavra «personalidade».

Segundo, teria de ser apresentado algum tipo de cenário, pelo menos vagamente comparável à nossa Terra no plano biológico-físico, como ambiente social e natural em que a personalidade pudesse atuar. Terceiro, seria necessário algum tipo de valor de vida, objetivo, necessidade, propósito ou serviço, expresso em termos compreensíveis ao nosso nível atual de ser. Por fim, teria de haver algum tipo de resposta às situações sociais e éticas — questões de personalidades

construtivas e destrutivas, justiça e injustiça, inteligência e lentidão, maldade e cooperação, arrojo ou timidez — que achamos tão difíceis de gerir na nossa vida presente. O que tem o homem dito, nos seus escritos sobre o além, acerca destas coisas?

Os Neandertais e os homens de Cro-Magnon, entre há 75 000 e 25 000 anos, acreditavam que os mortos continuavam a viver sob alguma forma misteriosa de corpo espiritual. Eram enterrados com uma consideração carinhosa por aquilo de que poderiam necessitar nas suas vidas futuras — particularmente alimentos e ferramentas. Com o passar do tempo, a crença de que os mortos sobreviviam em algum sentido real tornou-se mais forte; os preparativos fúnebres e as provisões para o enterro tornaram-se cada vez mais elaborados. Por volta de 10 000 a.C., a construção de túmulos já tinha começado. Reis, chefes e outras pessoas importantes eram abundantemente providos de objetos que poderiam ser úteis na vida após a morte. Em alguns casos, existia o costume cruel de sacrificar esposas e servos, para que o homem importante tivesse companhia e conforto na sua viagem espiritual.

Reconhecia-se não só que os mortos tinham por vezes uma forma de regressar à Terra, como também que as suas personalidades, enquanto estiveram no plano terreno, abrangiam toda a gama desde o amável e cooperante até ao odioso e destrutivo. Para impedir que os mortos «andassem», o cadáver podia ser atravessado por uma estaca para o prender à terra, ou amarrado com cordas fortes, ou coberto com pedras pesadas. Ao mesmo tempo, faziam-se diversas oferendas para assegurar aos mortos que continuavam a ser recordados com carinho e, de outro modo, contribuir para o seu contentamento.

Pessoas de mau génio e maliciosas em vida eram consideradas demónios; pessoas generosas, corajosas e nobres passaram a ser incluídas entre os deuses benevolentes. Alguns grupos primitivos tinham ideias bastante definidas acerca do movimento da alma no intervalo imediatamente após a morte. Uma tribo acreditava que a alma se movia de forma muito semelhante à descrita no romance de meados do século XX de James Agee, *A Death in the Family*: permanecendo

algum tempo junto da sepultura; passando brevemente entre pessoas e lugares familiares; e seguindo depois para um destino mais distante.

Na *Odisseia* de Homero encontrei o primeiro relato completo de uma sessão espírita que corresponde à experiência psíquica contemporânea e satisfaz os quatro requisitos que estabeleci como mínimos para comprovar a sobrevivência pessoal à morte. O facto de surgir na obra de Homero confere-lhe um peso especial, pois este poeta era conhecido pela fidelidade com que relatava os costumes, rituais, crenças, vestuário, armas, estruturas e cenários do seu tempo. Ao lê-lo, dificilmente se pode duvidar de que este poeta antigo tenha assistido a muitas sessões e baseado o seu relato imaginativo na experiência real.

Na *Odisseia*, a cena da evocação surge no Livro XI, que tem como subtítulo «O Livro dos Mortos». Circe — uma espécie de profetisa, bem conhecida e amplamente divulgada também no nosso tempo — aconselhou o herói Ulisses a reunir os seus talentos e técnicas mediúnicas para entrar em contacto com o poeta tebano Tiresias, já falecido, a fim de obter conselhos sobre o seu próximo passo. Circe, ela própria uma poderosa médium, dá a Ulisses instruções exatas sobre a invocação dos espíritos. (Este é o primeiro caso histórico de que tenho conhecimento em que uma médium treinou outra, tal como ajudei a formar tantos jovens médiuns do século XX. Mas já não usamos sangue de ovelha!) Tiresias, diz Circe, tem «entendimento que nem a morte prejudicou» e será de uma ajuda incalculável.

Ulisses segue cuidadosamente as instruções. Estas incorporam a crença primitiva de que as almas dos mortos podem, de algum modo, utilizar algum ingrediente — tangível ou intangível — dos alimentos; assim, Ulisses, ao chamar os mortos do Hades, salpica generosamente o solo com cevada, mel e sangue de ovelha. O paralelo moderno mais próximo que consegui encontrar é a opinião de alguns parapsicólogos do século XX de que o ectoplasma e a força ódica, que tornam possíveis as aparições e outras manifestações físicas, constituem um elemento intangível da corrente sanguínea, temporariamente mobilizado enquanto esses fenómenos ocorrem. Uma vez que a minha experiência

com fenómenos psíquicos de natureza física tem sido limitada, não posso comentar isto a partir da minha própria vivência.

Contudo, os aspetos mentais da sessão descrita por Homero correspondem aos da experiência contemporânea. Hades, no sentido homérico da palavra, não possui nenhuma das conotações de miséria duradoura que acompanham a noção medieval de inferno. Hades é simplesmente o ambiente espiritual onde vivem as almas dos mortos. Encontra-se para lá de um «rio do medo» — a imagem poética de Homero para o medo da morte, tão comum entre os seres humanos de todas as épocas.

Os espíritos não demoram a aparecer depois de Ulisses os ter chamado. Achei interessante que o primeiro espírito que Ulisses encontra seja um equivalente exato de uma situação muito comum na prática psíquica contemporânea — um relato preciso da forma exata de uma morte acidental, cujos pormenores eram desconhecidos dos sobreviventes na Terra. O primeiro espírito a surgir é Elpenor, companheiro de viagem de Ulisses, a quem este tinha visto pela última vez, vivo e de boa saúde, no palácio de Circe. Ulisses quer saber o que aconteceu. «Foi todo o vinho que bebi antes de adormecer», explica Elpenor. «Quando acordei, esqueci-me completamente de descer pela longa escada e tomar o caminho certo, e assim caí de cabeça do telhado. Parti o pescoço e a minha alma desceu ao Hades.» Seria fácil encontrar mil Elpenores nos registos dos fenómenos psíquicos do século XX.

Ulisses vê um grande número de almas — «noivas recentes, jovens solteiros, velhos com o longo sofrimento da vida já para trás, raparigas delicadas ainda a alimentar no coração a sua primeira angústia, e uma grande multidão de guerreiros mortos em combate, com as feridas abertas e a armadura manchada de sangue» — mas fala apenas com alguns: Elpenor, a sua mãe e o alvo da sua evocação, Tirésias. Tirésias dá-lhe as instruções necessárias, e a sessão termina.

Os gregos dos tempos pré-helénicos pensavam que os mortos continuavam a viver num mundo subterrâneo governado por uma Grande Deusa ou Mãe Terra. Existia uma ilha paradisíaca para a qual as

almas dos mortos tinham de ser transportadas por barca. Durante o período helénico, acreditava-se que a alma (*psyche*) se transformava no *eidolon*, uma imagem ténue e insubstancial da aparência terrena da pessoa. É isto que, na *Odisseia* de Homero, tanto perturba Ulisses ao encontrar, durante a sessão, a sua mãe falecida, Anticleia. O guerreiro grego, depois de tentar em vão apertar nos braços a sua forma sombria, exclama: «Será isto apenas um fantasma (*eidolon*) que a rainha Perséfone me enviou, para que eu lamente e gema ainda mais?» A sua mãe tranquiliza-o: «Perséfone, filha de Zeus, não te engana; é assim que acontece aos mortais quando morrem.»

Nas religiões primitivas mais antigas, o deus único, criador de todas as coisas e fonte de todo o ser, embora reconhecido e venerado, tinha pouco a ver com a vida concreta dos seres humanos, quer neste mundo quer no próximo. Os povos primitivos preocupavam-se muito mais com a tarefa imediata de agradar às almas benevolentes dos mortos e de se protegerem das almas maliciosas. Isto começou a mudar com os egípcios, que passaram a encarar a vida, neste mundo e para além dele, tanto para reis como para pessoas comuns, como um desenvolvimento contínuo do entendimento, uma experiência geralmente feliz. Intuíam um desenvolvimento progressivo do espírito que poderia conduzir, eventualmente, a uma relação pessoal com o próprio criador. Nos tempos da construção das pirâmides, acreditava-se que as estatuetas e miniaturas enterradas com o corpo no túmulo seriam mais tarde utilizadas, nas suas próprias essências ou almas, para cumprir as ordens do morto.

O conceito mais antigo plenamente desenvolvido da vida para além da morte foi o egípcio. O *Livro dos Mortos* egípcio contém instruções completas sobre o que deve ser feito para que o melhor aconteça na vida após a morte. O reino de Osíris concebe uma existência pós-terrena feliz e cheia de propósito. A alma parte, cajado na mão, na sua longa viagem em direção aos campos osirianos, considerados situar-se na direção geral da Via Láctea, o Grande Nilo Branco do céu. Segundo o *Livro dos Mortos*, nem todos merecem felicidade imediata e eterna; na fase penúltima da viagem, a alma é

conduzida à Sala da Verdade, onde é julgada por Osíris. A alma pode, em sua defesa, apresentar uma lista dos pecados e crimes que não cometeu. Mas o julgamento é imparcial e, uma vez proferido, a alma deve seguir ou para as alegrias dos campos osirianos ou para os lugares onde é aplicada uma severa disciplina corretiva. Durante um breve período, os egípcios alcançaram o elevado conceito religioso de um único deus verdadeiro, com o qual cada ser humano poderia aspirar a uma amizade última, através de etapas progressivas de crescimento na vida após a morte.

Dos *Textos das Pirâmides* egípcios provém uma grande quantidade de informação sobre as ideias egípcias da vida após a morte, remontando a cerca de 4000 a.C. Estes escritos, destinados a assegurar a passagem segura dos faraós mortos para o outro mundo, inferem a existência de duas entidades, o *ka* e o *ba*, que sobrevivem ao corpo físico. O *ka* parecia possuir algum tipo de substância física ténue, mas o *ba* era puro espírito ou alma. Era sempre representado na arte como um pássaro com cabeça humana — a própria pessoa, mas agora capaz de voo livre e desimpedido.

Nas ilustrações do *Livro dos Mortos* egípcio, que data de cerca de 1450 a.C., o *ba* surge frequentemente pousado sobre a porta do túmulo ou descendo pelo poço funerário para visitar o corpo embalsamado. Na sua conceção do ser humano como um organismo psicofísico, a visão egípcia antiga da natureza e do destino humanos é surpreendentemente moderna. O facto de o ser humano ser sempre muito mais do que carne e sangue era considerado um dado adquirido.

Os muito antigos reinos da Suméria e da Acádia, tal como o Egipto, viam o homem como um ser psicofísico. Nesta cultura mesopotâmica, a palavra *napistu* (garganta) era também usada para designar respiração, vida, alma — o princípio animador da vida, ou espírito santo. A personalidade individual após a morte, chamada *etimmu*, se fosse maltratada ou negligenciada, podia, acreditava-se, regressar para atormentar os vivos. Esta crença está na base da importância atribuída, em todas as culturas antigas (por exemplo, na peça *Antígona*, de Sófocles), aos ritos funerários adequados. Pensava-se que as pessoas

cujos corpos físicos não tivessem sido tratados com a devida cerimónia eram condenadas pelas autoridades do além a vaguear continuamente até que essas obrigações fossem cumpridas. Aqui, os leitores dos clássicos recordar-se-ão das promessas fiéis de Ulisses e de Eneias de encontrar e enterrar, com a formalidade apropriada, os corpos de amigos falecidos com quem tinham falado em sessão.

O além mesopotâmico antigo era conhecido como a Terra do Não-Regresso.

Na Índia, as antigas crenças védicas de há quatro e cinco mil anos não incluíam ainda os conceitos de carma e reencarnação, que mais tarde se tornariam tão proeminentes nesta região. O homem vivia no aqui e agora, que deviam ser desfrutados plenamente, tanto física como emocionalmente, e continuava a sua existência numa fase pós-morte cuja qualidade dependia da sua conduta moral.

Para além das grandes religiões organizadas da Antiguidade, existiam inúmeros cultos de mistério espalhados pelo mundo conhecido, desde as florestas sombrias da Germânia, passando pelas penínsulas ensolaradas do Mediterrâneo e pelas planícies da Ásia Menor, até às fronteiras da Índia. Entre estes encontravam-se os druidas das Ilhas Britânicas, o culto de Woden no que é hoje a Alemanha, os mistérios eleusinos e dionisíacos da península grega, e os terríveis cultos de sacrifício humano da Ásia Menor, considerados «abominações» pelo elevado culto de Javé entre as tribos hebraicas do Médio Oriente.

Na Grécia, estes cultos eram chamados mistérios porque os seus ritos eram secretos — conhecidos apenas pelos iniciados. Os candidatos à participação passavam por longos períodos de preparação, instrução cuidadosa e cerimónias solenes de iniciação. A irmandade pitagórica, que deu contributos notáveis para a medicina, a música, a astronomia, a matemática e a filosofia, teve origem nos mistérios eleusinos. Os estudos pitagóricos, destinados a promover uma tal elevação do pensamento divino no corpo terreno que permitisse desfrutar, na vida após a morte, de um elevado estado de pureza espiritual e discernimento, tiveram um efeito duradouro no

pensamento religioso que persistiu ao longo da Era Cristã e continua até aos nossos dias.

Nem todos estes cultos religiosos, naturalmente, eram tão elevados. Ao grego médio deste período era dado a entender que a vida após a morte era um sistema bem organizado, no qual, depois de julgado, a alma passava por um corredor chamado Érebo e daí, se fosse considerada indigna, para as regiões infelizes chamadas Tártaro, ou, se fosse julgada merecedora, para um lugar de alegria e bem-aventurança chamado Campos Elísios.

Alguns destes cultos ofereciam uma garantia tão poderosa de uma vida bem-sucedida e plenamente vivível após a morte que Plutarco, mais de meio século depois do início da Era Cristã, pôde escrever à sua esposa, ao receber a notícia da morte de uma das suas filhas, estas palavras reconfortantes: «Quanto àquilo que ouviste, minha querida, de que a alma, uma vez separada do corpo, se desvanece e nada sente, sei que não dás crédito a tais afirmações, por causa das promessas sagradas e fiéis dadas nos mistérios da nossa irmandade religiosa. Sustentamos firmemente, como verdade indubitável, que a nossa alma é incorruptível e imortal. Devemos pensar dos mortos que passaram para um lugar melhor e uma condição mais feliz. Comportemo-nos, pois, em conformidade, ordenando exteriormente as nossas vidas, enquanto interiormente tudo deve ser mais puro, mais sábio, incorruptível.»

Até aproximadamente ao século V a.C., as ideias sobre a vida após a morte resultaram de experiências nacionais e tribais amplamente partilhadas, que, ao longo do tempo, foram moldadas em formas fixas. As perceções posteriores tenderam a centrar-se nos ensinamentos de grandes líderes espirituais que deram novos significados vivos a ensinamentos antigos e acenderam nos corações dos seus ouvintes fogos de entusiasmo espiritual inextinguível. Entre estes encontravam-se o persa Zaratustra (século VI a.C.), Buda e Confúcio (ambos do século V a.C.), os profetas hebraicos (do século V ao I), Jesus de Nazaré e Maomé (século VII d.C.). As origens das elevadas e diversas religiões da Índia perdem-se nas brumas da pré-história. O registo histórico começa

a ganhar forma nos grandes versos religiosos dos séculos VIII a VI a.C. — os *Vedas* e as *Upanishads*. Estas reflexões sobre a origem de todas as coisas num único deus e o destino de todas as coisas nesse mesmo deus estão entre os escritos religiosos mais elevados e penetrantes. Foi aqui que se formulou pela primeira vez o pensamento de que o verdadeiro eu de cada indivíduo e o grande Eu universal se revelam como um só sempre que essa unidade pode ser plenamente realizada.

O homem que ficou conhecido como o Buda — «O Iluminado» — tinha o nome próprio Siddhartha e o apelido Gautama, e nasceu no norte da Índia por volta de 560 a.C. Recebeu a formação e educação religiosas próprias do filho de uma família abastada desse lugar e tempo, chegou à idade adulta, casou, teve um filho — e depois, não encontrando resposta às questões profundas da sua vida nesse regime, fez-se à estrada como monge solitário e sem posses, para descobrir, se pudesse, o significado da vida humana. Quando se tornou um sábio religioso amadurecido, os seus ensinamentos derrubaram o regime morto de uma burocracia religiosa sem inspiração, reafirmaram as antigas intuições de uma religião viva e trouxeram nova inspiração à vida religiosa do Oriente.

Buda procurou uma forma de quebrar a cadeia interminável de morte e renascimento dolorosos — a roda do carma — que conduzia, sem fim, de uma reencarnação a outra. Não punha em causa a vida depois da morte. Mas que sentido fazia, perguntava ele, se tudo tivesse simplesmente de ser repetido? Por fim, deu a sua resposta: o amor universal. Só ele poderia quebrar a roda do carma e conduzir à união com o divino e o eterno. Alguns dos seus ensinamentos anteciparam, cinco séculos mais tarde, o Sermão da Montanha de Jesus: «Se alguém te amaldiçoar, deves reprimir todo o ressentimento e tomar a firme decisão: "A minha mente não será perturbada, não escaparão dos meus lábios palavras iradas; permanecerei bondoso e amigável, com pensamentos de amor e sem malícia secreta."»

Os sacerdotes sentiam que tinham uma visão clara da vida depois da morte. Esperava-se que o santo budista, seguindo de forma consistente o caminho óctuplo da virtude, conquistasse as «três

intoxicações» — a ignorância, a sensualidade e a «sede» que conduz ao renascimento e à repetição. Presumia-se que passava então a possuir uma perceção mais elevada e uma energia espiritual que iam para além de qualquer curiosidade premente acerca da vida para além. Esta posição do mestre deixou tantas questões sem resposta que o budismo acabou por se dividir em seitas, seguindo várias doutrinas diferentes. Os ensinamentos de Buda difundiram-se rapidamente da Índia para o Tibete e para a China, onde os ensinamentos de Confúcio já tinham criado raízes profundas.

Poucos eram considerados capazes de atingir o estado de perfeição necessário para ser um santo budista, e, sob esta doutrina, não havia dúvida de que o indivíduo comum sobrevivia à morte. O mestre usou uma imagem inesquecível para exprimir a sua ideia da relação entre o corpo físico e o carácter terreno com o mundo além: «É como um selo de metal que deixa a sua impressão em cera macia», disse. «O metal fica para trás; a impressão prossegue.»

Na China, desde tempos muito antigos, transmitiu-se a crença de que o universo era animado por dois modos de poder contrastantes e complementares — o *yang*, masculino, ativo e radiante, e o *yin*, recetivo, fértil e misterioso. O meio de utilizar e cooperar com essas forças, o princípio regulador que mantinha todas as coisas em harmonia, incluindo a vida interior do homem, chamava-se Tao — «O Caminho». O culto dos antepassados e um conceito detalhado da forma de vida após a morte que o acompanhava estavam profundamente enraizados na China.

A principal tarefa do homem consistia em alcançar, por meio do Tao, a harmonia entre homens e espíritos. Na China antiga, os antepassados exigiam orações e sacrifícios, sendo considerados capazes de retaliar se ficassem descontentes. Os espíritos não comiam a comida, claro, mas inalavam e retiravam sustento da sua essência. Após a cerimónia, a comida era consumida pelos sacerdotes. Famílias ricas e poderosas organizavam funerais elaborados e por vezes cruéis quando morria um homem importante; por vezes, eram sacrificadas de

100 a 300 vítimas humanas para fornecer criados ao grande homem no outro mundo.

Este tipo de prática, o sensato Confúcio considerava-o escandaloso. O seu ensinamento podia resumir-se na ideia: «Vive uma boa vida neste mundo e o próximo tratará de si próprio.» A sua ideia era a de que uma pessoa em harmonia com os grandes princípios criativos do universo se sentiria igualmente em casa em todas as esferas, agora e no futuro. Uma vez, num momento de perigo, disse: «O Céu produziu o poder que há em mim; que tenho eu a temer?» Embora Confúcio nunca tenha falado em detalhe sobre a natureza da vida para além, endossou plenamente as práticas tradicionais chinesas de manter contacto espiritual com os antepassados.

Para o nosso tempo, talvez o mais interessante desdobramento do budismo seja *O Livro Tibetano dos Mortos*. Desde a primeira publicação da tradução inglesa, editada por W. Y. Evans-Wentz em 1927, com os seus prefácios ponderados de C. G. Jung e outras autoridades, este volume notável vendeu várias edições e encontra-se hoje amplamente difundido em formato de bolso. É muito lido e debatido entre os americanos mais jovens do nosso tempo que se interessaram por técnicas meditativas de apreensão da realidade.

O Livro Tibetano dos Mortos é um manual prático sobre o ato de morrer. Era usado no Tibete como breviário e lido em voz alta por ocasião da morte. Ao contrário do *Livro dos Mortos* egípcio, que era colocado no túmulo como guia para a viagem da alma, o livro tibetano destina-se a ser um guia não só para os moribundos e os mortos, mas também para os vivos.

Algumas citações do material introdutório salientam o tema central de que alcançar a atitude correta perante a morte é um dos propósitos centrais da vida: «Compreenderás que é a ciência mais proveitosa, e que ultrapassa todas as outras ciências, aprender a morrer»; «aprende a morrer e aprenderás a viver… A exploração da vida interior do homem é incomparavelmente mais importante do que a exploração do espaço. Estar na Lua acrescenta apenas conhecimento de coisas transitórias. Mas o objetivo último do homem é a

transcendência do transitório… Uma vez que toda a humanidade tem de abandonar os corpos carnais e experimentar a morte, é sumamente proveitoso que saiba como encontrar devidamente a morte quando ela chega»… «Não desperdicemos, em ocupações sem valor, a suprema oportunidade oferecida pelo nascimento humano, para que não abandonemos esta vida espiritualmente de mãos vazias»… «Isto diz respeito à arte de sair do corpo, ou de transferir a consciência do plano terreno para o plano pós-morte»…

«Uma ciência médica limitada à Terra não tem palavra de orientação a transmitir aos moribundos sobre o estado após a morte e, frequentemente, mais agrava do que alivia os medos infundados e a extrema relutância em morrer dos seus pacientes no leito de morte, aos quais é provável que tenha administrado drogas e injeções entorpecentes»… «A transição do plano humano de consciência, no processo chamado morte, pode e deve ser acompanhada por uma solenidade jubilosa.»

Por se basear numa crença firme em encarnações repetidas, o primeiro impacto da abordagem budista à morte tende a parecer estranho ao espírito ocidental. No entanto, se pusermos deliberadamente de lado essa sensação de estranheza e considerarmos apenas as partes da sabedoria budista que não dependem de uma interpretação estrita da reencarnação, encontramos muito que pode ser aplicado criativamente no nosso próprio quadro de pensamento. Mais adiante neste livro discutiremos a possibilidade de a reencarnação ser apenas uma de várias soluções possíveis para um dos problemas conceptuais centrais acerca do além. Por agora, encontremos o budista tibetano nos seus próprios termos.

«Pode argumentar-se», escreve o lama Anagarika Govinda num dos textos introdutórios, «que ninguém pode falar com autoridade sobre a morte sem ter morrido, e, uma vez que ninguém jamais regressou da morte, como pode alguém saber o que acontece depois dela?» Responde que todos nós regressámos da morte, pois todos experienciámos muitas mortes e reencarnações. O facto de apenas uns poucos privilegiados conseguirem recordar encarnações anteriores não

é prova de que elas não tenham ocorrido. Quase ninguém consegue lembrar-se do seu nascimento mais recente, que, seguramente, aconteceu!

Mas a autoridade de *O Livro Tibetano dos Mortos* não assenta apenas nas perceções de uns poucos dotados que conseguem recordar vidas anteriores. Lamas eruditos, sacerdotes e monges budistas tibetanos passaram a vida a contemplar este mundo e o próximo, e aguardavam a sua própria morte como a experiência culminante das suas vidas. À medida que a morte se aproximava, relatavam as suas experiências concretas do ato de morrer a discípulos e colegas presentes. Assim, existe uma literatura muito considerável de experiências do momento da morte, registadas por observadores altamente treinados, plenamente capazes de ser objetivos quanto à sua própria passagem. Este material, somado a perceções alcançadas por via mediúnica e inspiracional, é a base sobre a qual o breviário se constrói.

Segundo este livro, o instante crítico para a alma ocorre imediatamente após a morte. No momento da morte, vê-se a «Luz Clara Primária». Nesse instante, o recém-falecido encontra-se na presença real do centro criativo de todas as coisas: «Agora estás a experimentar a Radiância da Luz Clara da Realidade Pura», diz o sacerdote, lendo o breviário junto ao corpo, à alma recém-liberta. «Reconhece-a. Ó nobremente nascido, a tua consciência presente, na sua natureza real vazia, não formada em coisa alguma quanto a características ou cor, é a própria Realidade, o Todo-Bom.»

É-lhe então dada a notícia espantosa de que essa radiância divina, esse «intelecto em si mesmo, desimpedido, brilhante, vibrante», é uma só coisa com a sua própria consciência. «A união de ambos é o estado de iluminação perfeita.» Nesse instante precioso, a alma tem de convocar todos os seus recursos para realizar esta verdade profunda. Se essa realização puder ser apreendida e tornada permanente, a alma nunca mais precisará de morrer e renascer. Está agora em unidade com Deus e participa na obra de Deus, juntamente com os outros grandes iluminados.

Mas se, por falta de preparação, desatenção, ou simplesmente por ainda não ter progredido até ao grau de desenvolvimento espiritual em que a união com o divino é possível, esse momento se perde, ele não voltará até à morte seguinte, após a encarnação seguinte. As almas que falharam o momento supremo devem agora prosseguir numa escala descendente de estados de consciência até chegarem a um ventre fecundado que lhes permita renascer num nível de ser adequado ao seu carma — esse estado de consciência que é o resultado de todas as suas ações, através de todas as encarnações.

Os estados de consciência da alma durante o período entre a morte e o renascimento seguinte, tal como descritos em *O Livro Tibetano dos Mortos*, estão em surpreendente concordância com testemunhos pós-morte apresentados por investigadores modernos, tanto orientais como ocidentais, que não endossam a doutrina da reencarnação. Por exemplo: «Quando o princípio de consciência sai do corpo, diz para si mesmo: "Estou morto ou não estou morto?" Não consegue determinar. Vê os seus parentes e amigos como estava habituado a vê-los antes.» Pode até ouvi-los, mas não consegue comunicar com eles.

Três ou quatro dias após a morte, a alma desfalece de medo. «Depois, quando recuperares do desmaio, o teu Conhecedor deve ter-se erguido na sua condição primordial, e um corpo radiante, semelhante ao corpo anterior, deve ter surgido — como diz o Tantra: "tendo um corpo aparentemente carnal, semelhante ao anterior e ao que há de ser produzido, dotado de todas as faculdades sensoriais e do poder de movimento desimpedido, possuindo poderes miraculosos, visível aos olhos celestiais puros de natureza semelhante."» Esse corpo, «nascido do desejo», é uma forma-pensamento no estado intermédio, e chama-se o corpo de desejo.

A evidência do «corpo de desejo» foi, naturalmente, relatada a partir de muitos meios, para além dos budistas. Evans-Wentz conta o caso de um plantador europeu que morreu nas selvas do sudoeste da Índia e ali foi enterrado. Anos mais tarde, um amigo que visitava a região encontrou a sepultura vedada e coberta de garrafas vazias de

uísque e de cerveja. Os habitantes locais explicaram que o fantasma do *sahib* morto causara tantos problemas que foi preciso encontrar uma forma de o acalmar. O feiticeiro local deu o diagnóstico: o fantasma, que em vida fora um grande bebedor a ponto de o hábito lhe ter causado a morte, ansiava por álcool. Os habitantes locais, embora abstémios por princípios religiosos, compraram as marcas de cerveja e de uísque preferidas do antigo bebedor e derramaram-nas sobre a sepultura para manter o fantasma tranquilo. Era dispendioso, mas — diziam os locais — resultava!

III

Profeta do Deserto

Através de Emanuel Swedenborg

Os quarenta anos passados da minha experiência de vida deixaram-me sem alternativa quanto a debater a questão de saber se a personalidade individual sobrevive à morte. Tenho vivido, de dia e de noite, durante estes anos, na presença de provas irrefutáveis a favor. Na verdade, eu tinha decidido nem sequer abordar o assunto neste livro; como disse John Haynes Holmes, «a prova da sobrevivência está feita».

Ainda assim, viver num mundo cético e materialista traz contactos que exigem esclarecimentos. Em primeiro lugar, há sempre um público seriamente desinformado e grosseiramente mal informado com o qual é preciso lidar. Além disso, o meu trabalho atraiu a atenção próxima de cientistas de todos os tipos e de todos os matizes de opinião, e por isso estive fortemente exposto às suas posições. Como tanto a opinião pública como a científica afetam o nosso clima intelectual geral e, por conseguinte, a disposição com que abordamos o meu tema presente — as condições reais de vida depois de deixar o plano terreno —, desvio-me por um momento para rever algumas predisposições antigas.

Os cientistas, constatei, nem sempre são científicos. As denúncias das provas apresentadas pela parapsicologia por homens de ciência

vieram quase todas de pessoas que nunca examinaram cuidadosamente a evidência. Alguns, porém, mantiveram-se fiéis ao método científico e estudaram os fenómenos reais. Entre estes contam-se alguns dos mais vigorosos e eficazes defensores do facto da sobrevivência.

«A própria palavra "médium" traz-nos de imediato à mente os inúmeros casos de fraude comprovada perpetrada por charlatães para extorquir dinheiro aos enlutados crédulos», disse o distinto filósofo e professor emérito da Brown University, Curt J. Ducasse, numa das Conferências Foerster na Universidade da Califórnia. O professor Ducasse, antigo presidente da Associação Filosófica Americana, prossegue:

«Mas os modos de embuste e as fontes de erro, que de imediato nos ocorrem como explicações fáceis e naturais para factos aparentemente extraordinários, ocorrem com igual rapidez aos membros das comissões de investigação da Society for Psychical Research. Em geral, estes homens tiveram muito mais experiência do que o resto de nós com os truques de prestidigitadores e de médiuns fraudulentos, e tomam contra eles precauções muito mais rigorosas e engenhosas do que ocorreriam ao cético comum. Aceitar a hipótese da fraude ou da má observação exigiria, muitas vezes, mais credulidade do que aceitar os factos relatados.

«Apenas duas hipóteses adequadas para explicar estes factos foram até agora avançadas. Uma é a hipótese da telepatia — isto é, a suposição, já de si bastante surpreendente, de que o médium é capaz de recolher informação diretamente da mente de outros e que esta é a verdadeira fonte da informação comunicada. Para dar conta de todos os factos, porém, esta hipótese tem de ser esticada muito para além, porque alguns exigem que suponhamos que o médium consegue aceder às mentes até de pessoas muito distantes e totalmente desconhecidas para ele, e consegue aceder até à parte subconsciente das suas mentes.

A outra hipótese é que as comunicações realmente provêm, como afirmam, de pessoas que morreram e sobreviveram à morte. Perante a forte evidência empírica da sobrevivência, precisamos de rever de

forma bastante radical as nossas ideias comuns sobre o que é e o que não é possível na natureza.»

O célebre professor de Psicologia da Universidade de Columbia, Gardner Murphy, atualmente ligado à Menninger Clinic e estimado presidente da American Society for Psychical Research, publicou um estudo meticuloso de casos em que foi transmitida informação que, na sua opinião, não permite outra conclusão senão a de ter sido comunicada por uma pessoa presumida morta. Um pai, aparecendo como aparição a um dos seus filhos algum tempo após a «morte» do pai, revelou a existência e a localização de um segundo testamento, até então ignorado, que foi depois encontrado no local indicado. Uma rapariga apareceu como aparição ao seu irmão nove anos após a sua morte, com um risco bem visível na face.

A mãe revelou-lhe então que fora ela própria a fazer esse risco ao preparar o corpo da filha para o enterro, mas que o cobrira imediatamente com pó e nunca o mencionara a ninguém. Uma aparição surgiu a um general do exército britânico na Índia: era de um tenente que ele não via há dois ou três anos. O tenente montava um pónei castanho, de crina e cauda pretas. Estava muito mais corpulento do que na última vez que se tinham encontrado e usava agora uma barba cuidadosamente aparada, quando antes estava escanhoado. Ao investigar, o general soube que o tenente, de facto, se tornara muito inchado antes de morrer e deixara exatamente a barba descrita. Tinha comprado e cavalgado até à morte um pónei do tipo que aparecera na aparição.

A evidência da sobrevivência é, naturalmente, interminável e conclusiva. Cito estes casos não por serem os mais persuasivos, mas porque sublinham as diferenças entre cientistas que consideram a evidência e «cientistas» que não a consideram. A principal razão para esta cisão na opinião científica é, creio, o facto de os escalões inferiores dos homens de ciência atuais seguirem uma filosofia que se demonstrou estar, pelo menos, um século desatualizada. A filosofia do positivismo lógico de Auguste Comte, que morreu em 1857, foi durante cem anos a preferida de quem gosta de pensar o universo como uma

máquina a funcionar estritamente segundo as leis da física e da química clássicas e tornando-se conhecível exclusivamente através dos cinco sentidos grosseiros do homem. Como as descobertas científicas mais importantes do século intermédio não poderiam ter sido feitas sem o auxílio de outros sentidos para além destes cinco, a filosofia de Comte revelou-se insuficiente. Abriu-se novamente o caminho para admitir os sentidos e faculdades superiores do homem e, ainda assim, permanecer dentro das exigências da correção científica.

Para além dos meus encontros diretos com vários modos de pensamento científico, houve ainda uma outra associação — a com Paramahansa Yogananda — que me sacudiu do cristianismo rural algo estreito da minha infância. Bastava encontrar Yogananda para perceber de imediato que se estava na presença de um homem muito grande — um homem de profundo saber, integridade inatacável, coragem absoluta e compaixão inesgotável. E, contudo, esta personalidade extraordinária tinha-se desenvolvido inteiramente fora da tradição judaico-cristã! O seu ensino afetou-me tão profundamente que me despertou para uma consciência mais aguda do facto de uma sabedoria profunda e verdadeira poder surgir noutros lugares além da cultura local em que eu, por acaso, nascera — uma cultura que se revelou surpreendentemente estreita em alguns aspetos importantes. Estes encontros levaram-me a uma leitura mais extensa da história do pensamento de outros povos.

Quando regressei às crenças judaico-cristãs do meu próprio tempo e lugar, fi-lo com um entendimento muito mais enriquecido.

Retomando agora o nosso assunto — as condições de existência no mundo após a morte —, encontramos que os hebreus do Antigo Testamento foram pioneiros não só na afirmação e descrição desse mundo, mas também na descoberta de um Deus único na natureza e no processo social. Durante os dois séculos imediatamente anteriores a Cristo, os judeus palestinianos foram expostos a ideias gregas, zoroastrianas, babilónicas e persas, que alteraram em alguma medida a sua conceção antiga da vida após a morte. Antes, pensava-se que os mortos iam para o Sheol, um estado de existência sombria e sem cor,

correspondente ao Hades grego. Agora, muitos judeus falavam de uma vida após a morte com um corpo restaurado, cheio de vigor mental e lucidez. Onde antes havia pouca distinção de mérito, passou a haver referência ao estado dos bem-aventurados como «paraíso», o «Jardim do Éden», o «seio de Abraão» ou «sob o Trono». Escritos hebraicos desta época mencionavam «Abraão, a quem Deus plantou no jardim do paraíso», «o nosso mestre Moisés partiu para o Jardim do Éden», «o santo Judá no seio de Abraão». Todas estas imagens contêm elementos positivos e energizantes: continuidade de personalidade ativa, consciência viva, intercâmbio e atividade pessoais, e um cenário cheio de possibilidades de beleza e deleite.

Os judeus não estavam então de acordo — nem nunca estiveram — sobre a natureza da vida após a morte; mas estes novos elementos produziram um novo entusiasmo quanto às suas possibilidades.

Os antigos hebreus, apesar das fulminações dos profetas contra «feiticeiros (astrólogos) e médiuns», tinham consciência das relações entre seres encarnados e desencarnados e frequentemente transpunham a distância por meio de médiuns. Um caso notável — a sessão do rei Saul com a médium de Endor — demonstra claramente que os judeus do tempo de Saul sabiam que a personalidade sobrevivia à morte com memória, reconhecimento, inteligência e os demais atributos de uma personalidade ativa. A Bíblia relata o episódio com algum detalhe:

Então Saul disse aos seus servos: Procurai-me uma mulher que tenha um espírito familiar, para que eu vá a ela e a consulte. E os seus servos disseram-lhe: Eis que há uma mulher que tem um espírito familiar em Endor. E Saul disfarçou-se, vestiu outras roupas e foi, ele e dois homens com ele, e chegaram à mulher de noite; e disse: Peço-te que adivinhes por meio do espírito familiar e me faças subir aquele a quem eu te disser. E a mulher disse-lhe: Bem sabes o que Saul fez, como expulsou da terra os que têm espíritos familiares e os feiticeiros; por que, então, armas uma cilada à minha vida, para me fazeres morrer? E Saul jurou-lhe pelo Senhor, dizendo: Tão certo como vive o Senhor, nenhum castigo te acontecerá por isto. Então a mulher disse: A quem

farei eu subir? E ele disse: Faz-me subir Samuel. E quando a mulher viu Samuel, gritou em alta voz; e a mulher falou a Saul, dizendo: Por que me enganaste? Pois tu és Saul. E o rei disse-lhe: Não temas; que viste tu? E a mulher disse a Saul: Vejo um deus a subir da terra. E ele disse: De que forma é? E ela disse: Sobe um velho; e vem coberto com um manto. E Saul percebeu que era Samuel, e inclinou-se com o rosto em terra e prostrou-se.
E Samuel disse a Saul: Por que me inquietaste, fazendo-me subir? …

Os adoradores judeus de Javé deixaram-nos, na Bíblia, a história de uma religião em evolução, durante a qual várias ideias do mundo de além — ou da ausência dele — dominaram por algum tempo e depois cederam para dar lugar a outras. A partir do século II a.C., muitos judeus aceitaram a ideia da alma como o eu essencial, preexistente ao corpo e sobrevivente a ele. Misturada com esta visão surgiu uma doutrina ressureccionista segundo a qual o próprio corpo físico, ou um fac-símile razoável dele, teria, em última instância, de ser restaurado para proporcionar uma vida após a morte satisfatória.

Jesus de Nazaré falou da vida para além da morte de uma forma como ninguém antes. Falou desses domínios, para a maioria tão remotos, com a definição e a autoridade de quem realmente os tinha percorrido. Evitou deliberadamente descrever cenas do além com grande detalhe «porque», como disse, «não o poderíeis suportar». Ao que parece, não considerava que as mentes simples e diretas dos discípulos estivessem então preparadas para lidar com a complexidade que uma compreensão completa da vida após a morte implicaria.

Também deixou claro que não queria que as especulações sobre a vida para além interferissem com o trabalho vital que precisava de ser feito no presente imediato. Os seus ensinamentos sublinhavam sempre o imperativo do aqui e agora. Uma vida vivida dia após dia, em entendimento progressivo e amoroso — sugeria ele — conduziria a uma continuação satisfatória, sem excessiva ruminação sobre ela.

Jesus, contudo, levantava muitas vezes o véu para um vislumbre do que estava além. «Na casa de meu Pai há muitas moradas; se assim não fosse, eu vo-lo teria dito.» Aqui temos um vislumbre de uma gama

ilimitada de condições e estados de consciência alcançáveis nas ordens superiores do ser. Nunca deixou de enfatizar a importância da vida presente como arena de desenvolvimento espiritual.

Há, por exemplo, o relato do mendigo Lázaro e do rico Dives. Ambos os homens são descritos na vida após a morte pouco tempo depois de falecerem. Os irmãos de Dives ainda vivem na nossa esfera, e ele está ciente das suas ações. Dives está a adaptar-se com dificuldade às suas novas condições; já não consegue impor a sua vontade apenas tornando conhecidos os seus desejos; o dinheiro, nesta nova dimensão do ser, já não compra um caminho desimpedido. Lázaro, porém, soube aproveitar bem o seu sofrimento terreno para amadurecer o carácter; encontra-se «no seio de Abraão».

É interessante notar que Jesus conferiu muito pouca autoridade ao tipo de «inferno», como lugar de tormento e punição do pecado, que foi tão amplamente utilizado pelos sacerdotes cristãos da Idade Média e posteriormente para incutir terror nos corações dos seus paroquianos. Presumivelmente, Dives tinha tanta oportunidade como qualquer outra pessoa de fazer progresso espiritual, uma vez libertado das ideias falsas que o tinham estado a travar. O novo «Hades» é-nos apresentado como um lugar intermédio de repouso — uma espécie de posto de controlo — onde os espíritos em viagem fazem uma pausa para avaliar as suas necessidades e receber orientação para o seu desenvolvimento ulterior. O próprio Jesus, segundo aquele consenso cristão primitivo conhecido como o Credo dos Apóstolos, «desceu» até lá antes de aparecer, após a Crucificação, no seu corpo espiritual (muitas vezes chamado «astral»).

Com o objetivo de esclarecer aqueles discípulos que julgava capazes de «suportar», Jesus, um médium muito grande, incluiu-os numa sessão em que Moisés e Elias apareceram. As testemunhas — Pedro, Tiago e João — ficaram profundamente impressionadas pela qualidade radiante da vida alcançada, após a morte biológica, por pessoas espiritualmente avançadas. De novo, quando Jesus e o ladrão arrependido foram pregados em tábuas e se aproximavam da agonia extrema da crucifixão, Jesus pôde dizer, com confiança: «Hoje estarás comigo no Paraíso.» Paraíso, no sentido em que a palavra era usada

pelos judeus deste tempo, não era o mesmo que aquela proximidade íntima do Criador designada como céu. Era um dos nomes para a paragem imediata de descanso após a morte. Esta frase, bem atestada, reafirmava uma vez mais a vida após a morte, em todas as suas fases, como um lugar onde as pessoas vivem em plena consciência e se reconhecem umas às outras.

O apóstolo Paulo fez alguns comentários significativos sobre a relação entre a vida presente e a vida para além da morte. «Conheço um homem», escreveu ele, «que foi arrebatado até ao terceiro céu.» Conhecia outro homem «que foi arrebatado ao Paraíso». Aparentemente, o próprio Paulo teria desejado viver tais revelações. Rezou por isso. Em vez disso, «foi-me dado um espinho na carne, um mensageiro de Satanás para me esbofetear, para que eu não me exaltasse desmedidamente».

Assim, dizia Paulo, gloriar-se-ia nas suas fraquezas, para que o poder do espírito pudesse mostrar-se com ainda maior vantagem ao manifestar-se num vaso tão falho. Isto faz-me lembrar os membros dos Alcoólicos Anónimos que, ao «gloriarem-se» na sua suscetibilidade à dependência, têm feito um trabalho tão notável junto dos alcoólicos doentes do nosso tempo.

Paulo fez outras referências à capacidade de algumas pessoas para perceberem dimensões da realidade que ele próprio não conseguia. «Quanto aos dons espirituais», escreveu, «há diversidades.» E enumera entre esses dons a capacidade de discernir espíritos (mediunidade), a sabedoria, o conhecimento, a fé, o dom da cura espiritual, a profecia, a aptidão linguística e a realização de milagres. Mas (e aqui sou de novo lembrado da admoestação de Yogananda) nenhum destes dons, por si só, indica verdadeiro avanço espiritual; sem compreensão amorosa, diz Paulo, são «metal que soa» ou «címbalo que retine».

Para os primeiros cristãos, a vida para além da morte parecia muito próxima e muito real. «Que aproveita ao homem», perguntara Jesus, «ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?» Esta pergunta colocava a questão diretamente diante dos seus seguidores: não significaria que o indivíduo tem mais valor do que o mundo inteiro? A «outra-

mundanidade» dos primeiros cristãos levou a humanidade a um ponto alto de coragem e compaixão tanto na história religiosa como na secular. Os romanos, senhores do mundo conhecido, não sabiam o que fazer com eles. Roma governava pela ameaça da morte. Mas ali estavam pessoas imunes a essa ameaça! O único efeito dos massacres de cristãos era revelar o seu carácter superior ao resto da população e, assim, convertê-la à nova fé! Quando a ameaça de morte falhou, nada restou aos romanos senão adotar o catolicismo cristão como religião oficial do Estado. Alguns historiadores observaram que esse ato inverteu de tal modo a natureza do cristianismo que este se tornou mais romano do que católico.

Esta instituição transformada, após a queda de Roma, encontrou o seu desafio num tipo de missão muito diferente. Se antes ensinara religião a povos altamente civilizados, o seu novo papel passou a ser ensinar civilização a bárbaros. Por vezes, durante os terríveis séculos negros das chamadas Idades das Trevas, parecia haver dúvidas sobre se os bárbaros seriam enobrecidos pela Igreja ou se a Igreja seria degradada pelos bárbaros.

Para o nosso propósito, não precisamos de entrar em grande detalhe sobre as crenças das várias tribos celtas, nórdicas, francas e germânicas que tinham quebrado o poder romano e estavam agora a afirmar-se. Embora alguns estudiosos acreditem que os druidas tinham conceções religiosas avançadas, a maioria das tribos seguia um culto primitivo da natureza. Tanto para os homens da Igreja como para os homens das tribos, as Idades das Trevas são uma história sombria. Raramente a conduta humana desceu abaixo do nível desses terríveis novecentos anos.

Pelo ano 1000, a maior parte da Europa tinha sido «convertida» — à ponta de espada, se necessário. A qualidade das conversões produzidas por tais meios tem sido questionada desde então. No entanto, através de todas estas vicissitudes, o homem nunca abandonou a sua firme crença na continuidade da vida sob alguma forma — geralmente, entre as tribos das florestas, um feliz campo de caça sob a jurisdição de um deus benevolente da natureza.

No início do século XIV, irrompeu no mundo ocidental a primeira exposição arredondada, inclusiva, eloquente e inspirada do propósito e da estrutura da vida para além da morte que se via há mais de um milénio. Embora a *Divina Comédia* de Dante tenha sido, sem dúvida, concebida pelo autor tanto como poema secular-filosófico quanto como tratado religioso, desde a sua primeira publicação foi-lhe concedido o tipo de respeito reverente tradicionalmente reservado apenas à revelação religiosa.

Dante Alighieri, nascido em plena luta política assassina da sua Florença natal em 1265 d.C., sendo embora o intelecto mais notável do seu tempo, encontrou-se do lado perdedor de uma vendeta política, exilado da sua cidade e proibido de regressar sob pena de ser queimado na fogueira, um proscrito sem recursos nem reputação ainda jovem. Dante, que por vezes falava de si mesmo como tendo visões e revelações, baseou, em traços largos, a sua descrição do «estado da alma após a morte» em Tomás de Aquino, Aristóteles e na tradição católica romana.

Dante foi, desde a juventude, um visionário tanto poético como psíquico. Um trecho da biografia do poeta por Giovanni C. Boccaccio descreve a visão profética de Dante que pressagiou a morte precoce da jovem Beatriz Portinari. Isto ocorreu pouco depois de Dante ter conhecido a rapariga pela primeira vez:

Na *Vita Nuova*, conta-nos que, tendo recebido uma saudação amável de Beatriz Portinari, a jovem senhora do seu amor, «abandonei a companhia como que num estado de embriaguez e, recolhendo-me ao meu quarto, sentei-me a meditar nessa senhora tão cortês. Durante a minha meditação, veio sobre mim um doce sono, no qual surgiu uma visão maravilhosa. Pareceu-me ver no meu quarto uma nuvem tão vermelha como o fogo, no meio da qual distingui a figura de um homem cujo aspeto inspirava medo ao observador, enquanto, coisa admirável, ele parecia todo alegria. Falou de muitas coisas, poucas das quais compreendi; mas entre elas estava isto: "Ego dominus tuus", "Eu sou o teu senhor". Nos seus braços pareceu-me ver uma figura a dormir, nua, exceto por uma leve cobertura de tecido vermelho-sangue; mas,

olhando com mais atenção, vi que era a minha senhora de felicidade, que se dignara dirigir-me a palavra no dia anterior.

Numa das mãos, parecia segurar algo totalmente em chamas, e dizer estas palavras: "Vide cor tuum", "Eis o teu coração". — E, pouco depois, pareceu-me que ele despertava aquela que dormia e exercia a sua arte de tal modo que a forçava a comer aquilo que ardia na sua mão — e ela fez isso com hesitação e medo. Ficou apenas um pouco depois disto, mas a sua alegria transformou-se numa amargura extrema. Chorando, tomou-a nos braços e, com ela, dirigiu o seu curso para o céu.»

Dante foi tão além de tudo o que as suas fontes originais tinham revelado que os seus admiradores consideram a *Divina Comédia* uma revelação genuína. Como artifício poético para erguer a sua grande descrição da vida após a morte, Dante dá-nos uma visão de si próprio, à beira do desespero, sendo conduzido, para bem da sua alma, através do inferno, do purgatório e do paraíso, até à própria luz da presença de Deus. O poema é uma alegoria: o poeta Virgílio representa a razão, um espírito feminino glorificado conhecido como Beatriz representa a revelação e São Bernardo representa as intuições da fé.

O inferno de Dante (*Inferno*) é um lugar lógico, onde o pecado é o seu próprio castigo. O orgulhoso aristocrata Farinata, por exemplo, arde durante eras nas chamas ferozes do seu próprio orgulho. Os amantes adúlteros, Paolo e Francesca, têm de viver para sempre presos no vínculo inescapável da sua própria paixão. Os violentos devem continuar, por idades, a representar a sua violência e bestialidade sem freio, e assim por diante.

A alma, guiada por Virgílio, desce cada vez mais no inferno à medida que os crimes aumentam em gravidade — hipocrisia, fraude, roubo, homicídio — até que os aventureiros chegam ao corpo feio, meio enterrado, de Satanás, no fundo do abismo. Trepando sobre o corpo de Satanás, emergem do outro lado e iniciam a subida através do purgatório, onde hábitos destrutivos podem ser deixados para trás e se ganha nova inspiração para a jornada ascendente rumo ao paraíso. Os sete círculos do purgatório correspondem aos sete pecados capitais:

soberba, inveja, ira, preguiça, avareza, gula e luxúria. As almas purificadas, tendo passado pelo seu purgatório, são conduzidas ao paraíso terreno, no cume do purgatório. A alma alcançou agora o plano da virtude terrena, mas ainda não está qualificada para as regiões mais elevadas do paraíso.

A viagem da alma pelo paraíso rumo ao céu é simbolizada por paragens em vários corpos astronómicos — estações intermédias onde se reúnem espíritos nos reinos de alegria, mas ainda aquém da perfeição celeste. Estas representam as virtudes cardeais — justiça, prudência, temperança, fortaleza — e as virtudes teologais — fé, esperança e caridade. Por fim, a alma, em êxtase, alcança o céu onde todo o espaço é aqui e todo o tempo é agora. Nenhum resumo como este, naturalmente, consegue reproduzir a riqueza do pensamento, a subtileza do significado e a profundidade da perceção que fizeram da descrição dantesca da vida para além da morte uma obra-prima universalmente reconhecida.

Para o seguinte relato sistematizado, inspirado e detalhado do mundo para além do nosso plano terreno, vamos à Suécia do século XVIII e ao grande cientista, filósofo e vidente Emanuel Swedenborg. O facto de vários dos meus amigos próximos serem swedenborgianos — membros da igreja fundada sobre os ensinamentos de Swedenborg — dá-me um prazer especial ao recontar esta passagem.

Emanuel era filho de um pai notável, bispo e professor de teologia, que estava constantemente em conflito com as autoridades religiosas por insistir que a experiência religiosa direta era mais importante do que um dogma religioso estagnado. Emanuel foi um estudioso brilhante desde a infância e conquistou reputação mundial ainda jovem. Mais tarde, escreveu a um amigo que os seus trinta e cinco anos como cientista natural tinham sido apenas a preparação do Senhor para que recebesse os segredos da vida para além da morte. As suas realizações como cientista foram fenomenais.

Ele sugeriu a hipótese nebular do sistema solar — uma grande massa em rotação que se condensou em Sol e planetas — muito antes de Laplace e Kant. Fez descobertas importantes que aperfeiçoaram a

nossa compreensão da fosforescência, do magnetismo e da teoria atómica, além de ter sido pioneiro na ciência da cristalografia. Como anatomista e fisiologista, delineou a ciência moderna da neurologia, em particular ao esquematizar as funções das células cerebrais, do córtex cerebral e da medula espinal. Antecipou investigações posteriores em endocrinologia. Swedenborg não se limitou à ciência teórica, tendo sido um participante ativo nos assuntos públicos como funcionário governamental e legislador. Os seus escritos científicos foram redigidos em latim.

Swedenborg, um dos maiores psíquicos de todos os tempos, vivenciava fenómenos psíquicos espontâneos mesmo quando ainda estava profundamente envolvido nos seus estudos de ciência natural. Um dos casos de clarividência mais claramente comprovativos alguma vez conhecidos ocorreu quando se encontrava fora de casa. Numa tarde de sábado, enquanto estava em Gotemburgo, "viu" que Estocolmo, a 300 milhas de distância, estava a arder. Tratava-se do grande incêndio de Estocolmo de 1759. A sua visão clarividente revelou-lhe que o fogo se propagava rapidamente, queimara a casa de um amigo e ameaçava a sua própria residência em Estocolmo quando, por volta das 20 horas, foi extinto. Na manhã de terça-feira, a notícia do incêndio chegou a Gotemburgo vinda de Estocolmo; fora exatamente como Swedenborg o descrevera.

Quando tinha cinquenta e sete anos, foi arrebatado por uma experiência espiritual tão avassaladora que lhe pareceu que "os céus se abriram" para ele. Abandonou os seus estudos de ciência natural para explorar estas novas dimensões da realidade. Disse ter livre acesso ao mundo do espírito, podendo mover-se nele com completa liberdade, conversando com os seus habitantes e explorando o seu território. Embora Swedenborg nunca tenha pregado nem tentado fundar uma seita — a Igreja Swedenborgiana foi fundada por seguidores admiradores — escreveu extensamente sobre as suas viagens no mundo ulterior e publicou uma descrição completa e detalhada.

Nos níveis ordinários da vida após a morte, Swedenborg relata, de forma factual, um mundo com muito em comum com o nosso.

Encontrou um terreno natural e centros populacionais contendo homens e mulheres com todos os hábitos e aspirações da humanidade conhecida. Todos estão ocupados em alguma atividade para o bem geral, e todos aprendem e ensinam — aprendendo com almas que alcançaram uma sabedoria superior, ensinando os aturdidos e confusos entre os recém-chegados. Swedenborg considerava que o medo humano universal da morte era totalmente desnecessário. Era perfeitamente possível que seres humanos esclarecidos passassem de um reino para o outro de modo confortável e natural. Após a transição, o corpo cai. Encontramo-nos à vontade no meio do mundo espiritual. Assim, "o céu e a terra poderiam estar juntos e formar um só; os homens conhecendo o que há no céu, e os anjos o que há no mundo".

Swedenborg troçava da noção de que os indivíduos se tornem de algum modo mais nobres apenas por terem passado para a esfera seguinte. "A nossa ideia de uma nobreza abstrata dos espíritos", escreveu ele, "recebe um rude choque. As almas dos nossos pais não são melhores do que nós; não são menos mesquinhas nem menos corporais, e as suas ocupações são frequentemente mais indignas do que as nossas. Uma grande parte dos seus feitos parece-se com relatórios policiais.

Mesmo os anjos não passam de bons homens numa esfera favorável; não devemos adorá-los, pois não o merecem. No melhor dos casos, são dos nossos irmãos, os profetas. Muito simplesmente, a morte não é uma mudança de substâncias. Os mesmos problemas reaparecem depois dela, e o homem fica entregue a resolvê-los. Nada prospera senão a bondade e a verdade. Não há descanso para além do túmulo, senão na paz de Deus, que já era descanso antes dele."

Aqui, evidentemente, ele refere-se aos reinos intermédios dos recém-chegados à outra esfera. Almas mais avançadas tornam-se conscientes de uma radiância central, uma luz espiritual emanada de Deus, fonte de força, verdade, amor e alegria. Antes que estes reinos superiores possam ser alcançados, é necessário vencer a poderosa corrente de retorno das emoções negativas — ódio, orgulho, apego aos

apetites, hábitos e posses. Uma parte significativa do trabalho de uma alma avançada consiste em ajudar os recém-chegados nesta luta.

Madame Guyon, a mística francesa do século XVII, deu um relato da comunicação no além-mundo que coincide muito bem com o dado pelo meu próprio guia, Fletcher. Ambas as autoridades afirmam que a comunicação direta de mente para mente substitui em breve os mecanismos pesados da linguagem. "Há", escreveu Madame Guyon, "outra maneira de conversar que não é pela fala. Aprendi então uma linguagem que antes me era desconhecida.

Apercebi-me gradualmente, quando o Padre Lacombe entrava, de que já não podia falar, e de que se formava na minha alma o mesmo género de silêncio em relação a ele que se formava nela em relação a Deus. Compreendi que Deus queria mostrar-me que os homens nesta vida podiam aprender a linguagem dos anjos. Fui gradualmente reduzida a falar-lhe apenas em silêncio. Foi então que nos entendemos em Deus, de um modo inexprimível e inteiramente divino. Passámos horas neste profundo silêncio, sempre comunicativo, sem proferir uma única palavra."

Swedenborg foi o último grande cientista da civilização ocidental a possuir e demonstrar notáveis poderes psíquicos. Muitos cientistas de renome reconheceram fenómenos psíquicos e insistiram na sua importância como indicadores da verdadeira natureza do homem. Mas nenhum, desde Swedenborg, possuiu tais poderes e esteve disposto a demonstrá-los publicamente. (Numerosos médicos do nosso tempo possuem estes poderes, mas não querem que isso seja geralmente conhecido, por receio de danos na sua reputação profissional!)

A razão pode encontrar-se no materialismo racionalizado que se desenvolveu no seio daquilo a que se poderia chamar "a mente oficial" do homem ocidental e que acabou por a dominar quase por completo. Depois de Swedenborg vieram a máquina a vapor, a fiadeira mecânica, o tear mecânico, o sistema fabril, a Revolução Industrial. Uma vaga esmagadora de ceticismo racional e materialista confrontou e ameaçou engolir todos os que se opunham às suas perspetivas. Somos criaturas do nosso tempo. Atravessar a vida sendo considerado pela maioria dos

contemporâneos um louco não é tarefa fácil. Mas quem é realmente louco? Será a pessoa que insiste em que não há realidade para além daquilo que pode ser medido, pesado, ouvido e cheirado, comprado e vendido? Ou será a pessoa que, tendo descoberto um conjunto de dimensões não alcançadas pelos cinco sentidos grosseiros, percebe um universo mais vasto?

Ao longo de toda a Idade da Razão, entrando na Revolução Industrial do século XVIII, através da enorme expansão exploradora da invenção mecânica do século XIX, e até à explosão tecnológica do século XX, com a sua automatização e cibernetização, o homem ocidental arrancou enormes ganhos materiais à Terra aplicando-se de forma obstinada à manipulação de materiais e excluindo, tanto quanto possível, todos os outros valores. A história da filosofia ocidental, de Hume a Kant, de Comte a Russell, é o registo da batalha do homem ocidental para preservar os seus valores transcendentes contra a maré crescente do materialismo comercializado.

A base económica das filosofias populares é evidente. A elite governante estava a ganhar dinheiro, prestígio e poder através da manipulação racional dos materiais. Quaisquer princípios, válidos ou não, que tendessem a travar a expansão materialista tinham de ser desvalorizados e desacreditados. Os filósofos que mais ardentemente apoiaram a hipótese materialista encontraram-se no controlo da "câmara municipal" académica da filosofia. As suas conclusões, se levadas a sério, gelariam os ossos de qualquer um. Algumas citações características de filósofos de topo da escola materialista: "Tudo deveria ser explicável em termos de física, incluindo o comportamento do homem.

Do ponto de vista da ciência, não há no mundo nada além de arranjos cada vez mais complexos de constituintes físicos." Outro filósofo: "A relação entre o pensamento e o cérebro é, grosso modo, da mesma ordem que a existente entre a bílis e o fígado ou a urina e a bexiga." Outro ainda: "'Qual é a explicação do universo?' é uma pergunta destituída de sentido." "É impossível aos seres humanos

saber se existe ou não um Deus. A discussão é destituída de significado."

Felizmente, não ficámos sem antídotos filosóficos para pontos de vista, como os agora citados, que fazem tamanha violência a tudo o que é belo e exuberante na vida humana, natural e universal. Um deles foi William James, cuja obra será discutida mais amplamente no capítulo seguinte. Outro é o corpo de trabalho filosófico de alto nível produzido por filósofos de estatuto igual ou superior aos agora citados, que os contradizem frontalmente. Um terceiro é a teoria da evolução da consciência, que explica plenamente como é possível que acontecimentos totalmente incompreensíveis a um nível da consciência humana sejam clara e obviamente percetíveis em níveis superiores de consciência.

Este último fio de pensamento foi proeminente no século XX, apoiado por pensadores eminentes como Henri Bergson, C. G. Jung, Julian Huxley, P. B. Medawar, T. A. Goudge, Teilhard de Chardin e Erich Kahler. A minha exposição favorita desta filosofia é a apresentada pelo psiquiatra canadiano R. M. Bucke. "O alcance da consciência simples", diz Bucke, "é muito menor do que o da autoconsciência, e o alcance da consciência cósmica é muito maior do que qualquer uma das duas. O homem que teve o sentido cósmico, ainda que apenas por alguns momentos, provavelmente nunca mais descerá ao nível espiritual do homem meramente consciente de si, mas sentirá sempre dentro de si o efeito purificador, fortalecedor e elevador dessa iluminação divina, e muitos dos que o rodeiam reconhecerão que a sua estatura espiritual está acima da do homem médio."

Níveis inferiores de consciência, incapazes de compreender dimensões que são claras nos níveis superiores, protestam naturalmente que tais dimensões não existem. Há o episódio relatado de um operador de bulldozer que foi confrontado por um grupo de ambientalistas combativos quando estava prestes a destruir um dos locais de beleza de um subúrbio oriental. O condutor do bulldozer pousou as mãos nas ancas, cuspiu no chão e olhou em redor. "Que beleza?", disse. "Não vejo beleza nenhuma." Quem, neste caso, deve

ser acreditado: o mecânico que não conseguia ver beleza alguma ou os ambientalistas que conseguiam?

Nesta controvérsia antiga, encontro conforto no humor irónico com que a questão é resolvida por um homem classificado nos manuais padrão de filosofia como um dos gigantes filosóficos mais destacados do nosso tempo, C. D. Broad, Professor de Filosofia em Knightsbridge, na Universidade de Cambridge. O sábio de Cambridge abordou a tese, defendida por Bertrand Russell, Sigmund Freud e outros, de que todas as experiências religiosas são da mesma natureza que ilusões e alucinações. ("Do ponto de vista científico", disse Russell, "não podemos fazer qualquer distinção entre o homem que come pouco e vê o céu e o homem que bebe muito e vê cobras.") O Professor Broad aceita, com bonomia, a possibilidade de que os viajantes nas dimensões mais vastas possam parecer um pouco estranhos:

"Suponhamos, para efeitos de argumentação, que existe um aspeto do mundo que permanece totalmente fora do alcance das pessoas comuns na sua vida quotidiana. Então parece muito provável que algum grau de anomalia mental e física seja uma condição necessária para se ficar suficientemente desprendido dos objetos da perceção sensorial comum e entrar em contacto cognitivo com esse aspeto da realidade. Assim, o facto de as pessoas que afirmam possuir este tipo peculiar de cognição exibirem geralmente certas anomalias mentais e físicas é exatamente o que se poderia esperar se as suas afirmações fossem verdadeiras. Poder-se-ia precisar de estar ligeiramente 'rachado' para ter algumas frestas de observação para o mundo suprassensível."

Mas o Professor Broad não acredita que os freudianos e o Professor Russell estejam certos. "As suas teorias", escreve ele, "têm um tom demasiado ictérico para inspirar plena confiança. Eu sentiria alguma hesitação em aceitar teorias sobre a natureza da música e a sua função na vida humana, elaboradas por um psicólogo surdo para os sons, cuja esposa tivesse recentemente fugido com um músico."

IV

Perspectivas sobre a Sobrevivência:

William James e os Investigadores Pioneiros

UM AMIGO MEU, ecologista, muito perturbado com a destruição do nosso ambiente natural, disse-me uma vez: "Há apenas uma coisa a impedir o ar limpo, a água potável pura, os cursos de água saudáveis, os solos produtivos e os alimentos não poluídos — a falta de crença de que estas coisas podem ser alcançadas. No momento em que acreditarmos que tal mundo é possível e digno de ser atingido, criá-lo-emos rapidamente."

Tenho pensado muitas vezes que algo semelhante se aplica à nossa incapacidade de abolir o medo da morte através de uma consideração aberta das possibilidades de uma progressão para uma vida excitante e plena noutra esfera. Perante uma vontade quase palpável de não acreditar, as provas nada significam e nem sequer são seriamente consideradas.

Será possível que esta vontade de não acreditar tenha um efeito semelhante ao da nossa vontade de não preservar, aplicada ao nosso ambiente natural? Estou convencido de que a vida após a morte é uma realidade tanto para os que acreditam nela como para os que não acreditam. Estou convencido de que manter a mente aberta às possibilidades criativas de tal vida aumentará grandemente o prazer e o significado último dessa vida quando ela chegar — como chega a cerca de 50 000 000 de pessoas todos os anos e como chega, inevitavelmente, a cada um de nós. Este capítulo é em parte dedicado ao que se poderia chamar o poder da descrença institucionalizada e a alguns daqueles que mais eficazmente lidaram com ela.

O que é o cérebro humano?

Esta pergunta não encontrou uma resposta sobre a qual as principais autoridades consigam concordar, embora seja reconhecida como uma das mais importantes alguma vez colocadas pelo homem e, por isso, tenha envolvido as melhores mentes do século XX.

Será ele, como alguns afirmam, um órgão de secreção, produzindo a consciência da mesma forma que o fígado produz a bílis? Nesse caso, naturalmente, tal como fígados mortos não produzem bílis, a consciência terminaria quando o cérebro deixasse de funcionar.

Ou será ele, como muitos cientistas e filósofos da ciência insistem, um órgão mais adequadamente comparável aos pulmões, retirando de uma consciência omnipresente aquela medida, minuto a minuto, de consciência necessária para sustentar uma determinada psique na sua situação imediata no universo — tal como os pulmões retiram de uma vasta atmosfera envolvente a quantidade de oxigénio necessária para sustentar um corpo físico nas suas necessidades momentâneas? Neste caso, a psique individual, uma vez formada como uma estrutura de consciência (tal como um corpo físico é formado por uma estrutura de átomos), existiria no seu próprio elemento e não seria privada de nada essencial à sua existência se o cérebro deixasse de lhe transmitir dados.

Estes dois pontos de vista nunca foram resolvidos. Os cientistas mecanicistas, tal como o homem comum, encontram-se tão ocupados em atividades "práticas" lucrativas do seu quotidiano que não examinam provas que lancem dúvidas sobre o universo mecanicista e a teoria "hepática" do cérebro. Os cientistas da consciência cósmica consideram as provas a favor do universo mental e da teoria "pulmonar" do cérebro tão esmagadoras que, mesmo sendo a moda científica temporária a de lhes negar audiência e puni-los, sempre que possível, com uma redução do estatuto profissional, não conseguem honestamente abandonar a sua posição.

A importância desta questão para a presente discussão é clara. Se a personalidade humana termina quando o cérebro deixa de funcionar, não há necessidade de especular sobre uma vida após a morte. Se, contudo, o cérebro é uma "bomba de consciência", impulsionando para um organismo temporário pequenos jatos de consciência cósmica que podem ser utilizados por uma unidade de consciência em crescimento dentro de um organismo físico — e, simultaneamente, alimentando esse mesmo sistema psicossomático temporário com dados sensoriais físicos locais — então não há necessidade de um cérebro quando a

psique se torna suficientemente forte para subsistir no seu próprio elemento. Não se necessita de um sistema de abastecimento de água, com o seu arranjo complicado de bombas, tubos, válvulas e torneiras, quando se está a nadar num curso de água pura.

Um conjunto de mentes notáveis compreendeu que, na compreensão bem-sucedida da função cósmica do cérebro humano, reside o próprio futuro do homem. No mecanicismo (uma vez que esta abordagem é a sabedoria convencional atual e conhecida de qualquer aluno do ensino básico, não há necessidade de a desenvolver aqui) veem um beco sem saída desastroso, com o homem a tatear incessantemente e às cegas entre moléculas até acabar por se fazer explodir com elas. Na consciência cósmica veem refletido o significado claro de aspetos da experiência humana ainda não explicados — e um renascimento fecundo da investigação científica num horizonte enormemente expandido.

Uma das maiores destas mentes — o pioneiro, o desbravador, o grande explorador mental de vasto alcance que apontou para domínios mais tarde investigados com maior detalhe por gigantes como Jung, Dewey e Freud — foi William James. Uma vez que James foi um líder na construção da ponte de compreensão pela qual a certeza racional e o mistério intuído podem viver confortavelmente — até alegremente — dentro do mesmo conceito de mundo, devemos considerar os pontos principais do seu pensamento antes de podermos apreciar plenamente as experiências mais recentes da vida para além da morte.

Os manuais padrão de psicologia de hoje citam William James como um dos quatro fundadores da psicologia moderna, sendo os outros Wilhelm Wundt, John Dewey e Sigmund Freud. Cada um destes pioneiros utilizou o trabalho dos outros — Wundt contribuindo com as técnicas experimentais que dominam a investigação psicológica atual, James com o conceito de estudar a personalidade humana como um todo funcional, Freud com as técnicas da psicanálise por associação livre, Dewey com o conceito da atividade mental como uma resolução evolutiva de problemas que emergem da experiência humana direta.

James nunca negou o facto incontestável de que grande parte da atividade humana é composta por automatismos simples, semelhantes aos de uma máquina. Na verdade, o seu funcionalismo é a base da compreensão e do tratamento atuais de neuroses funcionais como a surdez para evitar ouvir sons indesejáveis, a cegueira para evitar visões desagradáveis, a gula e a cleptomania para compensar uma carência de amor, a condução compulsiva para encobrir um sentimento de inadequação, e assim por diante.

É também a base da sua convicção de que a consciência humana é muito mais do que uma rede de ciclos estímulo–resposta. A sua observação direta do comportamento mental e físico humano levou-o a procurar a função da qual o acontecimento era um subproduto. Estava convencido de que uma compreensão completa do homem-máquina era essencial para uma compreensão plena do homem. Os seus estudos em funcionalismo mental desfizeram muitas falsas noções sobre Deus e a imortalidade.

Mas esses mesmos estudos conduziram-no à descoberta de funções superiores no homem que não são explicadas por nenhuma das teorias mecanicistas ligadas à Terra. Dos quatro fundadores da psicologia moderna, apenas James e Freud mostraram alguma consciência das vastas ressonâncias que se estendem para além dos circuitos clínicos que tanto os fascinavam a todos. Freud tomou consciência dessas ressonâncias demasiado tarde na sua vida (não muito antes da sua morte escreveu que, se tivesse de fazer tudo de novo, teria sido parapsicólogo) para ter qualquer efeito na florescente escola de psicologia que ostenta o seu nome.

James, porém, reparou nas variações significativas enquanto ainda se encontrava no auge da sua carreira profissional. Para James, era óbvio que o valor de qualquer hipótese é inversamente proporcional à extensão da experiência humana que deixa por explicar. Escreveu extensamente sobre fenómenos que ocorrem continuamente fora das diretrizes da psicologia mecanicista e lançou as bases para um estudo cuidadoso desses acontecimentos. Por esta razão, se o nosso objetivo é trazer para o âmbito do estudo científico toda a gama de ocorrências

reais dentro da experiência humana, devemos regressar aos fundamentos deixados por William James e às intuições que os freudianos posteriores tão notoriamente ignoraram.

William James trouxe uma gama extraordinária de experiências para os estudos que conduziram às suas conclusões finais sobre a questão da vida para além da morte. Era um dos cinco filhos de um pai brilhante, inquieto e errante. Henry James, o pai (o romancista Henry James era um dos seus filhos e irmão de William), descendia de uma longa linhagem de agricultores, comerciantes e mercadores presbiterianos escoceses-irlandeses-ingleses prósperos. Em jovem, o velho James fora enviado para o Seminário Teológico de Princeton, onde desenvolveu uma aversão feroz à religião organizada.

Mais tarde escreveu extensamente e com brilhantismo sobre temas filosóficos e teológicos e foi amigo próximo de líderes intelectuais do seu tempo como Emerson e Carlyle. Devido à tendência inata do pai para vaguear, a educação de William decorreu em dois continentes e foi frequentemente interrompida. Em rapaz, William frequentou várias escolas nos Estados Unidos, em França e na Suíça. Aos dezoito anos iniciou o estudo da arte, apenas para o abandonar e, no ano seguinte, inscrever-se na Lawrence Scientific School da Universidade de Harvard. Prosseguiu os estudos e graduou-se, após várias interrupções, na Faculdade de Medicina de Harvard. Uma dessas interrupções foi uma exploração do vale do Amazonas como assistente do grande cientista Louis Agassiz. Outra foi um interlúdio na Alemanha para estudar com o famoso cientista Hermann von Helmholtz.

A saúde física de James foi frágil ao longo da adolescência. Crises de doença confinavam-no ocasionalmente à cama, onde os seus pensamentos se tornavam introspetivos e por vezes até suicidas. Foi talvez aí que desenvolveu aquela extraordinária simpatia e compreensão pela doença mental e pelo sofrimento que caracterizariam todas as suas obras posteriores. Estas depressões terminaram abruptamente quando, aos vinte e oito anos, descobriu a obra do filósofo francês Charles B. Renouvier. O grande pensador francês defendia que a característica distintiva do ser humano não é o

seu automatismo, mas o seu impulso incessante para uma liberdade cada vez maior de pensamento e ação através do exercício daquela faculdade limitada que só ele, entre todas as criaturas, possui — o livre-arbítrio. Para o jovem William James, foi uma revelação. "O meu primeiro ato de livre-arbítrio", escreveu, "será acreditar no livre-arbítrio." Esta resolução libertou a sua criatividade reprimida. Casou pouco tempo depois e, com uma energia e um brilhantismo raramente vistos em qualquer ser humano, lançou-se nas investigações de largo alcance que lhe trariam fama duradoura.

Progrediu de um tema para outro, fazendo contribuições originais notáveis em cada etapa, utilizando sempre o conhecimento previamente adquirido como ponto de partida para novas investigações. Primeiro tornou-se professor de fisiologia em Harvard. Depois tornou-se professor de psicologia e coroou esta fase da sua carreira com a grande obra em dois volumes *The Principles of Psychology*. Esta obra, publicada em 1890, foi imediatamente reconhecida nos centros de saber mundiais como um novo ponto de partida de época.

Derrubou os currículos estabelecidos da "ciência mental" e estabeleceu de forma permanente o ponto de vista funcional na psicologia. Foi um período de rápido avanço na compreensão das atividades mundanas da mente humana. Josef Breuer, na Alemanha, tinha, em 1880, utilizando a hipnose, curado um paciente de uma doença mental provocada por uma experiência traumática enterrada. Isto despertara o interesse do jovem Dr. Sigmund Freud que, trabalhando com Breuer, estava prestes a publicar o primeiro livro sobre a terapia psicanalítica. Com as suas próprias descobertas e a sua aguda e simpática consciência do trabalho de Wundt, Breuer e Freud, James cavalgou, durante o resto da sua vida, a crista da vaga do avanço psicológico.

James descobriu, na meia-idade, depois de ter ascendido ao próprio auge da realização mundial no seu campo escolhido, a psicologia, que este campo continha limitações que impediam uma compreensão plena da natureza e do destino do homem. A psicologia

concentrava-se corretamente num estudo cuidadoso do homem tal como ele é, para o ajudar a resolver os seus problemas imediatos e locais e, se possível, aliviar os seus sintomas mentais. James considerou estas fronteiras limitativas em muitos aspetos. Excluíam qualquer referência à origem cósmica do homem, à sua função e ao seu propósito último. Elevavam a mentalidade laboratorial e o mito da objetividade a um estatuto superior a outros modos de perceção, estatuto esse que era altamente questionável que merecessem. Assim, mantendo e utilizando ao máximo as perspicácias que adquirira através das suas investigações psicológicas, abandonou a psicologia enquanto ciência "pequena".

Transferiu então os seus ensinamentos básicos para o campo da filosofia, onde sentia que a procura da verdade última encontraria um âmbito mais livre. O seu método — assentar qualquer pretensão ao conhecimento exclusivamente no fundamento da experiência humana direta — era o mesmo que utilizara na psicologia e foi igualmente bem-sucedido. Não estava a defender conclusões prévias nem a transportar essas conclusões para uma dialética ulterior.

Ao abordar as formidáveis questões de Deus e da imortalidade, apelou não à autoridade, à teoria ou à argumentação habilidosa, mas ao que efetivamente acontecera a seres humanos vivos. James não podia comprometer-se de forma precipitada. Foram necessários dez anos — durante os quais publicou ensaios cautelosos relatando as suas meticulosas investigações nesta linha — antes de chegar a conclusões que não fossem apenas tentativas, e mesmo estas vinham acompanhadas de advertências de que ainda era necessário realizar muito trabalho confirmatório.

No fim, ficou completamente convencido da existência de Deus. É duvidoso, claro, que a sua definição de Deus satisfizesse as exigências dos principais clérigos do seu tempo. Mas acreditava estar estabelecido, para lá de qualquer dúvida possível, que existiam poderes salvadores, de natureza psíquica e espiritual, com os quais a personalidade de alguém podia estabelecer contacto em momentos de crise. Como o facto da telepatia — a transferência de pensamento — já fora

estabelecido, considerou a questão da imortalidade muito mais difícil e complexa. Para estabelecer o tipo de prova de sobrevivência que satisfizesse o cético mais exigente (James simpatizava plenamente com o ponto de vista cético e manteve as suas exigências ao longo das suas investigações) seria necessário apresentar provas que não pudessem ser explicadas por qualquer transferência concebível de quaisquer pensamentos humanos concebíveis nas mentes (conscientes ou inconscientes) de quaisquer seres humanos vivos.

Vez após vez encontrou casos em que a explicação pela hipótese da telepatia lhe parecia muito mais absurda do que a explicação pela hipótese da sobrevivência. Contudo, enquanto a hipótese da telepatia pudesse ser minimamente tolerada, não conseguia sentir que o caso fosse cientificamente conclusivo. Que era logicamente e moralmente conclusivo, disso não tinha dúvida.

Uma oportunidade para James organizar e apresentar o seu pensamento e a sua investigação sobre estas questões surgiu quando, em 1902, foi convidado a proferir as Conferências Gifford na Universidade de Edimburgo. Estas vinte conferências, publicadas em livro com o título *The Varieties of Religious Experience* (*As Variedades da Experiência Religiosa*), apresentaram a linha geral de pensamento sobre a vida para além da morte a que aderiu pelo resto da sua vida. Por vezes foram igualadas, mas nunca superadas, na sua convincente fusão da experiência espiritual e científica do homem.

"Vale a pena recordar", escreveu o famoso académico da Universidade de Columbia Jacques Barzun, numa apreciação de 1958 do livro, "que James chegara à filosofia a partir da psicologia — sendo o seu tratado clássico de 1890, ainda hoje, um marco na história dessa ciência. Antes de ser psicólogo, James fora formado como químico e médico, de modo que a sua evolução do estudo da matéria para o estudo dos anseios religiosos do homem foi sempre sustentada pela ciência, que era o tipo de conhecimento que este século mais admirava."

Citar qualquer passagem particular de uma obra tão rica e profunda como as *Varieties* é correr o risco de cometer o crime da

distorção; na verdade, é preciso lê-la toda. Ainda assim, tenho de correr esse risco. Uma passagem, durante a discussão de James sobre atitudes perante a religião, tem sido há muito uma das minhas preferidas:

> Há um estado de espírito, conhecido pelos homens religiosos, mas por nenhum outro, em que a vontade de nos afirmarmos e de mantermos a nossa posição foi substituída por uma disposição para fecharmos a boca e sermos como nada nas torrentes e colunas de água de Deus. Nesse estado de espírito, aquilo que mais temíamos tornou-se a morada da nossa segurança, e a hora da nossa morte moral transformou-se no nosso aniversário espiritual. Mas o tempo de tensão na nossa alma terminou, e chegou o de um feliz relaxamento… num presente eterno, sem um futuro dissonante que nos cause ansiedade, chegou…

Veremos quão infinitamente apaixonada pode ser a religião nos seus voos mais altos. Como o amor, como a ira, como a esperança, a ambição, o ciúme, como todos os outros impulsos e ânsias instintivas, acrescenta à vida um encantamento que não é racional nem logicamente dedutível de mais nada… Se a religião há de significar algo definido para nós, parece-me que devemos tomá-la como significando esta dimensão acrescentada de emoção, este temperamento entusiástico de adesão, em regiões onde a moralidade, no sentido estrito, no melhor dos casos apenas pode inclinar a cabeça e aquiescer.

> Deve significar nada menos do que este novo alcance de liberdade para nós, com a luta terminada, a nota dominante do universo a soar-nos aos ouvidos, e a posse eterna estendida diante dos nossos olhos… Há muitos homens religiosos sombrios em quem esta mensagem arrebatadora falta… e, no entanto, é a religião no sentido mais agudo, mais apaixonado, que eu desejo, sem discutir palavras, estudar primeiro… Há santos que cresceram em felicidade exatamente na proporção em que o seu estado exterior se tornava mais intolerável. Nenhuma emoção, a não ser a emoção religiosa, pode levar um homem a este estado peculiar. Penso que devemos procurar a resposta entre estes

exemplos mais violentos, em vez de entre os de tonalidade mais moderada.

Naturalmente, nem todas as afirmações de William James são tão líricas. Ele fala a partir de um fundo de anatomista e psicólogo de laboratório. Uma observação mais típica dele pode encontrar-se na sua conferência de Harvard sobre a imortalidade. Aí concede, sem reservas, que o pensamento é uma função do cérebro. Não vê que este facto interfira de algum modo com a probabilidade da imortalidade. "Ainda que a vida da nossa alma, tal como a compreendemos agora, possa, em estrita literalidade, ser a função de um cérebro que perece, não é de todo impossível, antes pelo contrário, é bastante possível, que a vida continue quando o próprio cérebro estiver morto."

Prossegue explicando que a natureza fornece muitos exemplos de uma função produtiva combinada com outras funções. "O gatilho de uma besta tem uma função libertadora; remove o obstáculo que prende a corda e deixa o arco regressar à sua forma original… As teclas de um órgão abrem vários tubos e deixam o ar do fole escapar de várias maneiras… Não somos obrigados a pensar apenas na função produtiva do cérebro; temos também o direito de considerar a sua função transmissiva."

Sugere então que os nossos cérebros poderiam ser lentes semitransparentes através das quais a brancura radiante da realidade é colorida pela natureza de cada lente individual. "A nossa consciência, tal como aqui a conhecemos, seria, em estrita literalidade, função do cérebro… Mas tal dependência do cérebro para esta vida natural não tornaria, de modo algum, impossível a vida imortal… Em estrita lógica, então, são retiradas as presas do materialismo cerebralista… pode doravante acreditar na imortalidade, quer queira aproveitar a permissão, quer não." Sempre interpretei isto como um convite a usar a nossa inteligência gerada pelo cérebro para convidar uma consciência alargada, em vez de a excluir.

Na maior parte dos escritos de William James, ele é muito mais o investigador pragmático. Enunciou a sua posição final sobre a imortalidade humana num artigo publicado na *American Magazine*

menos de um ano antes da sua morte. Aí toca alguns dos pontos altos do seu quarto de século de experiência como investigador psíquico. "Quero deixar registado", escreveu ele, "o carácter comum destes fenómenos… Estou constantemente perplexo quanto ao que pensar desta ou daquela história particular, pois as fontes de erro em qualquer observação raramente são totalmente conhecíveis. Mas varas fracas fazem feixes fortes e, quando as histórias se agrupam em tipos coerentes que apontam cada uma numa direção definida, ganha-se a sensação de estar na presença de… fenómenos genuínos."

Afirmou a presença indubitável de uma autêntica vontade de comunicar. "Quanto à existência de tipos reais e naturais de fenómenos psíquicos, ignorados pela ciência ortodoxa, não estou perplexo de todo, pois estou plenamente convencido disso." Nada nesta afirmação final altera a posição que tomara em *Varieties* dez anos antes; reiterou a dificuldade de distinguir entre a comunicação telepática entre vivos e a comunicação com espíritos desencarnados e encorajou um aumento muito maior da investigação: "é eminentemente um caso para os factos testemunharem".

Remeteu então os leitores para o trabalho mais importante que então estava em curso nesta área: "Tenho o mais elevado respeito pelos trabalhos pacientes dos senhores Myers, Hodgson e Hyslop." Ao cumprir a tarefa deste capítulo, que é ajudar a ajustar as nossas mentes condicionadas pela ciência materialista — usando a linguagem habitual da ciência — às possibilidades que a ciência ainda não investigou plenamente, parece não haver melhor caminho do que seguir o conselho de William James e considerar estes marcos na investigação psíquica.

James Hyslop era professor na Universidade de Columbia e tornou-se um dos fundadores da *American Society for Psychical Research* em 1906. Antes da sua morte, em 1920, avançou grandemente as nossas técnicas de investigação psíquica e lançou importante nova luz sobre a nossa compreensão dos fenómenos psíquicos. O Dr. Richard Hodgson foi um dos membros da *British Society for Psychical Research* conhecido pela sua impiedosa exposição de fraudes, pelo seu ceticismo implacável

e pela sua insistência em que, se o mundo científico fosse convencido, teria de se ter o mais meticuloso cuidado com tudo o que fosse relatado como facto. Hodgson esteve durante algum tempo à frente da filial americana da *British SPR*; quando morreu (1905), essa filial tornou-se o núcleo da nova *American SPR*.

As contribuições de Frederic Myers, em particular as suas extensas explorações das condições da vida após a morte, são tão vastas que exigirão um capítulo separado. Aqui basta notar que Myers, ensaísta e erudito clássico em Cambridge, foi membro fundador e antigo presidente da *British SPR*.

Outros membros desta grande organização pioneira de investigação surgirão mais tarde nas nossas viagens nessa outra esfera, pelo que mais vale apresentá-los agora. Estes são de particular importância: Henry Sidgwick, professor de filosofia em Cambridge e primeiro presidente da *BSPR*; Edmund Gurney, professor de psicologia em Cambridge e antigo presidente da *BSPR*; Arthur Conan Doyle, médico britânico que se tornou escritor e alcançou fama mundial como criador de Sherlock Holmes; e Oliver Lodge, um dos físicos mais distinguidos de Inglaterra, que fora agraciado com o título de cavaleiro pelo seu trabalho notável em teoria atómica e elétrica. Foi através da perda dilacerante do filho de Lodge, Raymond, precisamente no momento em que Sir Oliver estava mergulhado na fase mais intensa da sua investigação psíquica, que a ciência recebeu o seu primeiro relato detalhado do século XX descrevendo a experiência de entrada e de firme estabelecimento no mundo para além da morte.

No livro de Sir Oliver Lodge sobre estas comunicações extraordinárias, *Raymond*, e em análises e avaliações posteriores por autoridades da SPR, dedica-se muito espaço às tecnicalidades da investigação psíquica. Precisamente que palavras forneceram prova incontestável de que o comunicante era o filho de Lodge, Raymond, e ninguém mais? Em que medida foram as comunicações "contaminadas" por influências telepáticas, mediúnicas e outras? Será provável que Raymond estivesse num estado de sonho semi-adormecido em alguns casos e totalmente desperto noutros? Uma vez que Raymond não era

um cientista treinado, as suas descrições teriam de ser puramente impressionistas; que conclusões científicas sobre as estruturas e energias subjacentes do além-mundo poderiam ser retiradas das suas impressões?

Todas estas questões são, naturalmente, de importância vital para os cientistas. Voltarão a surgir numa passagem posterior deste livro. Por agora, gostaria de me concentrar sobretudo na própria experiência — como é, de facto, a entrada nesse outro mundo? Nesta qualidade de expressão espontânea e subjetiva da experiência direta, considero as comunicações de *Raymond* quase perfeitamente "puras" — isto é, livres de contaminações — possuindo um valor definido para aqueles de entre nós que estão mais inclinados a viver a vida do que a analisá-la. Irei, por isso, na narrativa que se segue, dispensar os comentários técnicos do investigador psíquico e deixar Raymond "manifestar-se".

Raymond Lodge, um jovem oficial britânico em França durante a Primeira Guerra Mundial, foi morto em combate em Setembro de 1915. Nesta altura, o seu pai, Sir Oliver Lodge, no decurso normal das investigações psíquicas que então ocupavam a maior parte do seu tempo, trabalhava anonimamente — isto é, sem que as médiuns conhecessem a sua verdadeira identidade — com três médiuns: a Sra. Katharine Kennedy, uma automatista (escritora automática em transe); a Sra. Gladys Osborne Leonard, que trabalhava tanto em transe como através da inclinação de mesas, mas sobretudo, nestas comunicações, em transe; e o Sr. A. Vout Peters, um médium de transe.

Nesta época — e, como veremos, mais tarde — não era invulgar que Frederic Myers, que morrera em 1901 e estava então muito ativo no mundo dos desencarnados, falasse, através de médiuns, com os seus amigos do lado da Terra. O primeiro presságio da morte de Raymond surgiu numa comunicação de Myers conhecida como a mensagem "Faunus".

Raymond Lodge foi morto em Flandres a 14 de Setembro de 1915; tinha então vinte e seis anos. A 8 de Agosto de 1915 — mais de um mês antes da morte de Raymond — numa sessão com a famosa médium americana Sra. Lenore Piper, em Greenfield, Massachusetts, foi

registada uma breve mensagem de Myers para Lodge. Esta foi, como era habitual, enviada a Lodge como parte da rede internacional de correspondência que os investigadores psíquicos da época tinham estabelecido. O Dr. Richard Hodgson (m. 1905) falava através da médium. Esta foi a sua mensagem: "Agora, Lodge, embora não estejamos aqui como antigamente, isto é, não totalmente, estamos aqui o suficiente para receber e dar mensagens. Myers diz que você faz o papel do poeta, e ele atuará como Faunus. Faunus. Verrall compreenderá."

Era bem conhecido, por esta altura, que Myers, que fora um eminente erudito clássico do lado da Terra, frequentemente dava as suas mensagens sob a forma de alusões à poesia grega e romana e a outras obras clássicas — uma área de erudição quase certamente desconhecida para a médium média e, portanto, livre de "contaminação" — para estabelecer a sua identidade para lá de qualquer dúvida. "Verrall" referia-se à Sra. Arthur W. Verrall, viúva de um distinto erudito clássico de Cambridge e, ela própria, uma classicista consumada. Ela identificou de imediato a passagem e estabeleceu o seu significado. Nas *Odes* do poeta romano Horácio há um episódio em que o poeta é protegido de um mal iminente causado por uma árvore que cai pelo deus Fauno, "guardião dos poetas". Isto foi interpretado como significando que Lodge estava prestes a receber algum golpe e que Myers faria o que pudesse no papel de guardião.

Sir Oliver Lodge foi ajudado na sua investigação psíquica por toda a sua família. A primeira sessão espírita a que qualquer membro da família assistiu após a morte de Raymond realizou-se a 25 de Setembro — onze dias depois de Raymond ter sido morto. Foi uma sessão anónima de inclinação de mesa da Sra. Lodge com a Sra. Leonard. A médium não conhecia, nessa altura, a identidade correta da sua participante. Não foi feita qualquer tentativa de entrar em contacto com Raymond. Ainda assim, surgiu a seguinte mensagem do filho "morto": "Diga ao Pai que encontrei alguns amigos dele." A Sra. Lodge perguntou então se ele podia dar um nome específico. A resposta veio: "Sim, Myers." Dois dias depois, Sir Oliver teve uma sessão anónima em transe com a mesma

médium. Nesta sessão, o guia da Sra. Leonard, "Feda", anunciando que Raymond estava com ela, falou do seguinte modo: "Ele acha difícil, diz ele, mas tem tantos amigos bondosos a ajudá-lo… Ele sabe que, assim que estiver um pouco mais preparado, tem muito trabalho a fazer. 'Quase me pergunto', diz ele, 'serei apto e capaz de o fazer. Dizem-me que serei.' Tenho instrutores e professores comigo." Mostra-me a letra M… "Sinto que tenho dois pais agora…

O meu antigo, e outro também… Há um peso que lhe saiu da mente no último dia ou dois; sente-se mais luminoso e mais leve e mais feliz no geral, nos últimos dias. Houve confusão no início. Não conseguia orientar-se… 'Mas não foi por muito tempo', diz ele, 'e penso que tive muita sorte; não foi por muito tempo antes de me explicarem onde eu estava.'"

No mesmo dia, a Sra. Lodge teve uma sessão anónima em transe com o Sr. Peters. Surgiu a seguinte mensagem: "Este senhor que escrevia poesia — vejo a letra M — está a ajudar o seu filho a comunicar." Pouco depois, Peters saltou na cadeira, estalou os dedos e quase gritou: "Meu Deus! Como o pai será capaz de ver agora! Muito mais firme do que alguma vez o fez, porque isto tocará os nossos corações." Duas semanas mais tarde, numa sessão de mesa com a Sra. Leonard, Myers confirmou a intenção da mensagem "Faunus" como uma promessa de ajuda a Raymond e à sua família durante a transição.

Dois dias depois, a 29 de Outubro, Lodge teve uma sessão em transe com Peters na qual a "tutela" de Myers sobre Raymond foi novamente sublinhada: "O seu método de senso comum ao abordar o assunto na família foi o meio de ajudar Raymond; voltar… sem isto teria sido muito mais difícil… ele diz-me: 'F. M. ajudou-me tanto, mais do que imagina'… depois diz: 'Pelo amor de Deus, pai, rompa a represa que as pessoas levantaram. Se pudesse ver o que eu vejo: centenas de homens e mulheres de coração partido. Se pudesse ver os rapazes do nosso lado excluídos, lançaria toda a sua força neste trabalho.'…

Ele quer que eu lhe diga que a sensação ao passar foi de intensa desilusão; ele não fazia ideia do que era a morte. A segunda foi tristeza… este é um tempo em que a crosta se quebrou nas pessoas —

uma crosta de convenção, de… indiferença, foi estilhaçada, e toda a gente pensa, embora alguns de forma egoísta."

Daqui em diante, o percurso de Raymond é o de uma recuperação gradual, como de um choque traumático. Havia plena consciência das oportunidades da sua situação e um vigoroso desejo de avançar com elas. A recuperação, embora lenta, mostrou uma melhoria constante, dia após dia, semana após semana. Durante as sessões deste período de recuperação, uma pergunta frequentemente feita do nosso lado — "As pessoas no além alguma vez dormem?" — recebeu pelo menos uma resposta parcial. Raymond conhecera um jovem chamado Paul, que o estava a ajudar na sua orientação.

A relação entre ambos foi descrita na escrita automática da Sra. Kennedy: "Dir-lhes-á que Raymond tinha ido ter consigo e que Paul me diz que eu também posso ir, sempre que quiser?… Paul diz-me que está aqui desde os dezassete anos; é um tipo alegre; toda a gente parece gostar dele… Parece ser uma regra aqui chamar Paul se se estiver em apuros." Neste ponto, Paul interrompeu: "Raymond dorme desde ontem à noite." Paul falou então da desilusão geral das pessoas recém-chegadas do lado dele ao descobrirem quão difícil era fazer chegar aos amigos e à família a mensagem de que ainda viviam: "Ainda mal acreditam que falaram. Durante todo o tempo sentiram que era impossível, e quase desistiram, mas eu continuei a suplicar-lhes que dissessem à mãe que viviam… Tanta gente pensa que os seus entes queridos estão mortos. É revoltante ouvir os rapazes dizerem-lhe como ninguém lhes fala nunca."

Numa outra sessão do período de recuperação, Feda, o guia da Sra. Leonard, relatou: "Raymond ainda não aprendeu completamente como se reforçar." Ele ainda "acha difícil, mas tem tantos amigos bondosos a ajudá-lo." Ele sabe que "assim que estiver um pouco mais preparado, tem muito trabalho a fazer."

A meio de Novembro, dois meses após a sua morte, Raymond está na plena posse das suas faculdades, em casa no seu novo ambiente e plenamente capaz de o descrever em detalhe. Está muito mais seguro de si ao lidar com os difíceis problemas de comunicação ao fazer chegar

mensagens às mentes do lado da Terra através de médiuns. Aqui dá-nos um relato fortemente pessoal, subjetivo e impressionista de como as coisas lhe parecem e se lhe afiguram, sem a análise complexa sobre se o seu mundo é inteiramente mental, quase físico, real ou sonho, e outras considerações tão caras ao coração dos investigadores psíquicos. Ele limita-se a contar, numa sessão com a Sra. Leonard, o que vê e sente:

No início, há algum diálogo confuso sobre arranjos do outro lado. Depois, após a observação "A oração ajuda quando as coisas não são relevantes", as coisas assentam e Raymond consegue manifestar-se sem mais interrupções: "Vocês [referindo-se aos participantes] não parecem tão reais como as pessoas parecem onde ele está, e as paredes parecem-lhe agora transparentes. A grande coisa que o reconciliou com o seu novo ambiente foi que as coisas parecem tão sólidas e substanciais…

A primeira pessoa a encontrá-lo foi o Avô. E depois outros, alguns dos quais ele só tinha ouvido falar. Todos pareciam tão sólidos, que ele mal conseguia acreditar que tinha passado para o outro lado. Ele vive numa casa — uma casa construída de tijolos — e há árvores e flores, e o chão é sólido… A noite não segue o dia aqui, como acontecia no plano terrestre. Parece escurecer por vezes, quando ele gostaria que escurecesse, mas o tempo entre a luz e a escuridão nem sempre é o mesmo… O que me anda a inquietar é como é feito, de que é composto.

Ainda não descobri… durante algum tempo pensei que os pensamentos de cada um formavam os edifícios e as flores e as árvores e o chão sólido; mas há mais do que isso… A maior parte do seu trabalho é ajudar os pobres rapazes literalmente atirados para o mundo espiritual, na guerra." Quando lhe perguntaram se Raymond conseguia ver adiante, veio a resposta: "Ele pensa, por vezes, que consegue, mas não é fácil prever. Não creio que eu saiba realmente mais do que quando estava na Terra."

Na sessão seguinte com a mesma médium, alguns dias depois, a combinação de relato na primeira e na terceira pessoa é menos evidente, e Raymond manifesta-se ainda mais fortemente como falando

na primeira pessoa e por si próprio: "Se eu vier, não pode haver tristeza. Não quero ser um fantasma no banquete. Não pode haver um único suspiro…"

Perguntado sobre vestuário, Raymond disse: "É tudo fabricado. Consegue imaginar que me vê em vestes brancas? Repare que ao princípio não gostava delas e não as queria usar. Tal como um tipo que vai para um país onde há um clima quente — um tipo ignorante, sem saber para onde ia; é exa

tamente assim. Ele pode decidir usar as suas próprias roupas durante algum tempo, mas depressa estará vestido como os nativos. Foi-me permitido ter roupas da Terra aqui até me aclimatizar; deixaram-me; não me forçaram. Não creio que alguma vez consiga fazer os rapazes verem-me de vestes brancas." Numa sessão posterior, Raymond discutiu o seu novo corpo: "O meu corpo é muito semelhante ao que eu tinha antes. Belisco-me às vezes para ver se é real e é, mas não parece doer tanto como quando beliscava o corpo de carne. Os órgãos internos não parecem constituídos segundo as mesmas linhas de antes. Não podem ser exatamente os mesmos, mas, para todos os efeitos, e exteriormente, são os mesmos de antes. Posso mover-me com um pouco mais de liberdade."

Depois, o diálogo muda abruptamente para a terceira pessoa: "Sim, ele tem pestanas e sobrancelhas, exatamente as mesmas, e uma língua e dentes. Tem agora um novo dente no lugar de outro que tinha — um que não estava muito bem então. Consertou-o e veio um bom dente para o lugar daquele que tinha desaparecido. Conheceu um homem que tinha perdido um braço, mas agora tem outro. Sim, ele tem agora dois braços. Parecia como se estivesse sem um membro quando entrou pela primeira vez no astral, parecia incompleto, mas, ao fim de algum tempo, foi ficando cada vez mais completo, até que recebeu um novo…

Quando alguém é feito em pedaços por uma explosão, leva algum tempo para o corpo espiritual se completar, para se recompor por inteiro e ficar completo. Dispersou uma certa quantidade de substância que é, sem dúvida, etérea, e tem de ser concentrada novamente. O

espírito não é, claro, feito em pedaços, mas isso tem um efeito sobre ele… Os corpos não devem ser queimados propositadamente. Por vezes, temos problemas terríveis com pessoas que são cremadas demasiado cedo… a ideia parece ser 'despachem-se e livrem-se deles agora que estão mortos'. Só depois de sete dias…"

Depois: "Não creio que homens e mulheres se relacionem entre si exatamente da mesma forma que no plano terrestre, mas parecem ter os mesmos sentimentos um pelo outro, com uma expressão diferente. Não parece haver aqui crianças a nascer. As pessoas são enviadas para o corpo físico para terem filhos no plano terrestre; não os têm aqui… Ele agora não quer comer, mas vê alguns que o fazem; diz que lhes têm de dar algo que tem toda a aparência de comida da Terra.

Um tipo veio do outro lado outro dia, que queria um charuto. 'Isso acaba com eles', pensou ele… mas foram capazes de fabricar algo que parecia um charuto… fumou quatro no total e agora não olha para um. Não parecem obter a mesma satisfação disso, por isso, gradualmente, parece que lhes cai. Mas quando chegam pela primeira vez ainda querem coisas.

Alguns querem carne, e alguns bebida forte…" Raymond consegue ver sol e estrelas, mas não sente calor nem frio. "Isso não é porque o sol tenha perdido o calor, mas porque ele não tem o mesmo corpo que sentia o calor. Quando entra em contacto com o plano terrestre e se está a manifestar, então sente um pouco de frio ou calor — pelo menos sente quando há uma médium presente — não quando vem da maneira normal apenas para olhar em volta."

Segue-se alguma discussão sobre que tipo de prova Raymond poderia fornecer que fosse mais convincente. O diálogo volta à terceira pessoa: "É por isso que ele tem vindo a recolher informação. Ele quer tanto encorajar as pessoas a ansiarem por uma vida em que certamente terão de entrar, e perceberem que é uma vida racional." Depois, para a primeira pessoa: "Quero estudar muito as coisas aqui. Achariam egoísta se eu dissesse que não gostaria de voltar agora? — eu não trocava isto por nada." Pessoas muito apegadas aos seus animais de estimação terão interesse em saber que foi visto um cão — evidentemente o

mesmo cão, uma fêmea chamada Curly, mencionada alguns anos antes, através de outra médium, por Myers.

Daqui em diante, após uma referência a "centenas de coisas em que penso para vos contar quando estou longe da médium", Raymond concentra-se em fornecer provas, por vezes através de correspondências cruzadas por duas médiuns, de conhecimento relativo a circunstâncias, arranjos familiares, animais de estimação, hábitos e propriedades que só ele poderia conhecer, com o objetivo de estabelecer para lá de qualquer dúvida possível que a entidade que comunica é, de facto, Raymond Lodge. Depois disso, como em tantos casos, a urgência e o conteúdo da informação esmorecem.

Quase se tem a sensação de que o comunicante já está farto de ser um filho diligente a ajudar no trabalho do pai e agora gostaria de tratar dos seus próprios assuntos. Antes de terminar as suas comunicações, Raymond faz a interessante observação literária de que livros já foram preparados no seu plano, aguardando uma oportunidade de serem inseridos nas mentes de autores afins e, em última instância, publicados na Terra.

Sir Oliver Lodge tem alguns conselhos incisivos para pessoas enlutadas no final do seu livro *Raymond*: "Pode perguntar-se: recomendo eu a todas as pessoas enlutadas que dediquem o tempo e a atenção que eu dediquei a obter comunicações e a registá-las? Certamente que não. Sou um estudante do assunto, e um estudante muitas vezes empreende um trabalho detalhado de um tipo especial. Recomendo às pessoas em geral que aprendam e compreendam que os seus entes queridos continuam ativos e úteis e interessados e felizes — mais vivos do que nunca, num certo sentido — e que se decidam a viver uma vida útil até se reunirem a eles."

Todos os grandes líderes da *British Society for Psychical Research* — Sidgwick, Gurney, Myers, Hodgson — continuaram a sua investigação psíquica, após a morte, do outro lado. Apareciam frequentemente em sessões com material probatório ou indicações técnicas úteis. Dos mencionados pelo Professor James — Myers, Hodgson e o brilhante americano Hyslop — apenas Myers empreendeu uma descrição

completa do mundo sempre em expansão para lá da vida terrestre. Hodgson, porém, elucidou os meios pelos quais pessoas desencarnadas conseguem identificar e depois utilizar médiuns disponíveis. Hyslop deixou algumas conclusões instrutivas sobre a estrutura da realidade do além, tornadas especialmente valiosas pela enorme extensão da sua investigação e observação.

Na opinião de Lodge, um erudito muito cuidadoso, Hodgson fez duas contribuições vitais sem as quais todo o projeto de investigação psíquica não poderia ter feito novos progressos significativos. Hodgson reconheceu cedo a importância destes problemas e dedicou anos da sua vida à sua solução. Primeiro, identificou os métodos de comunicação em transe e de escrita automática e provou a correção da sua hipótese por demonstração. Segundo, desenvolveu material que aboliu, de uma vez por todas, a hipótese de que toda a comunicação mediúnica se baseava na capacidade da médium de extrair informação telepaticamente das mentes de pessoas vivas. Esta eliminação da teoria da telepatia entre vivos deixou sem contestação o facto de comunicação por parte de pessoas presumidas mortas.

Todos nós temos corpos, por vezes chamados etéreos ou astrais, associados aos nossos corpos físicos. No caso de médiuns dotadas, dizia o Dr. Hodgson, existem reservas especiais de um tipo peculiar de energia, visíveis para as pessoas no domínio etéreo como "luz". A Sra. Piper, a médium mais estreitamente estudada por Hodgson, tinha duas massas dessa energia, uma ligada à cabeça, a outra ao braço direito e à mão. "Não pretendo", disse o Dr. Hodgson, "ser capaz de dar qualquer explicação satisfatória do processo que descrevo." Que o processo estava de facto em funcionamento, demonstrou-o ao organizar uma sessão em que uma personalidade desencarnada comunicou verbalmente, utilizando a "energia da cabeça", enquanto outra personalidade comunicava, de forma independente, uma série separada e coerente de mensagens através do braço e da mão da médium em escrita automática.

A demolição de Hodgson da noção de telepatia entre vivos incluiu uma hábil reunião do imenso corpo de material que

demonstravelmente não poderia ter vindo de mentes vivas. Fez também algumas observações muito originais. Tomou notas muito cuidadosas de padrões de confusão, vaguidade, fadiga, repetição automática e esbatimento na experiência das sessões. Apresentou também um argumento muito forte, demasiado complexo para repetir no nosso contexto presente, para a possibilidade de o indivíduo desencarnado, para poder utilizar a médium, ter de se colocar num estado sonhador e reminiscente que inibiria o uso da plena consciência.

Assinalou ainda a dificuldade de uma pessoa que passou muitos anos a tentar aprender a usar eficazmente uma máquina física (a sua própria) e que, depois, é obrigada a aprender técnicas de vida inteiramente novas sem qualquer máquina física, e, por fim, é lançada numa situação em que tem de tentar manejar um mecanismo físico totalmente desconhecido. Os resultados reais são exatamente os que se esperaria de uma situação assim — torna-se mais perito quanto mais tempo se pratica.

Hodgson mostrou, repetidamente, que tratar os seus comunicantes de sessão como espíritos desencarnados racionais a operar sob estas dificuldades produzia resultados muito melhores do que tratar o material como se fossem impressões telepáticas de mentes vivas. Notou também a clareza da lembrança em crianças pequenas recentemente falecidas, em contraste com o esquecimento das coisas de infância mostrado por comunicantes que passaram para o outro lado ainda crianças muito antes. Isto é o que se poderia esperar de uma pessoa normalmente em desenvolvimento, embora desencarnada.

O Professor Hyslop debruçou-se sobre o problema teórico de saber de que é feito o mundo experienciado para além. Reconhecendo que não é feito da mesma substância atómica, molecular, ionizada, corpuscular e eletromagnética que o mundo da experiência terrestre, restam várias possibilidades quanto ao que poderá ser. Há muito a sugerir, disse ele, que a vida espiritual após a morte não se baseia numa resposta sensorial ao estímulo, mas é mental e criativa. Concordando que uma vida espiritual exige que nos livremos da vida sensorial dos apetites, isto deixa-nos com as nossas faculdades mentais internas

como equipamento básico. "É a vida interior que sobrevive", escreveu ele, "e não a física."

Uma vez que a vida interior é em grande medida composta por experiência sensorial recordada, automatismos impressos e hábitos de pensamento repetitivos e condicionados, parte disto tem de nos acompanhar na primeira etapa da viagem. Seria razoável supor que uma mente assim teria de alucinar para si mesma um fac-símile razoavelmente habitável do antigo mundo sensorial como expediente temporário enquanto se habitua às realidades de viver num universo de pura mente e puro espírito.

Este mundo mentalmente criado pareceria muito real ao indivíduo — "muito sólido", como Raymond o disse. A sociedade bondosa do lado de acolhimento do mundo dos desencarnados, não desejando perturbar o espírito recém-chegado, mas tentando ajudá-lo no seu desenvolvimento, reconheceria esta necessidade temporária, encorajá-la-ia e ajudaria a manter a ilusão requerida até que o espírito tivesse feito um ajustamento suficiente para lidar realisticamente com a sua nova situação.

Hyslop identificou dois corpos de informação. Um sugeria que a vida futura teria de envolver um mundo com as características principais do presente, exceto que não seria acessível aos sentidos físicos. Outros sustentam que o mundo para além da morte é estruturado por energias inteiramente mentais. "Não são", disse Hyslop, "necessariamente contraditórios." Estão, de facto, já combinados na vida do mundo presente; todos nós temos vidas de perceção externa, bem como vidas de consciência interna, reflexão, imaginação e meditação. Não há razão, sustentava o grande investigador, para que alguma combinação semelhante não prevaleça no universo para além da morte, embora talvez com uma "mistura" algo diferente.

V

As Revelações de Frederic Myers

SEM, por agora, levantar questões de prioridades ou precedências entre as coisas mentais e as físicas, consideremos que grande parte das nossas vidas normais, de trabalho diário, é ocupada por estruturas que não são feitas de nada além de puro pensamento. Para efeitos de ilustração, gostaria de começar com alguns exemplos bastante comuns.

No nosso mundo atual, as estruturas mentais e físicas estão inextricavelmente misturadas. Sinto um desejo de alguma companhia (mental). Pego no telefone (físico) e faço arranjos (mental) para encontrar um amigo num lugar e hora específicos (físico). As nossas caixas vocais criam vibrações no ar (físico), que são recebidas como palavras (mental), que são imediatamente traduzidas em companhia (mental).

As crianças na maior parte dos Estados Unidos são obrigadas por lei a passar doze anos na escola. Uma grande parte do tempo que ali passam é suposto ser dedicada a uma atividade puramente mental — assimilar impressões de pensamento organizado, processá-las com a sua própria atividade mental e demonstrar, para satisfação dos seus professores, uma estrutura de pensamento resultante que lhes seja própria. Uma parte muito significativa do mundo dos negócios é pensamento. Uma mente inventiva obtém uma "ideia" (mental) para um produto, um livro, um edifício, um novo cliente (físico). A sua ideia recebe expressão física em desenhos e memorandos que a transferem para as mentes (mentais) de outros, que por sua vez a traduzem em "realidade" física.

A extensão em que as estruturas de pensamento dominam o nosso atual mundo de existência física é muito maior do que geralmente se reconhece. Cada peça de vestuário que vestimos, cada aparelho, utensílio, peça de mobiliário, cada veículo que utilizamos, cada estrutura em que habitamos ou que frequentamos, cada moeda que damos ou recebemos, cada ação que praticamos, cada movimento em que participamos, tudo deve a sua existência a um ato original de puro

pensamento. Até a própria natureza participa desta qualidade mental. O canto do tordo, a forma da flor, quando rastreados até às suas origens, revelam ter origem em forças estruturadas misteriosas que são, na sua natureza essencial, mentais.

Quando analisadas, as "realidades" físicas que se tornaram tão queridas aos nossos sentidos e aparentemente tão necessárias às nossas atividades físicas acabam por revelar-se tão misteriosas como — e resultantes de — o mundo mental. Os físicos dizem-nos que este mundo físico é composto por uma combinação de forças eletromagnéticas e de inércia-gravitacionais. Podemos dar nomes às forças e observar alguns dos seus efeitos, mas ninguém consegue dizer o que elas realmente são.

O mesmo acontece com o mundo do pensamento — o mundo mental. Cada um de nós, nas rotinas monótonas da existência quotidiana, passa uma boa parte do seu tempo neste mundo. Poetas e músicos, que passam quase todo o seu tempo nele, falam com segurança de estruturas estéticas que são tão reais e tão sólidas para eles como as estruturas de aço e pedra o são para o empreiteiro de construção (cujo edifício começou com um pensamento imaterial na mente de um arquiteto). Em todas as áreas das nossas vidas, independentemente da idade ou da ocupação, deparamo-nos com a realidade prévia e incontornável das formas de pensamento.

Em que ambiente nativo vivem estas formas de pensamento? Através de que meio são transferidas? Para além do facto claramente estabelecido de que a energia mental opera segundo leis independentes das leis que regem os fenómenos físicos, a ciência pouco consegue dizer em resposta a estas questões. Um século de experimentação em hipnose, telepatia e telecinésia provou que a energia do pensamento pode ser transmitida diretamente à distância e que penetra facilmente barreiras que detêm todas as outras formas de energia. Recentemente, investigadores soviéticos demonstraram que a energia do pensamento pode conferir movimento visível a objetos físicos. O especialista americano em polígrafos Cleve Backster mostrou que o pensamento humano dirigido a células vegetais penetra o

blindagem eletromagnética, bem como espessas barreiras de chumbo e betão. O dotado psíquico Ted Serios mostrou a investigadores norte-americanos que é possível impressionar uma imagem em película.

Não precisamos, portanto, de invocar nada de oculto para estabelecer a base do nosso próximo passo na compreensão da vida para além da morte. Os dois preceitos necessários têm uma vasta base experimental: primeiro, as estruturas de puro pensamento têm uma importância primordial na vida humana; segundo, tais estruturas podem existir na sociedade humana e na natureza independentemente de quaisquer fenómenos físicos. Estas duas afirmações, aqui apresentadas como axiomas, formam a ponte entre o mundo dos nossos sentidos físicos grosseiros e o mundo da vida para além, que é em grande medida, se não inteiramente, um mundo mental.

O caso de Frederic Myers é de especial interesse para as pessoas do nosso tempo que acreditam haver uma possibilidade real de vida após a morte e gostariam de saber mais sobre as suas condições e qualidade. Isto não se deve apenas ao facto de Myers ter sido um investigador psíquico original, enérgico, engenhoso, dedicado e altamente inteligente durante trinta anos antes da sua "morte" e durante trinta anos depois dela.

A história antiga e moderna, bem como o jornalismo contemporâneo, oferece inúmeros exemplos de pessoas que tiveram uma curiosidade ativa acerca da vida para além da morte enquanto estavam no domínio físico e que encontraram meios de relatar o que se passava depois de emergirem na vida para além do osso, da carne e do tecido. Mas a maioria dessas pessoas falou num idioma diferente daquele em que o nosso tempo deposita credibilidade. Podem falar na linguagem da poesia, da religião, da mitologia, da arte ou da fala comum. No nosso tempo, nenhuma destas é acreditada. Quando são sequer ouvidas, não são levadas a sério nem consideradas como factuais. A linguagem da credibilidade dos nossos dias é o idioma da ciência física ou psicológica.

É aqui que reside a força especial de Myers. Homem altamente instruído e professor em Cambridge, uma das principais universidades

do mundo, era um erudito clássico, mais conhecido pelos seus ensaios perspicazes sobre os poetas romanos, antes de encontrar o trabalho da sua vida na investigação psíquica. Estava profundamente familiarizado com a ciência física e teórica que conduziu às descobertas de Einstein e com os fundamentos da psicologia moderna até e incluindo Freud.

Myers iniciou as suas investigações num estado de profundo ceticismo. Ele e os seus associados foram os iconoclastas mais implacáveis e os mais severos denunciadores de fraude alguma vez conhecidos. Os seus padrões de prova eram tão rigorosos que alguns, com amargura, chamavam ao seu grupo de investigação uma "sociedade para a supressão da evidência". Foi apenas a pressão implacável da evidência que se acumulava de forma constante que acabou por persuadir Myers de que a sobrevivência da personalidade humana para além da morte era um facto. Depois disso, passou a ver o problema principal não como o de estabelecer a verdade — isso já tinha sido feito — mas como o de comunicar essa verdade em termos que uma mente coletiva profundamente afundada no dogma da ciência física pudesse compreender.

Ninguém estava mais profundamente familiarizado com a profundidade e as subtilezas dos problemas científicos da investigação da sobrevivência do que Myers. Ninguém conhecia mais intimamente a base legítima do ceticismo científico do que ele. Imersos como estamos no dogma da ciência física desde o jardim-de-infância, precisamos de ouvir ideias novas na nossa linguagem familiar para nelas acreditarmos. É isto, mais do que a sua singularidade, que confere ao testemunho de Myers o seu valor especial. Ele "fala a nossa língua".

À data da morte de Myers, em 1901, os dois grandes obstáculos já mencionados ainda se interpunham no caminho de uma aceitação geral do facto da sobrevivência. Um deles era a hipótese da telepatia dos vivos. Uma vez estabelecida a telepatia como um fenómeno real e contínuo, houve uma corrida para explicar todas as comunicações que afirmavam ter origem no mundo para além da morte como fabricações conscientes ou inconscientes do médium, que se presumia recolher a sua informação vasculhando o conteúdo das mentes humanas vivas.

Myers reconheceu isto como uma objeção legítima, embora improvável. Procurou constantemente conceber demonstrações que excluíssem de forma conclusiva qualquer possibilidade de origem no protoplasma físico. Após a sua "morte", resolveu elegantemente o problema nas célebres correspondências cruzadas.

A segunda grande dificuldade era a falta de qualquer base teórica geralmente aceite sobre a qual um cientista orientado materialisticamente pudesse construir uma estrutura conceptual de uma vida contínua e em expansão. Isto ele resolveu demonstrando a energia do pensamento e as formas de pensamento, utilizando uma linguagem já familiar aos psicólogos.

Não é necessário compreender a terminologia científica para compreender Myers. Todos já ouvimos a expressão "Está perdido em pensamentos". Myers poderia perguntar: "Perdido para quê?" É certo que ele está perdido para as "realidades" do mundo do trabalho quotidiano. Mas a ciência mostrou-nos que essas realidades são ilusórias. A mesa que parece tão sólida, o corpo humano que aparenta ser tão substancial são, como a ciência nos mostrou, na sua maior parte espaço vazio.

As grandes distâncias relativas entre o pequeno núcleo e os eletrões em órbita do átomo mostram que toda a aparência de solidez é uma ilusão no espaço. O homem perdido em pensamentos está num mundo mental onde tais ilusões não existem. Myers — e muitas outras pessoas — insistiriam que o verdadeiro caso é exatamente o oposto. As pessoas que nunca entraram no domínio mental, diriam elas, são as verdadeiramente perdidas — são robôs sonâmbulos. O homem "perdido" em pensamento está, na realidade, a aproximar-se da verdadeira e única realidade, uma vez que a realidade última é de natureza mental.

As correspondências cruzadas eram mensagens recebidas com a assinatura de Myers por escritores automáticos em transe após a morte de Myers. As mensagens surgiam em fragmentos, de tal modo que nenhuma comunicação isolada através de um único médium fazia qualquer sentido. Quando esses fragmentos eram reunidos de acordo

com instruções (algo facilitado pelo sistema de centralização então em uso), formavam uma comunicação perfeitamente clara, consecutiva e coerente. Foram selecionados médiuns que não se conheciam entre si e que tinham pouco ou nenhum conhecimento das obscuras fontes clássicas que Myers habitualmente utilizava, além da sua assinatura, para se identificar. O carácter geral, a continuidade e a personalidade orientadora destas mensagens não se alteraram ao longo de um quarto de século, embora tenham sido utilizados vários conjuntos de médiuns. Os primeiros médiuns abandonaram por morte, pressão das circunstâncias ou outras causas e foram substituídos por novos médiuns, alguns dos quais nem sequer tinham conhecimento das correspondências cruzadas, e todos sem compreensão da literatura clássica.

Podemos retomar a elucidação de Myers acerca das circunstâncias da vida para além da morte numa sessão com a Sra. Leonard, durante a qual Sir Oliver Lodge esteve em comunicação com o seu filho Raymond. Lodge não tinha conhecido Myers durante a vida terrena. O interesse do grande físico pela investigação psíquica começou no início deste século, pouco depois da morte de Myers. O conhecimento entre os dois homens foi inteiramente "intermundos".

Lodge contou ao filho acerca de uma afirmação dada por Myers através de outro médium, segundo a qual o plano de existência em que Raymond se encontrava era aquilo a que nós chamaríamos ilusão. Lodge queria saber o que Raymond pensava dessa afirmação. Raymond explicou que Myers, a quem tinha vindo a conhecer suficientemente bem para tratar familiarmente por "Tio Fred", estava com eles naquele exato momento e que, juntos, tentariam esclarecer a questão. (As dificuldades de terminologia surgem frequentemente neste tipo de comunicações; parece ser algo semelhante a explicar o que são a neve e o gelo a um nativo dos trópicos que nunca experimentou nenhum dos dois.) Raymond explicou que havia muitos paralelos entre o plano em que ele e Myers viviam e o plano em que o seu pai vivia. Em ambos os planos, disse Raymond, muitas das coisas de que precisamos são criadas para nós pela imaginação divina e muitas outras — casas,

roupas, joias, e assim por diante — são criadas a partir das nossas próprias imaginações. Em ambos os casos, as necessidades são criadas a partir de materiais disponíveis. E em ambos os casos as estruturas são temporárias, destinadas a uso apenas até que o indivíduo esteja preparado para progredir para o plano seguinte, mais elevado, da vida. Na vida terrena, os nossos objetos eram feitos daquilo a que escolhemos chamar matéria. Na esfera de Raymond, as necessidades eram feitas de um material muito mais fino, criado pelo poder da mente.

"Vivem num mundo de ilusões", disse Raymond, "— ilusões necessárias para vos permitir realizar o vosso trabalho. Nós vivemos numa extensão do mundo ilusório em que vocês vivem. A sua orla exterior. Estamos mais em contacto com o mundo da realidade do que vocês. Espírito e mente pertencem ao mundo da realidade. Tudo o resto, isto é, as coisas externas, são num certo sentido necessárias por um tempo, mas supérfluas e apenas temporárias no que respeita ao mundo da realidade. Espírito e mente pertencem a esse mundo e são indestrutíveis."

A maior parte do discurso de Myers sobre o além veio através de uma jovem irlandesa, Geraldine Cummins, de Cork. Myers não iniciou a sua discussão séria sobre a vida após a morte até ter estado no seu novo ambiente por mais de vinte anos e ter completado um grande volume de correspondência cruzada e outros trabalhos destinados a demonstrar o facto da sobrevivência. A Srta. Cummins não era uma médium profissional. Filha de um professor, não tinha formação em ciência, psicologia ou filosofia, mas interessava-se pelo teatro e tinha escrito duas peças que foram representadas no Abbey Theatre. O seu hábito, quando se preparava para escrever automaticamente, era sentar-se, cobrir os olhos com a mão esquerda e concentrar-se no pensamento da quietude. Isto induzia um "tipo de meio-sono ou estado onírico".

Quando a escrita automática começou, foi "como se um telegrama interminável estivesse a ser telegrafado" através do seu braço por um estranho a quem ela se dispunha a ajudar. A sua mão direita repousava

sobre um grande bloco de papel, e alguém estava presente para retirar as folhas à medida que eram preenchidas e recolocar a mão sobre cada nova página. A escrita era muito rápida. Normalmente, dizia a Srta. Cummins, precisaria de sete ou oito horas para escrever um pequeno artigo de talvez 800 palavras. Na escrita automática produzia até 2 000 palavras em pouco mais de uma hora. O material parecia ter sido organizado antecipadamente, para apresentação rápida, completo com títulos de capítulos — mas sem pontuação, sem parágrafos nem espaços entre as palavras, que corriam todas de forma contínua. Myers delineou a estrutura e as condições da vida para além da morte com considerável detalhe, transmitindo, no total, entre os anos de 1924 e 1931, material suficiente para encher um livro de tamanho médio.

Para apreendermos plenamente o alcance da mensagem de Myers, convém rever neste ponto o conceito que, embora nunca explicitamente enunciado por ele, permeia toda a sua comunicação — a evolução da consciência, ou teoria evolucionista pós-darwiniana. Segundo esta hipótese, tal como desenvolvida ao longo do século XX por Bergson, Bucke, Julian Huxley, Teilhard, Jung, Medawar e outros, o impulso principal da evolução é o desenvolvimento de uma capacidade crescente de amplitude e profundidade de consciência, sendo a multiplicidade de formas físicas apenas um subproduto deste impulso evolutivo central.

Minhocas, amêijoas e cracas, possuidoras de uma "consciência simples", vivem num sonho difuso, passando as suas vidas em poucos metros cúbicos de espaço terrestre, vagamente conscientes da luz, da escuridão, do calor, do frio, da fome e da necessidade de reprodução. Na escala dos répteis, aves e animais, a consciência ascende através de uma hierarquia de perceções de alcance cada vez maior. No mundo humano, a característica mais marcante da progressão da infância para a idade adulta é a extensão do leque de coisas de que o indivíduo pode estar consciente.

Quando se atinge a idade adulta, permanecem ainda enormes diferenças nas capacidades — nos "níveis" — de consciência. A consciência da mulher A pode estar limitada ao marido, à casa, aos

filhos e aos centros comerciais, enquanto a mente da mulher B pode abarcar tudo isso e também uma apreciação da música, um interesse pelos livros e a participação na política local. Os níveis de consciência de ambas podem mudar. A mulher A pode subitamente desenvolver um interesse pela religião que lhe abra os olhos para a situação de toda a espécie humana e a leve a um estudo sério dos assuntos internacionais.

A mulher B pode, além dos seus interesses atuais, desenvolver uma intensa preocupação com a justiça social e assim aumentar a sua compreensão da maquinaria social. Ambas as mulheres terão, neste plano terrestre presente, para usar uma expressão frequentemente empregue por Myers, "progredido para um nível superior de consciência". De modo semelhante, o homem obcecado pelo mercado bolsista, pela família e pela pesca pode desenvolver um interesse pela arte e pelas línguas e assim expandir o seu nível de consciência sem nunca abandonar o plano terrestre.

As comunicações de Myers afirmam que o impulso evolutivo em direção a uma consciência cada vez mais ampla é cósmico e eterno e, por isso, não se detém com a morte. O impulso principal da criação não são as formas físicas, mas as mentais, facilmente capazes de se libertarem de uma forma física para assumir outra, ou de existir numa vida abundante e energética sem qualquer forma física. O ser humano sábio na Terra, se se tiver mantido mentalmente desperto, progride em direção à sabedoria através de uma compreensão cada vez mais ampla e profunda dos princípios físicos, mentais e espirituais.

Assim, diz Myers, também progredimos na vida para além da morte. Na vida na Terra, como subproduto da nossa consciência crescente, assumimos e descartamos numerosos corpos — os de bebé, de pré-adolescente, de adolescente, de jovem adulto, de adulto maduro, e várias substituições do corpo adulto. Na vida para além da morte, não só o impulso evolutivo em direção a uma consciência mais ampla continua, como também é alojado numa sequência de corpos. Estes corpos da vida além-túmulo, porém, são feitos de materiais mais leves, mais finos e mais altamente energizados, com um conteúdo crescente de energia mental-espiritual à medida que a sequência

progride. O próprio Criador é concebido como pura fonte de energias de pensamento criativo — "A Grande Imaginação".

Myers, após vinte anos de experiência e observação "do outro lado", concebeu a experiência da vida após a morte como dividida em sete grandes estádios, cada um com a sua fase de entrada, período de desenvolvimento e período de preparação para o estádio seguinte, mais elevado. O Estádio Um é, naturalmente, o plano terrestre. O Estádio Dois é a condição do indivíduo imediatamente após a morte. Myers refere-se-lhe de várias formas: "A Vida Imediatamente Após a Morte", "O Plano Intermédio" e "Hades". Este estádio é breve e é seguido pela entrada num mundo mais estável a que Myers chama "O Plano da Ilusão" ou "O Mundo Imediato Após a Morte".

Segue-se o Estádio Quatro, uma existência de beleza indescritível chamada "O Plano da Cor" ou "O Mundo de Eidos". Almas altamente qualificadas podem então progredir para "O Plano da Chama" ou "O Mundo de Hélio", que é o Estádio Cinco. Os estádios últimos, Seis e Sete — "O Plano da Luz" e "A Atemporalidade" — são de natureza espiritual avançada, tão próximos da essência última da criatividade que ainda não foi desenvolvido qualquer vocabulário experiencial para os descrever, sendo por isso difíceis de comunicar a seres do nível terrestre. A situação é aproximadamente análoga, mas muito mais difícil, à de um médico do lado da Terra tentar explicar o funcionamento das glândulas endócrinas a uma criança do jardim-de-infância cujas glândulas endócrinas está a tratar.

Myers ilustra esta progressão com histórias de casos. Antes de prosseguirmos o discurso de Myers, há ainda uma palavra preliminar a dizer sobre a reencarnação. No tempo em que Myers escrevia, tanto no plano terrestre como, através de médiuns, a partir da vida após a morte, a teoria da reencarnação não gozava de ampla credibilidade entre psicólogos ocidentais, parapsicólogos e investigadores psíquicos. Desde então, e particularmente à luz das investigações muito recentes do professor de psicologia da Universidade da Virgínia, Ian Stevenson, a probabilidade da reencarnação tem sido levada muito mais a sério.

Neste aspeto, tal como na teoria da evolução da consciência, Myers revelou-se muito à frente do seu tempo.

Como primeiro caso apresentado por Myers, podemos considerar o exemplo de "Walter". Walter era um dos quatro filhos de uma família de classe média capaz de viver confortavelmente com o rendimento produzido pela ocupação pouco imaginativa e repetitiva do pai. Era uma família "centrada na família", dominada por uma mãe que encontrava uma realização suficiente na vida ao dirigir os assuntos dos seus filhos, dos quais se orgulhava muito. A família era complacente, orgulhosa e distante, considerando-se de algum modo acima do comum da humanidade e envolvendo-se muito pouco nos assuntos humanos fora do círculo familiar.

Walter era um favorito especial de ambos os pais. Acabou por casar, mas o casamento teve curta duração. Walter, há tanto tempo habituado aos elogios incondicionais que a mãe lhe prodigalizava, não conseguiu ajustar-se à presença de uma mulher que o avaliava de forma mais realista. Houve discussões amargas e, finalmente, o divórcio. Walter regressou a casa e à mãe e dedicou as suas energias excedentes a ganhar dinheiro. Um hábil manipulador de ações, teve grande sucesso e acumulou uma grande fortuna. Após a morte da mãe e do pai, mudou-se para um clube urbano caro e bem equipado e ali viveu o resto dos seus dias terrenos, desfrutando da adulação que o plano terrestre dispensa ao homem que possui muito dinheiro. Walter acabou por morrer e entrou no Estádio Dois, o "Plano Intermédio" ou "Hades".

Quando um bebé emerge do nível de consciência fetal para a consciência terrestre, dorme muito, sonha e repousa, enquanto pessoas mais habituadas ao plano terrestre cuidam das suas necessidades, das quais ele está apenas vagamente consciente. Assim acontece, diz Myers, com a entrada no Estádio Dois. Na tradição do folclore, diz-se que as pessoas que antecipam a morte imediata têm memórias de toda a sua vida passada a passar diante dos seus olhos. Se isto for verdade, pareceria ser uma antevisão do Plano Intermédio ou Hades de Myers. Durante este intervalo, Walter encontrava-se, quando não dormia, num estado de repouso de devaneio sonolento, no qual imagens-memória

da sua vida passada flutuavam pela sua mente. Aparentemente, é a este estado que a antiga tradição se refere como "inferno". O facto de ser ou não "infernal", naturalmente, depende do conteúdo de memória da psique em causa. Se este contiver episódios sinistros e experiências aterradoras, estas passarão diante da visão do sonhador juntamente com os acontecimentos mais alegres. Myers designa este intervalo como "A Viagem ao Longo da Galeria".

Durante a viagem sonolenta de Walter por este caminho de memórias, ele redescobriu o antigo afeto pela mãe e o agradável e protetor brilho de admiração com que ela o envolvera. À medida que se tornava mais forte e a sua força imaginativa mais potente, descobriu que era capaz de recriar uma versão idealizada da antiga casa, da antiga cidade natal e — em cooperação com a psique ainda disposta e ainda possessiva da mãe — viver feliz entre circunstâncias que considerava ideais.

No Estádio Três — "O Plano da Ilusão" ou "O Mundo Imediato Após a Morte" — os materiais são tão maleáveis que podem ser moldados pela ação direta da imaginação. Não têm, como acontece com os materiais recalcitrantes do plano terrestre, de passar pelas mãos de desenhadores, projetistas e operários. Walter já não tinha problemas, exceto um excesso de tempo disponível. Como sempre adorara o antigo jogo de comprar e vender ações, procurou outros que quisessem jogar com ele — e, naturalmente, encontrou-os. Tal como na Terra, teve muito sucesso e voltou a ganhar muito dinheiro.

Aqui, porém, a acumulação de dinheiro não trazia a mesma admiração e poder que trouxera na Terra. Como qualquer necessidade podia ser satisfeita pela ação direta da imaginação, não havia necessidade de dinheiro e poucas pessoas se importavam muito com ele. Isto produziu em Walter um sentimento de inquietação dececionada. O sentimento intensificou-se quando começou a ver que o amor da mãe por ele era infantil e possessivo. Ela era uma mãe-criança a brincar com o seu bebé, uma menina a brincar com a sua boneca. Nem a admiração do pai por ele era a mesma de antes. O pai era um daqueles que viam pouco sentido em ganhar dinheiro num lugar onde ele não era

necessário. Gradualmente, Walter foi confrontado com o facto de que, espiritualmente, não valia grande coisa. Preso entre o desprezo do pai e a possessividade sufocante da mãe, foi levado a uma raiva frustrada. Sentiu que tinha de sair dali. A questão era — para onde? Ansiava cada vez mais pelos antigos dias de excitação no mercado bolsista, onde era o centro de muitos olhares admirados. Começou a sentir "aquilo a que se chama a atração da Terra, a atração do nascimento". Regressou ao Estádio Dois, onde voltou a rever a sua experiência passada. Aí tomou a decisão de regressar ao Estádio Um, o plano terrestre. Nasceria de novo como um bebé humano assim que pudessem ser encontrados pais apropriados e tentaria novamente ver o que poderia aprender com novas experiências da vida terrena.

Walter tinha um irmão chamado Martin que fora morto numa guerra muitos anos antes da morte de Walter. Havia também uma irmã, Mary, que morrera jovem. Mary e Martin tinham horizontes mais amplos do que o irmão Walter ou os pais. Ambos tinham, através de aventuras da vida terrena que os levaram muito para além das estreitas preocupações do círculo familiar, despertado em si próprios as possibilidades de uma preocupação amorosa por toda a humanidade.

Eles também, após um período de repouso onírico no Estádio Dois, regressaram aos cenários da antiga cidade natal criados pela imaginação e desfrutaram de uma reunião familiar. Mas a sua permanência neste nível de consciência foi breve. Rapidamente perceberam as limitações da lida doméstica e da negociação de ações, por mais agradavelmente idealizadas que essas ocupações pudessem ser. Ansiavam não pelo regresso à vida terrena, mas por grandes experiências que aumentassem a consciência em dimensões inteiramente novas. E assim prosseguiram para o "Plano da Cor" ou "Eidos".

Por fim, com todos os filhos já ausentes, até o pai e a mãe começaram a reconsiderar a situação da terra natal. A mãe, puxada de volta à Terra pelo seu apego a Walter, voltaria a entrar no Estádio Um como um bebé na Terra. Aí, vivendo uma vida de maior amplitude de consciência e generosidade, redimiria o dano que a sua possessividade

causara da última vez. O pai, hesitante, não tinha qualquer desejo de regressar à Terra. Por fim, com a ajuda anónima de Martin a partir de Eidos, foi guiado por um caminho que o levaria a esforçar-se por alcançar o nível seguinte, mais elevado, de consciência.

Nem todas as experiências no terceiro plano, diz Myers, são tão abafadas como as descritas no caso desta família. O impulso de agrupamento, em vez de ser uma estrutura familiar, pode ser um interesse especial, uma religião, uma profissão, um ofício, uma arte ou quase qualquer coisa que una as pessoas num exercício conjunto das suas imaginações. Como a comunicação se faz por telepatia direta de imagens, não há barreiras linguísticas. E, como os entusiasmos não respeitam séculos, o tempo tem pouca importância. Assim, é perfeitamente possível que uma alma se encontre parte de um grupo que inclua pessoas de outras nações e de outros séculos.

Embora um indivíduo possa permanecer no Estádio Três durante gerações, acaba por ter de tomar uma decisão: ou regressa à Terra ou progride para o Estádio Quatro. Antes de partir, porém, as almas mais empreendedoras podem ter a oportunidade de experimentar uma das grandes maravilhas deste plano de consciência — uma visita a alguma secção da Grande Memória. Tal como, na Terra, se pode ir a uma cinemateca e ver noticiários filmados de acontecimentos importantes desde a invenção da câmara cinematográfica, assim, no Estádio Três, pode-se testemunhar os originais de acontecimentos escolhidos pelo desejo desde o início da experiência humana. Tudo o que alguma vez aconteceu foi registado pela memória cósmica.

"Viajei apenas até Eidos, o Quarto Plano", escreveu Myers pela mão da Srta. Cummins, "… pelo que o meu conhecimento é necessariamente limitado." Aqui, tal como no plano terrestre, vê-se a si próprio como "um explorador" da natureza última da vida humana e do universo, e das relações entre ambos. O seu objetivo claro e consciente é penetrar tanto quanto puder no mistério que se lhe vai revelando sucessivamente e depois, através de sensitivos, enviar de volta notícia de territórios recém-descobertos à "mente coletiva do homem". Gradualmente, leva-nos a ver um processo cósmico em funcionamento.

O viajante que perseverar no árduo trabalho de aumentar o alcance da sua sensibilidade e compreensão encontrará, etapa após etapa, a sua perceção a crescer para abranger amplitudes cada vez mais extensas do universo criativo.

Fica-se com a impressão de que é intenção do Criador "trazer para a firma", como sócios júniores, tantos quantos se possam qualificar. Assim que a experiência terrena tenha sido plenamente compreendida — seja através de uma ou mais viagens de regresso a esse plano, seja através da troca de experiências com outros viajantes encontrados no terceiro plano — o candidato pode avançar para reinos fora do alcance da mente terrena. "Se já és uma alma", escreve Myers, "— uma alma inteligente, eticamente desenvolvida — desejarás subir a escada da consciência. Na maioria dos casos, o anseio por uma existência física na Terra terá sido reduzido a cinzas."

Ao longo da sua longa série de discursos, Myers sublinha que aquilo de que fala é a experiência efetiva de outros modos de existência, e não mera teorização sobre eles. "Aqui, no Quarto Plano, é preciso deixar para trás todas as estruturas intelectuais rígidas e dogmas, sejam eles científicos, religiosos ou filosóficos." Myers é tão insistente neste ponto que dá ao quarto plano o subtítulo "A Rutura da Imagem". No "Plano da Cor", Myers encontra-se, pela primeira vez, com dificuldade em verbalizar em termos terrestres o que está a experimentar. "Um ser humano não consegue imaginar um som novo, uma cor nova ou um sentimento inteiramente fora do alcance da sua experiência anterior. É-lhe impossível conceber a variedade infinita de novos sons, cores e sentimentos por nós vividos no Quarto Plano."

Pode, contudo, comunicar algumas das suas qualidades. As exigências do corpo terrestre, os pressupostos das formas terrestres, os efeitos da sua longa marca e condicionamento, embora ainda na memória, ficam agora muito para trás. Um intelecto e um espírito novos e mais altamente energizados encontram uma liberdade muito mais ampla para funcionar. Esta nova energia requ**re** um novo corpo para lhe dar expressão e, por isso, cria-o. Ele guarda uma ténue semelhança

com a antiga forma terrestre, mas é muito mais radiante e belo e mais adequado à sua nova função. Myers continua:

Há flores, mas com formas que vos são desconhecidas, requintadas na cor, radiantes de luz. Tais cores e luzes, não contidas em qualquer oitava terrestre, são por nós expressas em pensamentos e não em palavras. As palavras, para nós, estão obsoletas. A alma, neste plano de consciência, tem de lutar e laborar, conhecer tristeza mas não tristeza terrena. Conhecer êxtase mas não êxtase terreno. A mente exprime-se mais diretamente: conseguimos ouvir os pensamentos de outras almas. A experiência no quarto plano conduz a alma até às fronteiras da região superterrestre.

Neste plano, diz Myers, tudo é de uma intensidade inacreditável, mais altamente energizado. A consciência é contínua; o sono deixa de ser necessário. As experiências são "indescritivelmente" mais intensas. Não só o amor, a verdade e a beleza estão aqui presentes, como também a hostilidade, o ódio e a ira. "Uma mentalidade hostil pode, com uma poderosa projeção de pensamento, devastar e fazer definhar alguma parte do teu corpo de luz e cor. Tens de aprender a emitir raios protetores. Se na Terra algum homem ou mulher era teu inimigo e se odiavam, a antiga memória emocional despertará quando se encontrarem. Amor e ódio atraem-vos inevitavelmente um ao outro no padrão dos vossos desígnios particulares."

O trabalho principal neste plano é aprofundar a compreensão de como a mente controla a energia e a força vital, de que emergem todas as aparências exteriores. Aqui, está-se livre das pesadas restrições mecânicas da Terra. "Basta-me concentrar o meu pensamento pelo que tu poderias chamar um momento", diz Myers, "e posso construir uma semelhança de mim mesmo, enviar essa semelhança a toda a velocidade através do nosso vasto mundo até um amigo, até alguém, isto é, em sintonia comigo. Instantaneamente apareço diante desse amigo, embora esteja distante dele. A minha semelhança mantém conversa — em pensamento, lembra-te, não em palavras — com esse amigo. E, no entanto, todo o tempo eu a controlo a uma enorme

distância; e assim que a entrevista termina retiro a vida do meu pensamento dessa imagem de mim mesmo, e ela desaparece."

Como Myers não tinha progredido para além do quarto plano no momento da sua comunicação, os seus relatos dos níveis superiores de consciência para além deste são menos pormenorizados e mais especulativos. Parece, porém, ter recolhido informação suficiente, ainda que indireta, para delinear com alguma confiança a natureza geral do avanço ulterior.

É necessária, diz ele, uma experiência de morte e um renascimento como transição de cada estádio para o estádio seguinte, mais elevado. Pressupõe-se que, no quarto plano, a intensa experiência de "desespero profundo e felicidade inconcebível" tenha queimado os últimos vestígios da mesquinhez pesada e das animosidades da Terra, libertando finalmente e por completo a alma do domínio desse planeta. O espírito está agora qualificado para experimentar amplitudes cósmicas para além dos limites da Terra.

No quinto plano adquire-se um corpo de chama, que permite percorrer o universo estelar sem ser prejudicado pelas suas temperaturas e turbulência e regressar com uma experiência mais plena desses alcances cósmicos. O sexto plano é "O Plano da Luz". Os indivíduos neste plano são espíritos amadurecidos, tendo vivido, com compreensão consciente, todos os aspetos do universo criado. Myers chama-lhe "O Plano da Luz Branca" e dá-lhe o subtítulo "Razão Pura". As almas nesse plano são descritas do seguinte modo:

Trazem consigo a sabedoria da forma, a sabedoria secreta incalculável, colhida apenas através da limitação, ceifada ao longo de incontáveis anos, reunida de vidas passadas em miríades de formas. (…) São agora capazes de viver sem forma, de existir como luz branca no pensamento puro do seu criador. Juntaram-se aos imortais (…) cumpriram o propósito final da evolução da consciência.

O sétimo e último estádio — em que a alma entra em plena parceria com Deus — está para além do alcance verbal de Myers.

“Desconcerta qualquer descrição; é dilacerante até tentar escrever sobre ele.”

Myers sabia que os níveis de consciência nas regiões superiores estavam para além da compreensão do habitante médio da Terra, exceto por lampejos intuitivos. Dá-nos tanto detalhe sobre mundos fora do nosso alcance, creio eu, simplesmente para nos assegurar de que esses mundos existem. São alcançáveis por nós e pelos nossos entes queridos sempre que o desejo de os alcançar seja suficientemente forte. Queria afastar da mente humana, de uma vez por todas, qualquer medo da morte, com a garantia de que não existe morte, apenas alterações no modo de consciência.

Como médium profissional de transe, ocupei-me principalmente das regiões que Myers designa como o segundo e o terceiro planos. Só ocasionalmente as transações espirituais para as quais as minhas faculdades de transmissão foram utilizadas tocaram as regiões muito elevadas do desenvolvimento espiritual. Esses casos discuti-os noutros escritos.

Aqui, interessa-me aquilo que, na vida para além da morte, mais frequentemente se afirma e mais aceitavelmente se torna compreensível para a mente terrena média — isto é, o segundo e o terceiro planos. Myers oferece aqui uma compreensão tão abundante que creio valer bem a pena prestarmos atenção ao que ele tem a dizer sobre as transações vida-morte mais familiares à experiência do lado da Terra.

Embora lampejos de luz espiritual possam ocasionalmente e por breves instantes iluminar a escuridão da mente terrena média, o assunto do além que mais vezes lhe é trazido à atenção diz respeito apenas à transição imediata da morte e ao terceiro estádio. Grandes números de almas comuns permanecem confortavelmente neste terceiro estádio durante períodos muito longos — por vezes muitos séculos — imaginando que ele é o céu definitivo e não fazendo qualquer esforço para progredir mais.

Quando recordamos que Myers escrevia através da Srta. Cummins no início da década de 1930, surpreende-nos o tom contemporâneo de algumas das coisas que tem a dizer. Explosão demográfica, poluição ambiental, conspirações militar-industriais para fazer guerra, dominação do espírito humano por máquinas mecânicas e políticas, apego excessivo a posses terrenas — todos temas proeminentes na imprensa mais refletida do nosso tempo — foram objeto de solenes advertências por parte de Myers, escrevendo através da Srta. Cummins, há uma geração.

É comum (e erradamente) acreditar-se que as pessoas adquirem misteriosamente a capacidade de prever o futuro depois de passarem para a vida após a morte. Embora não possam prever acontecimentos, conseguem discernir tendências; é algo um pouco diferente. "A nenhum homem é permitido conhecer plenamente o segredo do tempo vindouro", escreveu Myers. "Mas nós, almas que habitamos (…) Eidos, vemos vagamente a tendência do pensamento do homem e, por isso, pressagiamos o seu esforço no tempo que há de vir." A sua observação clara dessas tendências suscitou a sua profunda preocupação:

"Peço aos homens e mulheres do dia que considerem o ser humano à parte das máquinas, que considerem a vida à parte do ouro. No estrépito inquieto dessas monstruosas engrenagens e rodas que agora giram incessantemente e carregam sobre si a vossa chamada civilização, há pouco lazer ou quietude para a calma ou a meditação filosófica de que nasce o conhecimento. Que destino sombrio poderá não despertar os filhos do amanhã se também eles forem apanhados no aperto dessa criatura sem alma, a máquina — essa última e final encarnação do deus do materialismo."

Myers aponta os perigos de sentimentos nacionalistas fora de controlo, que fragmentam a humanidade em grupos nacionais que se odeiam e temem mutuamente. Isto atrasa a consciência de que a humanidade é una e de que os seus problemas não podem ser resolvidos enquanto não forem resolvidos em conjunto. "As nações podem precipitar-se encosta abaixo para a guerra, ou produzir e propagar miséria por um aumento dos seus milhões de seres

humanos." Quanto ao ambiente: "Nem a beleza nem a saúde podem sobreviver e florescer quando nação destrói nação e máquina destrói máquina." O pensamento mecanicista põe em risco a evolução espiritual do homem: "Um mecanismo sem alma deve ser o servo, não o mestre, do ser humano pensante. O mundo de hoje deve imaginar o ideal de qualidade, não de quantidade."

As pessoas têm-me perguntado muitas vezes sobre o estatuto, na vida após a morte, dos suicidas. A posição de Myers sobre o suicídio é menos moralista do que prática. O estado mental extremamente negativo e depressivo do suicida no momento do seu ato autodestrutivo prolonga-se na vida após a morte, colocando-o em grande desvantagem na sua adaptação. Muitas vezes, ao despertar, nem sequer se apercebe de que já fez a passagem. Pode entrar em pânico extremo ao descobrir que já não consegue controlar o seu corpo físico. Ao alcançar a plena consciência de que, de facto, se matou, pode — como no caso do filho do falecido Bispo James Pike, em que eu pude prestar alguma ajuda — arrepender-se profundamente do seu ato.

No caso Pike, o jovem cometeu suicídio enquanto atravessava uma experiência destrutiva com LSD. Ao descobrir a sua situação, ficou desesperado. Produziu todo o tipo de efeitos poltergeist ao seu alcance — partindo coisas, desarrumando roupa, movendo objetos, dobrando e espalhando alfinetes-de-ama, deslocando livros que chamassem a atenção para a sua memória — tudo para atrair ajuda para a sua aflição. O bispo acabou por perceber a sugestão e procurou a assistência de médiuns, incluindo eu próprio. A história inteira, desesperada, do rapaz então se manifestou, e foram desencadeadas forças para o ajudar.

"O estado de espírito que leva o suicida ao auto-abate", escreveu Myers através da Srta. Cummins, "envolvê-lo-á como uma nuvem, da qual talvez não consigamos libertá-lo durante muito tempo. Os seus pensamentos emocionais, toda a sua atitude mental, levantam uma barreira que só pode ser derrubada pelos seus próprios esforços intensos, por um controlo corajoso de si mesmo e, acima de tudo, pelo apelo enviado com toda a força da sua alma a seres superiores para que concedam socorro, para que concedam libertação."

A "morte súbita", mencionada na famosa ladainha e tão comum no nosso tempo de guerra e de acidentes de estrada, é outro tema que tem suscitado muitas perguntas. Também aqui Myers adota uma perspectiva prática. A desvantagem de uma morte súbita, diz ele, reside sobretudo no facto de a psique não ter tempo para se ajustar. Uma pessoa morta subitamente no auge da vida pode permanecer algum tempo entre cenários terrenos antes de a compreensão da sua nova situação a atingir. Nesse estado de espírito, demora a perceber a necessidade da ajuda de outros seres desencarnados para se adaptar e, por isso, demora a aproveitar essa ajuda.

Contudo, houve muitos casos na minha própria experiência como médium em que a morte súbita parece ter sido enfrentada sem grande desvio em relação à transição normal e confortável. A transição normal, diz Myers, é um simples e pacífico entrar num sono agradável, por vezes até bem-aventurado, totalmente repousante. Durante esse período, o corpo astral — esse "duplo" radiante que acompanha o nosso corpo físico desde o estádio fetal e que é claramente visível para psíquicos dotados da capacidade de ver auras — desprende-se.

Este corpo, embora a dormir, está tão vivo como sempre, embora agora exista exclusivamente nos comprimentos de onda de consciência atribuídos aos corpos astrais. Enquanto o repouso continua, podem surgir sonhos envolvendo memórias da vida terrena. Ao despertar, a alma é geralmente recebida e acolhida por amigos, colegas de vocação e familiares que fizeram esta transição antes dela.

Myers não desaprovava o uso de fármacos para aliviar e acelerar a passagem de pessoas que sofrem de doença incurável, embora entendesse que deveriam ser concedidos vários dias para a transição. "Nestas condições, o médico misericordioso está inteiramente justificado em cometer aquilo que a lei ainda considera ser homicídio." Surgirá, diz ele, muito mais compreensão da doença quando os médicos começarem a ver a ligação entre corpo e espírito.

Qual é o efeito de lesões cerebrais ou de senilidade avançada na vida após a morte? Aqui, Myers lembra-nos que o "duplo" ou corpo astral, o veículo da personalidade após a morte, está connosco desde a

conceção. Tudo o que é conhecido pelo corpo físico é também conhecido pelo corpo astral. A lesão cerebral, diz ele, apenas pode tornar o indivíduo "incapaz de manifestar a sua inteligência ao mundo visível dos homens. Ele continua intelectualmente vivo… após a morte, a alma encontra o seu centro fundamental de memória no seu corpo astral… Ele ou ela apenas se afastou um pouco de vós e não precisa da vossa piedade."

Tem havido muita especulação sobre como o corpo se sustenta sem alimento. Myers explica: "A vida etérica é nutrida por raios cósmicos que iluminam esplendidamente o nosso ambiente e — de alguma forma que não compreendo — sustentam a vida dos nossos corpos." Houve casos de pessoas na Terra — especificamente a famosa mística alemã Therese Neumann e uma velha mulher indiana, considerada santa, conhecida de Yogananda — que conseguiram utilizar esses raios para nutrição física na Terra. Sustentaram-se sem comida durante muitos anos. A forma como isto foi conseguido é um segredo não compreendido nem mesmo por espíritos tão avançados como Yogananda. É aqui referido simplesmente como um facto empírico.

Myers expressou a opinião de que outros planetas transportam vida semelhante à nossa. Não acredita que o fracasso dos nossos sentidos e instrumentos em detetá-la possa ser tomado como prova. Nós percebemos, diz ele, apenas aqueles comprimentos de onda para os quais os nossos "aparelhos" estão sintonizados. Na receção eletromagnética, um rádio ou televisor sintonizado numa determinada estação não registará mensagens de outra estação emissora, mesmo que esta esteja próxima e a emitir um sinal poderoso. Sublinha que todos os mundos ocupam o mesmo espaço. A nossa incapacidade de perceber algo para além dos fenómenos terrestres não afeta em nada o facto de, a todo o momento, estar em curso à nossa volta uma atividade superterrestre, cósmica e espiritual de intensidade inacreditável.

VI
O Além Apela à Ciência: "Betty" e "Joan"

DURANTE os anos 1950, uma personalidade desencarnada que deu o nome de Ruth Finley manifestou-se numa das minhas sessões em resposta a um consulente que vinha insistindo em perguntas sobre a natureza da consciência no além. Ao longo de sete sessões diferentes, a Sra. Finley enviou mensagens com respostas específicas para o consulente questionador. Depois, um dia, apresentou uma declaração cuidadosamente preparada sobre a mecânica da mediunidade em transe.

Devemos ter em mente, disse ela, que cada indivíduo é um complexo de energia que envolve um corpo físico e um corpo mental-emocional. O corpo físico é feito de um tipo de energia que se move a uma taxa relativamente baixa de vibração. Dentro do seu espectro de frequência, os vários órgãos — coração, fígado, cérebro — têm frequências diferentes. Interpenetrando este padrão de energias físicas está um corpo mental-emocional distinto, a vibrar em frequências totalmente diferentes e composto por energias muito mais finas, geralmente conhecido como corpo beta ou corpo astral.

Estas energias mais finas permanecem inalteradas pela morte. Quando as vibrações do nível físico cessam, o corpo beta — a alma — separa-se, graduando-se para o seu meio próprio no espaço mais livre e nas energias mais intensas do universo desobstruído.

Tudo, explicou a Sra. Finley, é energia sob alguma forma. O nosso mundo natural está cheio de exemplos de diferentes formas de energia existindo lado a lado na mesma entidade — calor-luz numa lareira, calor-luz-eletricidade numa lâmpada, eletricidade-magnetismo-movimento-momento num motor elétrico, e assim por diante. Nos paralelos elétricos do lado da Terra, a energia primária é a eletricidade. No universo total, a energia primária — e diretora de todas as outras energias — é a consciência. Embora todas as unidades de consciência tenham ritmos mais finos do que aqueles que podem ser percebidos pelos nossos cinco sentidos físicos grosseiros, existem variações dentro das unidades. Todas as ondas de rádio têm uma frequência diferente de

todas as ondas de calor, mas as estações emissoras individuais podem ser identificadas dentro das frequências de rádio. Do mesmo modo, os corpos beta individuais têm vibrações características, e este facto é da máxima importância para compreender a mecânica mental da mediunidade.

Na vida normal do lado da Terra, disse a Sra. Finley (através das minhas cordas vocais, evidentemente, enquanto eu estava em transe), há uma interação constante entre as energias mental-emocionais e as físico-celulares. Por isso, se o corpo mental-emocional do médium quiser desprender-se por qualquer período de tempo, então alguma outra unidade mental-emocional, com um padrão de energia de aproximadamente a mesma frequência, tem de cooperar com a energia corporal do médium para manter o seu estado normal. Assim, por enquanto, a personalidade desencarnada torna-se um indivíduo fisicamente vivo, no sentido em que habita — embora não completamente — um corpo humano vivo. Assim, disse Ruth Finley, é Ford quem está "morto" enquanto o seu corpo físico está ocupado por Fletcher. Contudo, a troca não poderia ser permanente, mesmo que Ford estivesse disposto.

Embora a comunicação de Ruth Finley contivesse algumas novidades de analogia e alguma informação nova, não acrescentou de forma significativa ao que já era conhecido sobre a natureza da comunicação em transe. O que mais me impressionou nessas comunicações, quando ouvi falar delas, não foi tanto o que foi dito, mas quem o dizia.

O século XX, como todos os outros séculos, produziu inúmeros exemplos de pessoas que "regressaram" para nos dar, através de médiuns, informação sobre a natureza e a qualidade da vida para além da morte. Contudo, estas comunicações são notoriamente irregulares em qualidade. Temos muito poucos registos tão consistentes de si, tão coerentemente fundamentados, tão sensivelmente descritos e tão carregados de convicção — e transmitidos ao longo de um período tão prolongado — como os de Frederic Myers.

Esta mesma Ruth Finley esteve envolvida numa das poucas séries de comunicações cuidadosamente registadas que se comparam favoravelmente, em todos os aspetos, com a sequência de Myers. Esta sequência é, de facto, uma espécie de complemento a Myers. Enquanto Myers esboçou todo o arco da consciência desde o nascimento até à eternidade, a sequência americana concentrou-se na mecânica energética de uma única porção do espectro do além, o "Terceiro Plano" de Myers. A cooperação de Ruth Finley foi essencial para a conclusão desta realização psíquica histórica.

Quando viva na Terra, a Sra. Finley era, por qualquer padrão, uma mulher extraordinária. Nascida em Akron, Ohio, Ruth Ebright frequentou o Oberlin College e a Universidade de Akron, e depois foi para Cleveland arranjar emprego num jornal. Aí conheceu Emmet Finley, um advogado que se tornara jornalista, com quem casou. Foi continuamente ativa no jornalismo e na vida pública. Começando como editora da página feminina do *Cleveland Press*, tornou-se editora de ficção da cadeia Scripps-Howard, depois diretora de redação do *Washington Herald*, e depois editora feminina de um sindicato de jornais.

Passando ao trabalho em revistas, foi editora associada da *McClure's Magazine*, e depois editora de uma revista política feminina. Foi membro do comité diretor da Federação Nacional de Clubes de Mulheres de Negócios e Profissionais e administradora da biblioteca pública local. Escreveu dois livros no campo da *Americana* e incontáveis peças para jornais e revistas. Para além de tudo isto, foi, anonimamente, autora de *Our Unseen Guest*, um dos livros mais lidos sobre fenómenos psíquicos na década de 1920.

A Sra. Finley, a "Joan" da dupla "Darby e Joan" descrita mais adiante, foi uma das médiuns de transe mais dotadas do século XX, e, no entanto, escondeu tão bem o seu dom que nem os seus melhores amigos sabiam que o tinha! A razão do seu anonimato é óbvia. Ninguém sabia melhor do que Ruth Finley, a jornalista prática, conhecedora do mundo, que vivemos numa era de materialismo rígido e intolerante. Partilhava o seu dom apenas com quem era capaz de o apreciar.

Entre estes estavam Stewart Edward White e a sua esposa, Elizabeth "Betty" Grant White, que também tinham uma história quase inacreditável (pelos padrões materialistas do lado da Terra) para contar. White era naturalista, viajante do mundo e autor de livros — cerca de quarenta ao todo — sobre exploração ao ar livre em todas as partes do mundo. Tinha licenciatura e mestrado pela Universidade do Michigan e era formado pela Columbia Law School. Quando não viajava, vivia com a esposa em Burlingame, Califórnia.

"Antes de 17 de Março de 1919", escreveu White, "eu tinha prestado muito pouca atenção a assuntos ocultos. Se me tivessem pedido para me pronunciar, suponho que me teria colocado do lado do ceticismo. Eu sabia que o espiritualismo tinha sido 'desmascarado'."

Depois, na data mencionada, alguns amigos apareceram, trazendo consigo um brinquedo de sala que então estava na moda e era uma verdadeira febre — uma tábua ouija. "A ocasião foi trocista e alegre", relatou White de início; depois, inesperadamente, a tábua tomou um rumo sério. Subitamente tornou-se precisa, expedita e pragmática. "Porque fazem perguntas tolas?", soletrou, arrefecendo de imediato o grupo. Depois começou a soletrar repetidamente o nome Betty.

A Sra. White, que tinha feito uma breve e desdenhosa experiência com a tábua e depois se afastara, ficou convencida de que era um truque dos presentes para a atrair de volta à mesa e mostrou-se relutante em regressar.

Por fim, contudo, concordou, e no momento em que os seus dedos tocaram na tábua, esta respondeu com uma vitalidade nova. "Arranjem um lápis", soletrou; "arranjem um lápis", repetidas vezes. A Sra. White já tinha ouvido falar de escrita automática e, alguns dias depois, de facto "arranjou um lápis", sentou-se com ele suspenso sobre uma folha de papel e deixou-se cair num devaneio vazio. O lápis começou a mover-se, tal como o indicador da tábua ouija se movera. Contou ao marido e mostrou-lhe a escrita automática.

O interesse de White estava agora desperto. Tornou-se assistente da esposa, retirando as folhas preenchidas à medida que ela escrevia e

substituindo-as por outras, tomando notas e oferecendo encorajamento. Betty não tinha qualquer consciência do que estava a escrever. As palavras surgiam muito lentamente ao princípio. Não havia pontuação, parágrafos nem maiúsculas, e todas as palavras corriam juntas, sem separação. A velocidade aumentou e, em poucas semanas, tornara-se bastante rápida. White desenvolveu um profundo respeito pelo comunicador, fosse ele quem — ou o que — fosse. A escrita nunca era frívola, e o autor recusava-se a ser arrastado para tolices. Foi anunciado um propósito coerente: preparar a consciência de Betty para receber e transmitir informação importante.

Em Setembro, quase seis meses depois de a escrita automática ter começado, o "escritor" informou os White de que em breve cessaria. Pouco depois, cessou. Nessa altura, White estava profundamente intrigado. Sabia que a escrita podia ser obra do próprio subconsciente de Betty. Também tinha consciência da possibilidade de ser obra de uma personalidade desencarnada. Para White, isso não importava muito. Por algum meio não geralmente compreendido, Betty estava a aceder a um nível de consciência que não é normalmente acessível. O material valia a pena por si mesmo.

Os White perseveraram. Durante uma viagem de negócios, White leu um livro chamado *Our Unseen Guest*, que relatava uma experiência com mediunidade em transe. Quando regressou a casa, ele e Betty concordaram em experimentar esse método.

Betty atingiu facilmente o estado de transe. "Deslizava para uma espécie de consciência libertada ou dupla. A partir dela, relatava várias experiências. A sua fala era ao princípio hesitante e aos tropeções, as frases fragmentárias, como se estivesse com grande dificuldade." Aparentemente, isto devia-se à necessidade de manter duas consciências ao mesmo tempo. A normal, a partir da qual falava, parecia subordinada; a sua consciência real estava centrada numa consciência mais profunda, a partir da qual ela reportava.

"O progresso foi exasperantemente lento", relatou White. Por vezes, algumas frases curtas exigiam uma hora inteira. Tal como com a escrita, porém, a paciência foi recompensada. Com o tempo, Betty

tornou-se tão fluente a relatar a partir dessa "consciência mais profunda" que White, um experiente repórter de estenografia, por vezes tinha dificuldade em acompanhar.

Ao fim de um ano e meio, White tinha 400 páginas dactilografadas de notas sobre aquilo que a esposa dissera durante os seus transes. A essa altura, ambos estavam plenamente convencidos de que lidavam com inteligências externas, nítidas e intencionais, e de que faziam parte de um projeto importante que essas inteligências estavam a realizar. Os White chamaram-lhes os "Invisíveis". O seu propósito era produzir, com a Sra. White, um "manual elementar do além", que prepararia os viajantes da vida para o seu destino eventual numa "terra nova". White "redigiu" estas transações e publicou-as em 1937 como *The Betty Book*.

Ao princípio, os Invisíveis repeliram secamente as perguntas dos White sobre o tipo de mundo em que viviam: "Ainda não estão suficientemente educados para compreender o nosso mundo." Apesar desta reprimenda, Betty, durante as incursões cautelosas do seu centro de consciência nesse outro domínio, fez algumas observações suas e relatou-as. Numa ocasião, observou que era "um lugar muito maior e melhor". Noutra, relatou que estava a ser tratada exatamente como trataríamos um recém-nascido nesta esfera.

Entretanto, a sua "educação" prosseguia. A tragédia da era materialista foi formulada assim: "Enfraqueceram a palavra 'Deus'. O mundo envergonhou-se do espírito. Mortifica-o tal como os antigos ascetas costumavam mortificar o corpo. (…) Acolham e aceitem todos os instintos humanos naturais, todo o saborear da vida, mas impregnem-nos com a vitalidade do espírito."

O progresso significava ação: "O mero reconhecimento intelectual de uma verdade é distante, desligado (…) não se manifesta em ação. (…) Só pela vossa própria determinação e fé conseguem realizar esse primeiro levantamento morto." O passo inicial tem de vir do lado da Terra; depois "podemos utilizar aquilo que possuem inconscientemente" e responder.

"Sinto vagamente pessoas à minha volta", disse Betty numa ocasião, "como se sentem pessoas num quarto escurecido. (…) A ideia de auras é muito real (…) aproximam-se de um fogo, e ele tem uma aura de calor; nas pessoas, estende-se num certo raio à volta." Numa das suas "viagens para além" Betty ficou tão curiosa acerca de como as pessoas eram alimentadas que sentiu em si própria um desejo intenso de sustento. "Quero alimento! É um instinto em direção à substância do crescimento. Curiosa essa espécie de alimento; não parece que o se absorva e depois o elimine. É como átomos de poder. Acrescenta-se ao total da própria substância. Não sei bem como se faz."

Neste ponto, um dos Invisíveis interveio: "Isto dura bastante tempo, esta recolha de substância. Um dia destes estarás montada e começarás a funcionar aqui." Em resposta a uma pergunta sobre como somos vistos por aqueles do outro lado, veio esta resposta: "As nossas lentes não vos conseguem ver como vocês se veem a vós próprios sem os vossos olhos físicos. Os nossos olhos são para o corpo duradouro, de outro tipo. Os nossos olhos tornam reais para vocês as qualidades intangíveis a que chamam espirituais. Com dificuldade é que percebemos o material."

No além, tal como no mundo dos sonhos, pode-se mudar instantaneamente de um lugar para outro sem movimentos corporais pesados. "Suponham", disse um dos Invisíveis, "que conseguiam ver através de um telefone — estar realmente presentes nos lugares distantes com que comunicam. Isso não vos dá, ainda que vagamente, uma ideia de entrar num campo mais amplo de consciência?" Betty comentou: "Parece ser uma espécie de força direta, sem obstáculos, que transporta a inteligência de um para outro."

Foi oferecido algum conselho sobre a oração: "A oração é uma reunião e oferta do vosso melhor eu para união com o sobrepoder. (…) A oração fraca não cumpre a sua parte porque apenas chama para baixo, em vez de se erguer ao encontro. (…) Vale pouco, a menos que algo surja dentro de vós para alargar a vossa capacidade de a receber e de com ela se fundir. (…) A oração é a projeção do vosso ser espiritual, a reunião consciente do vosso eu mais elevado. Ao oferecerem o

espírito, expõem a vossa própria alma, encaram a soma total de vós mesmos. Ela perfura todas as vossas coberturas e enfeites como um raio X perfura o corpo. Há uma realidade terrível nisso. Têm de sondar as profundezas antes de lhes ser permitido subir às alturas. Não há desânimo nesse confronto com a própria alma nua. Esse é o grande sentimento que a oração vos dá. É a oficina da alma."

Betty achava a oração revigorante: "É uma forma bela, um grande ritmo. (…) Varro toda a beleza de um mundo físico para dentro do meu coração, tudo, (…) a flor do deserto, os cristais de geada, o mundo da lupa, as estrelas — todo o universo físico — as manifestações de um amor e de uma inteligência avassaladores — reúno tudo no meu grande ímpeto de adoração. É uma oferta, uma concentração da experiência da minha vida a regressar à sua fonte. Uma vez despendida, fico quieta. Calmamente, a vida recarregada volta a filtrar-se para mim, recarregada de vitalidade, força e vontade de cumprir a minha parte."

Quanto aos níveis de consciência, os Invisíveis confirmaram Myers, embora recusassem grande detalhe. "Vivem todos juntos na Terra em diferentes níveis de consciência. Certas prerrogativas pertencem a cada nível. O vosso é o nível da perceção nascente. É como subir escadas. Cada degrau tem de ser vivido até ao fim antes de podermos passar ao seguinte."

Uma boa parte da conversa a três — envolvendo Betty como médium, os Invisíveis e White — centrava-se no princípio do serviço. À medida que alguém se torna mais consciente dos princípios espirituais, preocupa-se cada vez mais com os terríveis desastres causados pela sua ausência. Isto tende a mover a pessoa com um espírito de serviço, sob a forma do desejo de partilhar as perceções espirituais que restaurariam a harmonia. Isso implica mudar a mente das pessoas, despertando oposição imediata.

A oposição gera oposição, e assim a pessoa é tentada a ser arrastada para a mesma hostilidade, a mesma raiva competitiva que originalmente causou a perda da perceção espiritual e trouxe ao mundo os seus desastres repetidos. O problema, então, é o de enfrentar a

oposição sem se ser puxado para o turbilhão de emoções destrutivas que forças opositoras tantas vezes geram.

Os Invisíveis debruçaram-se sobre este problema com determinação, encarando a sua solução como um dos blocos centrais do seu ensinamento. "Não podem retirar-se do combate; isso seria fracasso. Não podem manter-se indiferentes; isso seria crueldade, que é uma derrota espiritual. Embora fosse apenas humano, não podem deixar-se arrastar para o vórtice da emoção irada; isso apenas espalha o incêndio."

Então, o que se pode fazer? O conselho dos Invisíveis foi colocar em primeiro lugar o princípio de manter a própria compostura espiritual, focando o ser na consciência expandida e no universo mais pleno que se recebeu. "Não conseguem puxar um amigo para fora de areias movediças se vocês próprios não tiverem apoio firme."

Com a compostura espiritual intacta, com a consciência a operar a um nível mais elevado, pode-se então procurar, por projeções puramente espirituais, despertar no oponente o mesmo centro de potencial espiritual que tão recentemente fora despertado em si. Assim, disseram os Invisíveis, se pode resistir às tempestades emocionais da confrontação e da controvérsia.

Deste modo, o desejo de Betty de saber mais sobre a vida para além da morte foi desviado por uma ordem para se tornar mais eficaz, espiritualmente, na sua vida terrena imediata! Os Invisíveis não negligenciaram por completo a sua curiosidade, contudo. Depois de enfatizarem o seu ponto principal — "Lutem para conquistar pessoas, não vitórias" — responderam ao desejo de Betty de uma forma surpreendente.

Aqui voltamos a encontrar a mesma Ruth Finley que mais tarde viria a desempenhar um papel tão proeminente no desenrolar da saga de Stewart e Betty White e, mais tarde ainda, na minha própria mediunidade. Aconteceu que, em 1922, oito pessoas invulgares, de várias partes do país, estiveram em Nova Iorque durante todo o mês de Janeiro. Havia um jornalista e a sua esposa, o Sr. e a Sra. Gaines. A Sra.

Gaines tinha demonstrado capacidade psíquica em semi-transe. Havia um casal ligado aos negócios; a esposa era Margaret Cameron, cujo livro *The Seven Purposes*, baseado na sua escrita automática, foi um sucesso de vendas na época. Havia os Finley, cujas aventuras psíquicas como "Darby e Joan" tinham sido relatadas anonimamente no livro *Our Unseen Guest* dois anos antes. E havia os White, Stewart e Betty. Estes oito, todos conhecidos entre si por reputação, combinaram reunir-se para uma série de onze sessões. Os resultados foram uma sequência de fenómenos que nenhum deles alguma vez tinha produzido antes e que os surpreendeu a todos.

Os fenómenos que então se desenvolveram foram da categoria "física". Isto foi surpreendente, pois todos os psíquicos do grupo eram, como eu, do tipo "mental". Na primeira sessão desta série, os "controlos" assumiram o comando e, falando através das médiuns Betty e Joan (a Sra. Finley), anunciaram que estas sessões seriam dominadas por uma intenção clara e inequívoca: "Demonstrar o corpo beta."

Se este corpo etéreo, até então visível apenas aos psiquicamente sensíveis, pudesse ser tornado visível à visão comum de homens e mulheres normais, isso teria enorme interesse para a investigação psíquica. Seria uma ponte definida e incontestável entre o "aqui" e o "lá". Demonstrações desse tipo tinham sido feitas, é certo, desde tempos antigos. Mas o ceticismo do século XX descarta tudo o que não viu, sentiu e mediu por si mesmo. Além disso, desvaloriza como fraudulentos ou mal relatados todos os testemunhos que não coincidam com o seu dogma materialista.

Aqui estava uma situação de investigação quase ideal. Os participantes estavam todos bem estabelecidos no sistema socioeconómico, graças a realizações totalmente independentes de demonstrações psíquicas. Todos, de facto, tinham começado como céticos e fizeram por ocultar as suas capacidades psíquicas do conhecimento geral. Nada havia a ganhar com fraude ou com relatos distorcidos.

Ao esboçar os pressupostos dos fenómenos físicos, falo com não mais autoridade do que qualquer outro investigador psíquico. Embora tenha sido frequentemente testemunha de tais acontecimentos, não sou eu próprio quem os produz. Eis a explicação tradicional e muitas vezes demonstrada: enquanto se vive a existência do lado da Terra, o corpo físico está em permanência coincidente com um corpo beta. Embora seja primariamente mental, emocional e espiritual, este corpo beta conserva certos aspetos físicos durante os seus (seguindo Myers) segundo e terceiro estádios.

Ao contrário do corpo físico, que é sintético (pode cortar-se uma orelha ou um dedo e o corpo continuar a viver), o corpo beta é atómico — uma unidade inteira, indivisível. Na vida terrena, tal como no segundo e terceiro estádios, este corpo beta é a residência da alma — o sentido básico de si, o "este sou eu de verdade". Em certas circunstâncias especiais, o corpo beta pode afastar-se do corpo físico. Este acontecimento é a base das experiências "fora do corpo", da bilocação (um indivíduo ser claramente visto quando se sabe que o seu corpo físico está num ponto distante, como no caso do falecido monge italiano, Padre Pio) e de fenómenos semelhantes.

O corpo beta, por ser o assento da alma, pode comandar diversos recursos do corpo físico quando assim o entende. Isto aparece na investigação psíquica sob referências a "retirar força", "acumular a força", "dirigir a energia", "ectoplasma", e assim por diante. É um lugar-comum da investigação psíquica que a energia mental-espiritual tem primazia sobre a substância física e a comanda sempre que seja suficientemente forte. Isto tem muitos paralelos do lado da Terra e, na verdade, não deveria surpreender ninguém. Nada pode acontecer fisicamente antes de ter acontecido primeiro mentalmente; o ato mental diretor vem sempre antes. Antes de se poder construir a ponte, erguer a casa ou fabricar o produto, tem primeiro de existir a estrutura mental imaginada.

Do mesmo modo, os materiais físicos podem ser retrabalhados à vontade da mente. O sino de bronze rachado de ontem pode ser derretido e reaparecer como uma estátua de bronze ou como um sino

novo e sonoro. Fenómenos físicos registados sugerem que essa desintegração e recomposição da substância pode ser realizada diretamente, sem os serviços de artesãos intermediários, se os recursos forem do tipo e da potência necessários. Isto foi muitas vezes demonstrado no fenómeno chamado *apport*, em que objetos conhecidos por estarem à distância são desintegrados, transportados e reassemblados no seu estado original, surgindo no local da sessão.

As sessões White–Gaines–Finley–Cameron foram conduzidas inteiramente sob direção do "outro lado". Os experimentadores no comando eram entidades conhecidas como o Doutor, Stephen, Anne (também conhecida como Lady Anne, uma escocesa que fez a passagem no século XVII e que era tratada com deferência pelos seus associados desencarnados) e Joe, o filho "falecido" dos Gaines. A intenção anunciada da série foi cumprida para satisfação de todos, e foram demonstrados outros fenómenos que não tinham sido programados.

O corpo beta de Ruth Finley separou-se do seu corpo físico e ficou de pé, à vista de todos, em plena luz do dia, e também, quando chegou a noite, sob uma luz lavanda, como um contorno luminescente. Os experimentadores disseram que o corpo beta era magneticamente ativo e que a sua presença causava uma queda de temperatura. Ordenaram que se trouxessem instrumentos para provar estas afirmações. Assim se fez; as afirmações revelaram-se corretas.

Na vasta literatura sobre experiências fora do corpo, há referências frequentes a um "cordão de prata" que liga os corpos físico e beta. Quando, na vida terrena, o beta se separa do corpo físico, os dois corpos permanecem ligados pelo cordão de prata, que é tão elástico que o beta pode percorrer o universo inteiro sem que ele se rompa. Com a morte do corpo físico, o cordão de prata solta-se, e o corpo beta prossegue, como veículo da alma, para as experiências do segundo, terceiro e planos seguintes. Na separação do beta de Joan do seu corpo físico, o cordão de prata era visível e palpável. Este é o mesmo cordão tornado célebre pela frase bíblica "antes que se desprenda o cordão de prata".

Noutra sessão, demonstrando a capacidade da mente espiritual para desagregar e reagregar a matéria, o corpo físico de Joan desapareceu por completo, em numerosas ocasiões, durante trinta segundos ou mais de cada vez, para reaparecer, inalterado, no seu local original. Foram apresentados retratos (não os mesmos que os corpos beta, mas esboços de artista tornados visíveis num meio luminoso, possivelmente idêntico à substância que outros investigadores chamaram ectoplasma) de várias personalidades desencarnadas. Um deles era um esboço do pai de Joan; outro, um retrato do filho dos Gaines. Ambos eram reconhecíveis.

No fim das experiências, os investigadores desencarnados resumiram a sua posição com referência a esse corpo de ceticismo dogmático que tantas vezes se faz passar por ciência. Tinha sido feito algum progresso no sentido de penetrar essa muralha. O magnetismo é hoje universalmente reconhecido, e isso tinha sido demonstrado. A alteração de temperatura é algo hoje universalmente mensurável, e isso tinha sido demonstrado. Contudo, os operadores ainda não estavam prontos para um confronto pleno com o ceticismo dogmático. "Não há valor particular em ver estas máscaras, ou o beta, a alma despida", resumiu Joe Gaines, "a não ser no valor científico. Sempre houve quem conseguisse fazer isto, mas não de um ponto de vista científico. Ainda não estamos prontos para os cientistas."

Em 1937, Stewart White publicou um relato destes acontecimentos num apêndice a *The Betty Book*, que era uma narrativa dos primeiros anos da mediunidade da sua mulher, Betty.

Em Abril de 1939, Betty morreu.

Stewart e Betty tinham sido casados durante trinta e cinco anos. Stewart tinha agora razões para recordar algumas das revelações sobre a vida para além da morte que tinham sido dadas durante as onze sessões em Nova Iorque. "O eu como beta, esse Eu continua", dissera Joe Gaines. "Temos forma, peso, cor e mais sentidos do que vocês." Stewart estava plenamente seguro da continuidade da existência de Betty. Em inúmeras ocasiões — a primeira apenas meia hora após a sua morte — sentira vividamente a presença dela ao seu lado, "a sensação

aconchegada e íntima de companhia que por vezes se tem quando se está na mesma divisão, talvez cada um a ler um livro". Não havia palavras, mas a experiência de companhia era tão completa que palavras pareciam desnecessárias. White recordou o conselho dos desencarnados, segundo o qual a comunicação nos reinos superiores era direta, espiritual e sem palavras. Partiu do princípio de que a sua comunicação passaria daí em diante a ser nesse nível e não tinha uma expectativa clara de comunicação verbal adicional.

White voou para Leste em Setembro desse ano, em negócios. Emmet e Ruth Finley ("Darby e Joan") viviam então em Huntington, Long Island. Claro que houve uma sessão. Acabou por ser a primeira de muitas. Após seis meses de silêncio, Betty tinha agora algo a dizer — algo importante, algo que queria transmitir com algum detalhe, algo que levaria algum tempo. Stewart, como de costume, tomou notas cuidadosas. Estas foram vertidas em forma narrativa e publicadas em 1940 sob o título *The Unobstructed Universe*.

Betty compreendeu que a sua primeira tarefa seria identificar-se para além de qualquer dúvida possível, e fê-lo sem qualquer incitamento. Através da mediunidade de Joan (Ruth Finley) em transe, começou a falar com Stewart "calmamente, fluentemente, com conhecimento seguro e íntimo da nossa experiência e vida em comum". Debitou "não um, mas dezenas" de factos retirados de um terço de século de vida juntos, que só poderiam ser conhecidos por ela e por Stewart — a quem tratava por uma alcunha usada em vida terrena apenas por ela, "Stewt".

Uma vez estabelecida a identidade, Betty avançou imediatamente para o ponto que estava decidida, de forma obstinada, a estabelecer como objetivo principal desta série de comunicações: "Há apenas um universo." Numa longa série de sessões com Joan como médium, nunca se desviou deste tema, a não ser para recolher material ilustrativo e de apoio. Assim se criou o primeiro corpo plenamente desenvolvido de relato na primeira pessoa sobre a vida para além da morte a circular amplamente desde as revelações de Myers, um quarto de século antes. Myers, naturalmente, operara a partir de uma base de vinte anos "do

outro lado", enquanto Betty falava a partir de uma experiência de apenas alguns meses. Ainda assim, o seu testemunho tem um valor único. Tinha uma vantagem sobre Myers: possuindo talento mediúnico, "viajara" por reinos mais distantes durante vinte anos antes da sua passagem. E, embora a sua experiência estivesse presumivelmente limitada ao segundo e terceiro estádios, ao passo que Myers procurou abranger todo o espectro, a explicitação de Betty sobre o terreno dentro do seu campo de visão confere-lhe uma qualidade própria e especial.

"Há apenas um universo." Sempre que ouço esta canção-tema de Betty, lembro-me de uma circunstância relatada numa das minhas próprias sessões. Uma viúva recentemente enlutada viera até mim na esperança de estabelecer contacto com o seu marido falecido. O contacto foi estabelecido com sucesso, ela e o marido conversaram, e ela, em lágrimas, contava quão desolada tinha estado "desde que ele se foi embora". A resposta voltou de imediato: "Mas eu não fui a lado nenhum." Isto, em essência, é a mensagem de Betty. Os nossos entes queridos que fizeram a passagem não "foram embora". Vivem no mesmo universo que nós. A principal diferença é que têm nele liberdades muito maiores. É na descrição dessas liberdades, e de como é exercê-las, que reside a força particular do testemunho de Betty.

Betty recorreu a analogias vivas para ilustrar os seus pontos: "É como olhar através das pás em movimento de uma ventoinha elétrica"; "É como olhar para peixes num aquário"; "É a diferença entre fotografia a preto-e-branco e fotografia a cores."

Em resposta a uma pergunta de Darby, Betty disse: "Vocês acreditam na imortalidade. Até que o verdadeiro trabalho de laboratório esteja pronto, têm de continuar a lançar os alicerces. Quero traçar algum tipo de rumo que possa ser seguido mais tarde cientificamente (…) para transmitir, em termos de mecânica, a possibilidade de os dois mundos serem o mesmo."

Depois veio a analogia da ventoinha elétrica. Uma das coisas que faz parecerem universos separados, disse Betty, é a frequência. Quando uma ventoinha está a girar depressa — isto é, quando as pás passam a

alta frequência — olhamos diretamente através das pás sem as ver. "Se a frequência fosse diferente para o vosso foco humano, vocês conseguiriam ver-me. Assim como está, vocês olham através de mim." Um dos presentes sugeriu que, do ponto de vista do "outro lado", devia ser como olhar para peixes num aquário — isto é, nós. "Tal como os peixes na taça, nós conseguimos vê-los, habitamos o mesmo universo, mas não conseguimos viver com eles." Betty pareceu aceitar isto e respondeu com o paralelo da fotografia. Uma fotografia a preto-e-branco regista uma realidade.

Uma fotografia a cores regista a mesma realidade, mas dá muitas mais dimensões do que o preto-e-branco. "Ajudou-nos a compreender", escreveu White, "como poderia haver aparências diferentes da mesma coisa." Betty insistiu: "Se conseguirem descobrir a frequência, podem revelar o meu universo. Isso não significa que já o possam habitar. Significa que saberiam que eu o habito." Embora recém-chegada, Betty foi capaz de afirmar o conceito de Myers de níveis de consciência: "O modo de existência de certos indivíduos está mais para fora, dentro do todo."

O Além Apela à Ciência: "Betty" e "Joan"

Em seguida, Betty propôs-se "trazer uma imagem da existência em que agora tenho o meu ser". Começou por lembrar aos presentes de Joan que existe muito que os nossos sentidos não conseguem detetar, mas cuja existência foi provada por meio de instrumentos. A diferença entre os dois estados de ser, disse ela, era sobretudo uma questão de "mecanismo de consciência" — os seus "instrumentos", ou "sentidos", estão muito mais finamente sintonizados do que os nossos.

Entre as revelações de Betty estavam estas: "O meu toque em vós é para mim tão real como sempre foi. Nós conseguimos ver-vos… O vosso mundo e o meu são o mesmo, apenas vocês não têm consciência do meu. Eu vejo ambos… Estamos todos a trabalhar arduamente com as pessoas que chegam de repente e não sabem o que lhes está a acontecer." Aqui falou da grande vantagem de se ter algum entendimento da fase de transição e de se encontrar o outro mundo "todo limpo e glorioso e seguro".

"A morte é muito mais simples do que o nascimento. A Terra é o lugar de nascimento com o propósito de individualização."

Ao apresentar a sua imagem do além, Betty não ficou inteiramente por conta própria. Muitas vezes dizia: "Não sei. Um instante, vou perguntar." A quem frequentemente perguntava era a Lady Anne, que tinha vários séculos de experiência de que podia lançar mão. "A consciência é a única realidade; mente e matéria são apenas aspetos dela."

A consciência terrena, explicou ela, está adaptada a um universo em que existem muitas estruturas de mente e de matéria contra as quais se esbarra. "Esbarram numa parede. Esbarram no espaço — a distância obstrui-vos e têm de a superar. Esbarram no tempo; dizem 'não tenho tempo', querendo dizer que a duração fixa de um dia ou de um ano vos está a obstruir. Esbarram no pensamento; as ideias das pessoas dificultam-vos, obstruem-vos."

Emmet Finley, comentando mais tarde o relato de Betty, desenvolveu as suas impressões do seguinte modo: "Há no nosso mundo esta coisa chamada eletricidade. Não conhecemos a sua essência; tudo o que sabemos é como se comporta na obstrução. No universo desobstruído a essência é conhecida e é com ela que se lida. É por isso que, quando perguntámos a Betty se havia eletricidade e oxigénio e tijolos e paus e pedras no seu mundo, ela respondeu que sim. Mas acrescentava sempre que conhecia e lidava com essas coisas, não nos seus aspetos obstruídos, como nós, mas na sua essência."

Finley prosseguiu dizendo que é mais fácil compreender isto se recordarmos que, há alguns anos, os físicos nos têm vindo a dizer que não existe substância material tal como no passado entendíamos o termo. Existem apenas agregados de energia. E, claro, modos de perceber essa energia. "Entrem num quarto escuro. Andam às apalpadelas e não veem nada. Esse é um aspeto. Agora encontrem o interruptor e inundem o quarto de luz. Já não andam às apalpadelas; agora veem móveis e decoração, cores e formas. Esse é outro aspeto. E, no entanto, ambos os aspetos são do mesmo quarto. E foi nesse quarto que estiveram o tempo todo."

Stewart teve a última palavra: "Sabemos, sem qualquer dúvida, que o vosso mundo, que esqueceu a importância da imortalidade e a sabedoria de reconhecer a realidade da unidade da consciência, vai recuperar esse conhecimento." Isto, concluiu White, significava fé na imortalidade do indivíduo e a ampliação de horizonte que essa fé implica. Sinto-me impelido a regressar mais uma vez a Ruth Finley, com quem comecei este capítulo. Desta vez Ruth — "Joan" — falava a partir do além para um dos meus consulentes, o Dr. Sherwood Eddy.

Desta vez, falava não das grandes extensões da criação, mas de coisas comuns e terrenas. "Ouvi-o em Oberlin há anos", disse ao Dr. Eddy. "Foi apresentado pelo Dr. Leacock e quase me convenceu a tornar-me voluntária missionária estudante. Mas quebrei o encanto indo trabalhar para o *Cleveland News*!"

VII
Experiência e Explicação

OS CAPÍTULOS PRECEDENTES ocuparam-se em grande medida de pessoas que, embora do nosso século e talvez com datas que se cruzem com as nossas, não são, neste momento, nossos contemporâneos no plano terrestre. Isto é deliberado. Toda a história da vida para além da morte é a de dois modos de existência. Isto é contado de forma mais convincente por aqueles que experimentaram toda a sequência: o nosso mundo físico, a experiência de transição a que chamamos "morte" e a vida para além dela. Quem procura testemunho contemporâneo imediato encontrará uma oferta abundante nos meus outros escritos. A ênfase da presente obra não está neste mundo, mas naquele que, na existência física, é conhecido como o mundo futuro.

Ainda assim, para ser completo, o nosso testemunho deve trazer-nos até ao presente imediato e ao alcance de autoridades vivas. Algumas perguntas frequentemente repetidas continuam ainda em suspenso — daí este capítulo de "pontas soltas", com perguntas e respostas do agora e de gerações recentes. Por exemplo: "Qual é a diferença entre o transe hipnótico e o transe mediúnico?"

Numa famosa conferência proferida no Swarthmore College em 1951, o Professor C. J. Ducasse, da Brown University, considerou as várias explicações modernas do que acontece na mediunidade em transe, examinou-as a fundo e apresentou as conclusões a que chegara após muitos anos de estudo cuidadoso. A conferência de Ducasse, que se tornou uma espécie de clássico no seu campo, discute várias das dificuldades em avaliar o que acontece — ou pode acontecer — durante o transe.

Essas possibilidades incluem fraude intencional, fraude não intencional ou inconsciente, representação sob sugestionabilidade por uma das personalidades secundárias do médium, comunicações reais de pessoas que outrora ocuparam corpos no plano terrestre, e uma combinação destes factores. No decurso da conferência, Ducasse deu um relato próximo da minúcia exercida pelos investigadores psíquicos nas suas investigações.

O caso destacado para atenção especial foi o de Mrs. Lenore Piper. Os céticos por vezes afirmam que os médiuns, direta ou indiretamente através de colaboradores, recolhem informação antecipada sobre as famílias e parentes de pessoas que se espera que apareçam, por marcação, numa sessão. No caso Piper, tanto Mrs. Piper como o marido foram vigiados durante muitas semanas por detetives, para apurar se andavam a perguntar sobre parentes e histórias familiares de pessoas que se esperava que viessem às sessões. "Nunca se encontrou nada que, mesmo minimamente, fosse suspeito."

Além disso, os consulentes eram sempre apresentados por nomes assumidos. Por vezes nem sequer estavam na sala quando o médium entrava em transe; quando entravam, colocavam-se num ponto onde o médium não os poderia ter visto mesmo que tivesse os olhos abertos. Na sua viagem a Inglaterra, ficou em alojamentos escolhidos pelos investigadores e foi mantida sob vigilância por eles. Toda a sua correspondência era aberta e lida.

Ainda assim, a sua mediunidade continuava a produzir prova conclusiva de sobrevivência. Grande parte da informação que transmitia não poderia ter sido reunida nem pelo mais perito dos detetives,

mesmo com tempo ilimitado. Não havia maneira possível, concluíram os investigadores após terem a médium, os seus associados e o seu modo de vida sob observação apertada durante muitos anos, de ela poder ter recolhido, por meios conhecidos e naturais, tanta informação sobre tantos consulentes e os seus amigos falecidos. "No seu caso não há como escapar ao facto", concluiu Ducasse, "de que esta informação teve alguma fonte paranormal."

De seguida, considerou outra explicação frequentemente apresentada: a de que o médium teria poderes extraordinários para extrair, por via telepática, informação, sentimentos, planos, intenções e experiências armazenados nas memórias e mentes inconscientes de pessoas vivas em qualquer parte da Terra. Mas, para explicar o que de facto acontece, seria preciso postular ainda mais. Para além de obter o conteúdo informativo, teria de se supor que as personalidades secundárias dissociadas do médium seriam capazes de personificar, "quer automaticamente quer deliberadamente, mas muitas vezes com notável verosimilhança", o amigo falecido do consulente.

Aqui tornou-se necessário considerar algumas coisas que acontecem no transe hipnótico comum (Ducasse teve o cuidado de sublinhar que transe hipnótico não é o mesmo que transe mediúnico, embora os dois estados possam ser facilmente confundidos). "O sujeito hipnotizado representa, com surpreendente convicção, o papel de qualquer personagem que, por sugestão, imagina ser."

Em numerosas ocasiões, foram sugeridos a pessoas em transe hipnótico nomes falsos e nomes de personagens fictícias, e estas devolveram interpretações vívidas. Como se verificou que pessoas em transe têm "poderes clarividentes e telepáticos extensos", qualquer análise verdadeiramente científica de resultados mediúnicos teria de ter em conta todas as possibilidades de estarem misturadas numa única sessão ou *séance* e de precisarem de ser desembaraçadas por uma mente analítica treinada.

Isto, aliás, é o que se entende pelo grau de "pureza" ou "qualidade" do trabalho de um determinado médium; diz-se que uma percentagem elevada de comunicação claramente probatória

proveniente de personalidades desencarnadas é "pura" ou "de alta qualidade". No caso particular da mediunidade de Piper, investigadores treinados como o Professor Hyslop, após longo estudo, concluíram que qualquer outra conclusão que não a de que estivera a falar pessoalmente com os seus parentes falecidos "me envolveria em demasiadas improbabilidades".

Ducasse disse que um estudo atento das transcrições torna, nalguns casos, a hipótese de personificação pouco plausível. "Algumas das mentes mais agudas e melhor informadas", disse Ducasse, "que abordaram estes fenómenos com completo ceticismo inicial e os estudaram durante muitos anos no espírito mais agudamente crítico, acabaram por chegar à conclusão de que, pelo menos em alguns casos, apenas a hipótese da sobrevivência permanecia plausível."

Hyslop pensava que a relutância geral dos cientistas em aceitar a hipótese da sobrevivência se devia sobretudo ao medo. Não havia dificuldades teóricas no caminho de uma aceitação completa da vida após a morte. Isso exigiria, porém, um recomeço total para a ciência. "As consequências tremendas — filosóficas, morais, religiosas e políticas — que teriam de se seguir a algo como uma prova científica de uma vida futura tornam necessário que não sejamos enganados numa matéria tão importante como esta." A afirmação de que a sobrevivência é impossível tem sido sustentada apenas por um apego tenaz a "um certo pressuposto metafísico que é totalmente arbitrário e que, por si só, já pressupõe a resposta à questão".

Ducasse resume: "Pode demonstrar-se que a suposição de que a vida consciente individual continua sob alguma forma depois da morte é algo que se pode dizer ter sido realmente estabelecido pela ciência natural ou pela filosofia. Há evidência empírica de que a mente do indivíduo sobrevive à morte e que ocasionalmente consegue comunicar com os vivos."

Outra pergunta é frequentemente feita: "Qual é o efeito da oração, agora e na vida após a morte?"

Um dos médiuns mais poderosos do final do século XIX foi um clérigo britânico, W. Stainton Moses, que servia uma paróquia na Ilha de Man. A mediunidade de Moses começou quando um amigo médico lhe pediu que "investigasse" o espiritualismo. Moses, então convencido de que o espiritualismo era uma trapaça, começou a assistir a sessões — e desenvolveu uma das mediunidades mais poderosas do seu tempo. Por vezes ouviam-se, de forma independente, vozes de comunicadores espirituais. Houve levitações do médium e de mobiliário, objetos foram trazidos de outras divisões através de portas fechadas, e produziu-se escrita direta independentemente de qualquer mão humana viva.

Moses é mais conhecido pelos livros religiosos e inspiracionais que escreveu por escrita automática. Os seus comunicadores eram um grupo de vinte e duas personalidades desencarnadas dirigidas por um chefe que assinava sempre "Imperator". Através de Imperator e dos seus associados, e dos conselhos e instruções que lhe transmitiram, Moses acabou por abandonar as visões religiosas ortodoxas absorvidas durante a formação para o ministério, em favor de conceitos que o "outro lado" lhe transmitia pela escrita automática. Um exemplo é a questão da eficácia da oração. Embora os seus comunicadores concordassem que a oração era necessária para a segurança e o crescimento espirituais, a explicação dos canais por onde as orações são encaminhadas não era a convencional.

"Rezariam mais se soubessem quão rica bênção espiritual a oração traz. Os vossos sábios eruditos discutiram muito o valor da oração e perderam-se num labirinto de opiniões, enevoados e ignorantes da verdadeira questão. Eles não sabem — como poderiam saber? — dos mensageiros angélicos que pairam por perto, prontos a ajudar o espírito que clama ao seu Deus. (…) Muitas vezes é a súplica não pronunciada que não é atendida que se torna causa das mais ricas bênçãos para a alma que reza.

O próprio clamor do espírito oprimido lançado no vazio — um clamor arrancado à amargura da dor — é um alívio desconhecido (…) muitas vezes atender ao seu pedido seria fazer-lhe um grave mal. Ele pediu ignorantemente, caprichosamente, tola e petulantemente: e a

sua oração não é atendida quanto ao pedido; mas serviu para colocar o seu espírito em comunhão com uma inteligência que espera uma oportunidade de aproximação e que pode ministrar-lhe força e consolação na sua necessidade. Seria bom se os homens se esforçassem mais por viver uma vida de oração. Não a vida mórbida de devoções assim chamadas, que consiste em negligenciar o dever e em gastar as horas preciosas da vida de prova em mórbida auto-anatomia, em desenvolver uma auto-observação doentia ou em súplica forçada e irreal.

Para que a oração seja real, tem de ser o clamor do coração, espontâneo e impulsivo, para amigos que pairam perto. A fantasia de uma oração ao ouvido de um Deus sempre presente, disposto a alterar leis inalteráveis em resposta a um pedido caprichoso, fez muito para desacreditar por completo a ideia de oração. Oração — o clamor espontâneo da alma ao seu Deus através dos amigos que sabe estarem perto e sempre prontos a recolher a súplica não pronunciada e a levá-la para cima e sempre para cima até alcançar um poder que possa responder — isso não é assunto de preparação formal. Não consiste em qualquer ato de exibição exterior. Não precisa de ser necessariamente articulada em palavras; muito menos está cerceada por forma convencional ou presa a fraseologia estereotipada. A verdadeira oração é a voz pronta do espírito em comunhão com espírito."

As transições por morte súbita e violenta são sempre mais difíceis do que as pacíficas?

Uma descrição invulgarmente viva da transição por morte violenta chegou, em 1917, a um escritor automático que assina W.T.P., vinda de um comunicador do "outro lado" que deu o nome de Thomas Dowding:

"A morte física não é nada. Na verdade não há motivo para medo. Alguns dos meus camaradas choraram por mim. Quando eu 'fui para oeste', pensaram que eu estava morto para sempre. Foi isto o que aconteceu. Tenho uma memória perfeitamente clara de todo o incidente. Estava à espera na esquina de uma travessa para ir montar guarda. Era uma boa tarde. Não tive qualquer pressentimento especial de perigo, até ouvir o assobio de um obus. Houve uma explosão algures

atrás de mim. Instintivamente agachei-me, mas era tarde demais. Algo bateu, forte, forte, forte contra o meu pescoço. (…) Caí e, ao fazê-lo, sem passar por qualquer intervalo aparente de inconsciência, encontrei-me fora de mim mesmo! Estou a contar a minha história de forma simples; assim será mais fácil de entender. Hão de aprender a perceber quão pequeno incidente é este morrer (…) cinco segundos depois eu estava de pé fora do meu corpo, a ajudar dois dos meus camaradas a levar o meu corpo pela trincheira em direção a um posto de socorro. Eles pensavam que eu estava inconsciente mas vivo. Eu não sabia se tinha saltado para fora do meu corpo por choque do obus, temporariamente ou para sempre.

Vejam como é pequena coisa a morte, mesmo a morte violenta da guerra! (…) os meus camaradas não precisam de temer a morte. Poucos a temem; no entanto, há um medo subjacente de possível extinção. Eu temia isso; muitos soldados temem, mas raramente têm tempo para pensar em tais coisas. (…) O meu corpo foi içado para a maca. Eu perguntava-me quando voltaria a entrar nele. Vejam, eu estava tão pouco 'morto' que imaginava ainda estar fisicamente vivo. (…) Eu tinha começado um novo capítulo de vida. Vou dizer-vos como me senti. Era como se eu tivesse estado a correr com força e, quente e sem fôlego, tivesse atirado fora o meu sobretudo.

O sobretudo era o meu corpo e, se não o tivesse lançado fora, teria sido sufocado. (…) O meu corpo foi para o primeiro posto de socorro, depois para um necrotério. Eu fiquei perto dele toda a noite, a observar, mas sem pensamentos. (…) Eu ainda esperava acordar no meu corpo outra vez. Depois perdi a consciência e dormi profundamente. Quando acordei, o meu corpo tinha desaparecido! Como procurei e procurei! (…) Em breve deixei de o procurar. Então veio o choque! Veio sem qualquer aviso, de repente. Eu tinha sido morto por um obus alemão! Eu estava morto! (…) Como se sente estar 'morto'?

Eu simplesmente me senti livre e leve. O meu ser pareceu ter-se expandido. (…) Evidentemente ainda estou num corpo de algum tipo, mas posso dizer-vos muito pouco sobre ele. Não tem interesse para mim. É cómodo, não dói nem se cansa, parece semelhante na forma ao

meu antigo corpo. Há uma diferença subtil, mas não posso tentar analisá-la. (…) Eu estava muito só. Não tinha consciência de ninguém perto de mim. Eu não estava no mundo da matéria, nem podia ter a certeza de estar em qualquer lugar! Penso que adormeci pela segunda vez (…) por fim acordei. (…)

Um peso caiu de cima de mim. Penso que as minhas novas faculdades estão agora em ordem de funcionamento. Consigo raciocinar e pensar e sentir e mover-me. (…) Já não estou sozinho — encontrei o meu querido irmão, que veio para aqui há três anos e agora veio dar-me as boas-vindas. William não conseguiu aproximar-se de mim durante muito tempo, diz ele. Esperava chegar a tempo de evitar o choque, mas achou impossível. Ele trabalha entre os recém-chegados e tem vasta experiência."

O mundo para além parece sempre estranho e antinatural aos recém-chegados?

O psíquico americano Edward C. Randall, escrevendo em 1917, relata o seguinte relato vívido do além, recebido através da médium Mrs. Emily S. French:

"O cientista mais erudito entre os habitantes da Terra praticamente não tem conceção das propriedades da matéria, a substância que compõe o universo — visível e invisível. Eu não tinha quando vivi entre vós, embora fizesse um estudo especial do assunto. Aquilo que vocês veem e tocam, compondo o físico ou tangível, é a expressão mais baixa da força vital. (…) À minha chegada aqui houve o encontro e as boas-vindas dos meus, que vieram receber-me, tão naturalmente como alguém que regressa após uma longa viagem na vida terrena seria recebido.

Os seus corpos não eram tão densos como quando eram habitantes da Terra, mas eram como o meu. Depois disseram-me que o meu corpo e os corpos de todos os que estão nessa vida eram, na verdade, os corpos idênticos que tínhamos na vida terrena, despojados do revestimento de carne. Disseram-me também que essa condição é um precedente necessário para entrar na vida mais elevada e que tais

corpos, durante a vida terrena, tinham continuidade e, além disso, que, ao deixar o antigo, eu entrara num plano onde tudo era etérico — isto é, matéria a vibrar em perfeita harmonia com o meu espírito. Tudo parecia perfeitamente natural ao sentido, à vista e ao toque. Só o corpo etérico tem sensação. A minha aparência pessoal em nada mudou, exceto por o meu corpo ser menos denso. A minha mente estava clara, o aspeto de idade tinha desaparecido, e eu estava de pé como um homem na plenitude da minha mentalidade.

O que mais me impressionou depois do encontro com os meus foi a realidade e tangibilidade de tudo e de todos. (…) Tem sido nosso propósito explicar a lei através da qual a vida continua e, assim, declarar simplesmente os factos e explicar as condições para que todos entendam. Tudo o que vocês veem e tocam é apenas a substância usada pela vida no crescimento (…) ao despojar-se da sua habitação física, diz-se que se toma a imortalidade, mas na realidade ele sempre foi imortal. (…) Comunicamos uns com os outros por simples projeção de pensamento."

"Falou sobretudo de situações de sessão pré-arranjadas. E quanto a relatos de vislumbres espontâneos do mundo além?"

O Dr. Ralph Harlow, professor no Smith College, escrevendo em 1960, afirmou a sua crença de que, com uma alteração muito ligeira no alcance da nossa capacidade de perceber vibrações, poderíamos estar conscientes das pessoas no mundo além. Estamos quase sintonizados e, em raros momentos, certos indivíduos raros têm o privilégio de estar quase completamente sintonizados.

Conta uma ocasião em que ele e a esposa passeavam na floresta numa manhã de primavera perto de Ballardville, Massachusetts:

"De trás de nós ouvimos o murmúrio de vozes abafadas ao longe. Eu disse a Marion: 'temos companhia.' Marion acenou e virou-se para olhar. Não vimos nada, mas as vozes aproximavam-se — a um passo mais rápido do que o nosso, e sabíamos que os estranhos em breve nos alcançariam. Então percebemos que os sons não vinham apenas de trás, mas de cima, e olhámos para o alto. A cerca de três metros acima de

nós e ligeiramente à nossa esquerda, estava um grupo flutuante de criaturas gloriosas e belas, brilhando com beleza espiritual. Parámos e fixámos o olhar enquanto passavam por cima de nós. Eram seis, jovens mulheres belas, vestidas com túnicas brancas esvoaçantes e envolvidas numa conversa séria. Se tinham consciência da nossa existência, não deram qualquer sinal disso. Os seus rostos eram perfeitamente nítidos para nós, e uma mulher, ligeiramente mais velha do que as restantes, era especialmente bela. O seu cabelo escuro estava puxado para trás e, embora eu não possa dizer que estivesse preso na nuca, parecia estar.

Ela falava intensamente com um espírito mais jovem, de costas para nós, que erguia o olhar para o rosto da mulher que falava. Nem Marion nem eu conseguimos compreender as suas palavras, embora as suas vozes fossem claramente audíveis. Pareciam flutuar, passando por nós, e os seus movimentos graciosos pareciam naturais — tão suaves e pacíficos como a própria manhã. Ao passarem, a conversa foi ficando mais ténue até se extinguir por completo, e nós ficámos paralisados. Olhámos um para o outro, cada um a perguntar-se se o outro também tinha visto. 'Vem', disse eu, e conduzi-a até uma bétula caída. Sentámo-nos e eu disse: 'Agora, Marion, o que viste? Diz-me exatamente, em detalhe preciso. E diz-me o que ouviste.'"

Ela compreendeu a minha intenção — testar os meus próprios olhos e ouvidos; ver se eu tinha sido vítima de alucinações. A resposta dela foi idêntica em todos os aspetos ao que os meus próprios sentidos me tinham relatado. "Por aqueles breves segundos", disse ela calmamente, "o véu entre o nosso mundo e o mundo dos espíritos foi levantado."

O professor de psicologia Elmer T. Gates, escrevendo em 1920, estava convencido — tal como o Dr. Richard Maurice Bucke — de que a consciência cósmica, ou imortalidade, podia ser alcançada enquanto o indivíduo ainda está no plano terrestre e no seu corpo físico:

"Há no universo aquilo que conseguiu; que produziu mundos e os povoou com vida em evolução; no próprio facto de a evolução ter ocorrido, vê-se o triunfo do bem sobre o mal, a vitória do conhecimento sobre a ignorância. Aquilo que conseguiu é Mente, ou consciência; (…)

tu e eu herdámos essa natureza e somos possuídos pelo espírito, significado e promessa do maior mistério da existência — a consciência. Por meio da Mente, todas as possibilidades se nos abrem; e quando estudamos a sua natureza, estamos a estudar a natureza da mente suprema e estamos diretamente conscientes daquilo que tem governado eternamente no cosmos. Quaisquer problemas que o futuro resolva, serão resolvidos pela consciência, quer esses problemas se relacionem com o mundo objetivo quer com o subjetivo."

No plano terrestre, diz Gates, a aproximação mais próxima do homem à consciência cósmica é através da intuição. Cita Henri Bergson: "Através da intuição é possível descobrir o significado da vida, a própria natureza da existência." A consciência cósmica deve ter uma natureza mais fundamental do que a nossa experiência individual limitada, raciocina Gates, e é dessa consciência cósmica que irrompem para a nossa consciência individual as perceções e intuições que iluminam o nosso entendimento. A "posse inestimável" ao alcance de todos é a possibilidade de realizar a imortalidade através da própria consciência interior.

O lugar do sexo no além tem sido frequentemente objeto de perguntas por parte de pessoas do lado da Terra quando, em comunicação de sessão, falam com aqueles que já passaram. As respostas, embora dadas com grande variedade de formulações, têm uma certa consistência. Jesus respondeu que as pessoas não são dadas nem tomadas em casamento, mas são "como anjos". "Betty" relatou que a Terra, e não o mundo além, era "o lugar do nascimento". Raymond Lodge disse: "Aqui não nascem crianças." Ainda assim, a essência da sexualidade de algum modo continua, ao que parece. Um relato vivo da sua expressão nesse mundo mais longínquo foi dado através da escrita automática de uma médium conhecida como Jennifer, ao autor Basil King, que o transmitiu nestes termos:

"Os sexos continuam, sendo o sexo parte da individualidade. Aproximam-se um do outro em simpatia, mas tornam-se mais diversos nos dons. São duas forças separadas de Deus. Chocam radiantemente, produzindo energia e amor. Os elementos contrastantes e

harmonizantes são como pederneira e aço, e a chama do seu contacto espiritual é paixão divina — a força criativa de que não nascem crianças, mas poder."

"Se os investigadores psíquicos são tão extremamente exigentes, que tipo de material consideram eles como aquilo a que chamam 'evidencial' — isto é, como prova clara de que a comunicação foi de facto de uma pessoa que outrora viveu nesta Terra e morreu, e nada mais?"

Nos meus outros dois livros, *Nothing So Strange* e *Unknown but Known*, reuni alguns casos da minha própria mediunidade que passaram os testes mais rigorosos. Por agora, uma vez que este livro trata de outra coisa e qualquer discussão de material evidencial é uma digressão, deixarei passar o ponto citando apenas um caso que a maioria dos investigadores psíquicos concorda ser impecável e sem brecha.

Em 19 de Março de 1917, a Sra. Hugh Talbot, viúva, teve uma sessão com a Sra. Gladys Leonard e o seu "controlo", "Feda". Estavam presentes testemunhas. Este é o relato da Sra. Talbot sobre a sessão:

"Feda deu uma descrição muito correta da aparência pessoal do meu marido e, daí em diante, pareceu que era só ele a falar, e seguiu-se uma conversa das mais extraordinárias. Evidentemente, ele tentava por todos os meios ao seu alcance provar-me a sua identidade e mostrar-me que era realmente ele. À medida que o tempo passava, fui forçada a acreditar que de facto assim era. Tudo o que ele disse, ou antes, Feda por ele, era claro e lúcido.

Foram falados incidentes do passado, conhecidos apenas por ele e por mim; objetos triviais em si mesmos, mas que para ele tinham um interesse pessoal particular de que eu tinha consciência, foram descritos minuciosamente e com exatidão, e perguntaram-me se eu ainda os tinha. Também me perguntaram repetidamente se eu acreditava que era ele quem falava. Garantiram-me que a morte não era, na verdade, morte nenhuma, que a vida continuava não muito diferente desta vida e que ele não se sentia mudado de todo. (…)

De repente, Feda começou uma descrição enfadonha de um livro. Disse que era de couro e escuro, e tentou mostrar-me o tamanho. (…) 'Não é exatamente um livro, não é impresso, Feda não lhe chamaria um livro, tem escrita.' Demorei muito tempo a conseguir ligar esta descrição a qualquer coisa, mas por fim lembrei-me de um caderno de notas de couro vermelho do meu marido, que penso que ele chamava um livro de bordo. (…) Eu disse: 'É um livro vermelho?' Neste ponto houve hesitação. Achavam que possivelmente era, embora ele pensasse que era mais escuro. Então Feda disse: 'Ele não tem a certeza se é a página 12, pode ser 13, é tão comprido, mas ele quer muito que vás ver e tentes encontrar. Interessar-lhe-ia saber se este excerto está lá.'

Eu respondi a tudo isto um tanto sem convicção; havia tanto e soava sem propósito. Eu lembrava-me bem do livro, tendo-o folheado muitas vezes a pensar se valeria a pena guardá-lo. Para além de coisas relacionadas com navios e com o trabalho do meu marido, havia, lembrava-me, algumas notas e versos. Mas a razão principal por que eu queria mudar de assunto era ter a certeza de que o livro não apareceria.

Ou eu o tinha deitado fora, ou ele tinha ido com muitas outras coisas para um arrecadação de bagagens no bloco de apartamentos do lado oposto, onde dificilmente seria possível chegar-lhe. (…) Feda tornou-se cada vez mais insistente: 'Ele não tem a certeza da cor, ele não sabe. Há dois livros, reconhecerás o que ele quer pelo diagrama de línguas no início. (…) Vais ver a página 12 ou 13? Se estiver lá, interessar-lhe-á tanto depois desta conversa. Ele quer muito que o faças, quer que prometas.'

Depois do jantar, nessa mesma noite, a minha sobrinha, que tinha prestado mais atenção a tudo isto do que eu ou a minha irmã, pediu-me que procurasse o livro de imediato. (…) Fui à estante e, após algum tempo, mesmo no fundo da prateleira de cima, encontrei um ou dois cadernos antigos do meu marido que nunca tinha sentido vontade de abrir. Um, de couro preto gasto, correspondia em tamanho à descrição dada e eu abri-o distraidamente, perguntando-me se aquele que eu procurava tinha sido destruído ou apenas enviado para algum lado. Para

meu total espanto, os meus olhos caíram nas palavras: 'Tabela de Línguas Semíticas ou Sírio-Árabes!' Este era o 'diagrama de línguas!'"

A Sra. Talbot abriu então na página 13 do caderno e lá estava, copiado pela mão do seu marido, o seguinte excerto de um livro chamado *Post Mortem*, escrito por um autor anónimo e publicado pela Blackwood:

"Descobri, por certos sussurros que se supunha que eu não era capaz de ouvir e por certos olhares de curiosidade ou compaixão que se supunha que eu não era capaz de ver, que eu estava perto da morte… em breve a minha mente começou a deter-se não só na felicidade que havia de vir, mas na felicidade que eu estava efetivamente a desfrutar. Vi formas há muito esquecidas, companheiros de brincadeiras, colegas de escola, companheiros da minha juventude e da minha velhice, que todos, sem exceção, me sorriam.

Não sorriam com compaixão, de que eu já não sentia precisar, mas com aquela espécie de bondade que é trocada por pessoas igualmente felizes. Vi a minha mãe, o meu pai e as minhas irmãs, a todos os quais eu sobrevivera. Não falavam e, no entanto, comunicavam-me o seu afeto inalterado e inalterável. Por volta do tempo em que apareceram, fiz um esforço para tomar consciência da minha situação corporal… isto é, procurei ligar a minha alma ao corpo que jazia na cama da minha casa… o esforço falhou. Eu estava morto…"

VIII
Reflexões sobre a Minha Própria Mediunidade; Yogananda; Uma Palavra Especial aos Recentemente Enlutados

DURANTE UMA das oito sessões que conduzi em que Ruth ("Joan") Finley falou através de Fletcher a partir do outro mundo, ela fez a seguinte afirmação: "Ford é o seu próprio mestre de cerimónias. Ele está aqui connosco, no que vocês chamam o nosso plano. (…) Por vezes Ford está tão interessado no que aqui se diz que vai com os seus companheiros deste lado e deixa outra pessoa a guarnecer a estação. Há outras personalidades desencarnadas que têm aproximadamente o

seu padrão de energia e podem, se lhes for permitido, alimentar impressões a Fletcher."

Ao ouvir isto, um dos meus consulentes quis saber se eu conseguia lembrar-me de alguma coisa dessas excursões ao outro lado, como Ruth Finley conseguia durante as suas experiências mediúnicas enquanto estava no plano terrestre. Tive de responder que não. Quaisquer viagens que eu possa ter feito nesses reinos estão completamente vedadas à minha recordação consciente. Um transe, para mim, era um sono sem sonhos.

Isto não quer dizer que eu não tenha tido experiências "do outro lado". Uma das experiências mais vívidas de toda a minha vida foi, de facto, uma viagem desse tipo aos reinos superiores. Há alguns anos tive uma experiência que para sempre retirou esta questão da sobrevivência do domínio da fé e a trouxe nitidamente para o plano do realismo, pelo menos no que me diz respeito. Embora já tenha contado esta história antes, ela incide de forma tão específica no nosso contexto presente que tenho de a contar de novo.

Eu estava gravemente doente. Os médicos disseram que eu não podia viver, mas, como bons médicos que eram, continuaram a fazer o que podiam. Eu estava num hospital e os meus amigos tinham sido informados de que eu não sobreviveria à noite. Como que à distância, sem qualquer sentimento exceto uma curiosidade ligeira, ouvi um médico dizer a uma enfermeira: "Dê-lhe a injeção; mais vale que esteja confortável." Isto, pareceu-me sentir, era "o fim", mas eu não estava com medo. Eu apenas me perguntava quanto tempo levaria a morrer.

A seguir, eu flutuava no ar por cima da minha cama. Podia ver o meu corpo, mas não tinha interesse nele. Havia uma sensação de paz, um sentimento de que estava tudo bem. Depois caí num vazio intemporal. Quando recuperei a consciência, encontrei-me a flutuar pelo espaço, sem esforço, sem qualquer sensação de possuir um corpo como eu conhecera o meu corpo. E, no entanto, eu era eu mesmo.

Então surgiu um vale verde com montanhas em toda a volta, iluminado por toda a parte por um brilho de luz e cor impossível de

descrever. Pessoas vinham ao meu encontro de todos os lados, pessoas que eu tinha conhecido e pensado como "mortas". Eu conhecia-as a todas. Muitas eu não tinha pensado nelas há anos, mas parecia que toda a gente de quem eu alguma vez cuidara estava ali para me receber. O reconhecimento era mais pela personalidade do que por atributos físicos. Tinham mudado de idade. Alguns que tinham partido em idade avançada estavam agora jovens, e alguns que tinham partido ainda crianças tinham agora amadurecido.

Muitas vezes vivi a experiência de viajar para um país estrangeiro, ser recebido por amigos e apresentado aos costumes locais e levado a lugares de interesse que qualquer visitante gostaria de ver. Era assim agora. Nunca fui recebido com tamanha nobreza. Mostraram-me tudo aquilo que pareciam achar que eu devia ver. A minha memória desses lugares é tão clara como a minha impressão dos países que visitei nesta vida: a beleza de um nascer do sol visto de um pico nos Alpes Suíços, a Gruta Azul de Capri, as estradas quentes e poeirentas da Índia não estão mais fortemente gravadas na minha memória do que o mundo espiritual em que me soube. O tempo nunca me esbateu essa memória. É tão vívida e real como qualquer coisa que eu alguma vez tenha conhecido.

Houve uma surpresa: algumas pessoas que eu esperaria ver ali não estavam presentes. Perguntei por elas. No instante em que perguntei, pareceu cair sobre os meus olhos uma película fina e transparente. A luz tornou-se mais fraca e as cores perderam o brilho. Já não conseguia ver aqueles com quem estivera a falar, mas, através de uma névoa, vi aqueles por quem eu tinha perguntado. Também eles eram reais, mas, ao olhar para eles, senti o meu próprio corpo tornar-se pesado; pensamentos terrenos apinharam-se na minha mente. Era evidente para mim que me estavam a mostrar uma esfera inferior.

Chamei por eles; pareceram ouvir-me, mas eu não conseguia ouvir resposta. Depois, acabou. Um ser suave, que parecia um símbolo de juventude eterna mas irradiava poder e sabedoria, estava ao meu lado. "Não te preocupes com eles", disse. "Podem vir aqui sempre que quiserem, se o desejarem mais do que qualquer outra coisa."

Aqui, toda a gente estava ocupada. Estavam continuamente atarefados com recados misteriosos e pareciam muito felizes. Várias das pessoas a quem eu estivera ligado por laços estreitos no passado não pareciam muito interessadas em mim. Outras, que eu conhecera apenas de raspão, tornaram-se minhas companheiras. Compreendi que isto era corre

to e natural. A lei da afinidade determinava as nossas relações aqui.

A certa altura — eu não tinha qualquer noção do tempo — encontrei-me diante de um edifício branco deslumbrante. Ao entrar, disseram-me para esperar numa enorme antecâmara. Disseram que eu ficaria ali até que algum tipo de decisão fosse tomada sobre o meu caso. Através de portas largas eu conseguia vislumbrar duas mesas compridas com pessoas sentadas, a falar — sobre mim. Culpado, comecei um inventário da minha vida. Não era um retrato bonito. As pessoas às mesas compridas também reviam o registo, mas as coisas que me preocupavam não pareciam interessar-lhes muito.

Os pecados convencionais de que eu fora avisado em criança quase não foram mencionados. Mas havia uma preocupação sóbria com coisas como egoísmo, egocentrismo, estupidez. A palavra "dissipação" surgia repetidamente — não no sentido habitual de intemperança, mas como desperdício de energias, dons e oportunidades. Do outro lado da balança estavam algumas coisas simples e bondosas, como todos fazemos de vez em quando sem lhes dar grande importância. Os "juízes" procuravam perceber a tendência principal da minha vida. Referiram eu ter falhado em concluir "aquilo que sabia que tinha de terminar".

Parecia haver um propósito para mim, e eu não o tinha cumprido. Havia um plano para a minha vida, e eu lera mal o desenho. "Vão mandar-me de volta", pensei, e eu não gostei. Nunca cheguei a descobrir quem eram aquelas pessoas. Repetiam muitas vezes a palavra "registo"; talvez o Registo Akáshico das antigas escolas de mistério — a grande banda sonora espiritual universal onde todos os acontecimentos ficam gravados.

Quando me disseram que eu tinha de regressar ao meu corpo, lutei contra a ideia de voltar a entrar naquela carcaça derrotada e doente que eu deixara para trás num hospital de Coral Gables. Eu estava diante de uma porta. Sabia que, se a atravessasse, estaria de volta ao sítio onde tinha estado. Decidi que não iria. Como uma criança mimada em birra, encostei os pés à parede e resisti. Houve uma súbita sensação de ser arremessado através do espaço. Abri os olhos e olhei para o rosto de uma enfermeira. Eu estivera em coma durante mais de duas semanas.

Ocorreram-me várias coisas como factores que têm inibido a nossa capacidade de apreender as realidades do corpo beta e do universo expandido que lhe está disponível. Talvez a mais formidável seja a ideia errada de que os nossos cinco sentidos — visão, audição, paladar, olfato e tato — são os únicos meios de conhecimento de que dispomos. É óbvio, se parássemos para pensar, que temos muitos mais sentidos do que esses. Ninguém jamais viu uma pessoa. Nós vemos o corpo físico da pessoa e alguns dos efeitos cinéticos que ele produz, mas a própria pessoa é invisível. A nossa consciência reside já, neste momento, no mesmo corpo beta que habitará nas suas viagens posteriores. Conhecemos as pessoas não pelos cinco sentidos grosseiros, mas por perceções mais subtis dos corpos beta.

Neste sentido, falando do ponto de vista do mundo do dia-a-dia, já somos invisíveis e não deveríamos surpreender-nos se as realidades de uma vida profundamente vivida não estiverem disponíveis aos nossos olhos e ouvidos exteriores. O corpo beta pode ser preparado para a sua viagem ulterior a partir daqui e de agora. O carácter desenvolve-se não no ato de morrer, mas no ato de viver. A iluminação espiritual não se alcança num único passo, tal como não se alcançam num único passo a perfeição física ou a realização intelectual. Não se convence outra pessoa da verdade da imortalidade por argumentos intelectuais ou por prova externa. Ela tem de ser conhecida por essa perceção interior que é parte de toda a psique humana. É essa perceção que, como Wordsworth o colocou, chega como

"Um sentido sublime
De algo muito mais profundamente
interpenetrado (…)
Um movimento e um espírito, que impele
Todas as coisas pensantes, todos os objetos de todo o pensamento,
E rola através de todas as coisas."

De todas as pessoas que alguma vez conheci, o santo e, ao mesmo tempo, urbano Paramahansa Yogananda possuía este sentido no grau mais elevado. Ao conhecer pela primeira vez este homem extraordinário, reconheci de imediato que estava na presença de grande estatura espiritual. Yogananda não era um mero teorizador e pregador de doutrina; por meio de cura, de clarividência, de profecia e de muitas outras formas, conseguia demonstrar as verdades que ensinava. Infelizmente, não posso dizer que alguma vez tenha sido discípulo deste distinto guru.

Quando o conheci pela primeira vez, ainda jovem, não estava de modo algum disposto a empreender as disciplinas exigidas para tal transformação de carácter. Ele não me levou isso a mal; como bom professor, foi sempre paciente comigo. Não se impressionava com as minhas capacidades psíquicas, que encarava como meros efeitos laterais; colocava calmamente diante dos seus alunos uma visão constante dos significados mais elevados e últimos da criação.

Foi em grande medida pela influência de Yogananda que acabei por ir à Índia e por ter uma breve exposição aos métodos de condicionamento espiritual dos swamis. O swami comum não me impressionou muito. Contudo, aqui e ali, eu via desenvolver-se verdadeira grandeza espiritual. Mas decidi que não era para mim, pelo menos naquela altura. Estava demasiado intoxicado pelos prazeres da autoindulgência física, sem falar de outros intoxicantes mais diretos. Se era necessário todo esse esforço para alcançar uma transformação profunda do carácter, decidi, levianamente, que teria de ir aos tombos pela vida com o carácter que tivesse. Mas a minha admiração por Yogananda nunca diminuiu. Ele tem sido uma das grandes luzes espirituais da minha vida. Tê-lo conhecido, ter visto as suas

demonstrações e ter absorvido os seus ensinamentos — mesmo quando me vi incapaz de os seguir — tem sido uma inspiração constante.

Para Yogananda, o domínio da consciência pura sobre todas as formas de energias materiais, a unidade da consciência criativa divina com o eu essencial do indivíduo humano, eram mais do que meros conceitos doutrinários. Eram realidades vivas. As transações constantes e conscientes com essas forças ao longo de uma longa vida deram a Yogananda experiências que, ao homem médio "prático", que pouco sabe dessas forças e do seu controlo, parecem inacreditáveis. E, no entanto, foram tantas vezes demonstradas e dadas ao mundo com tamanha doçura e modéstia que ninguém que o conhecesse podia facilmente pôr de lado as suas perceções dos vários níveis de consciência.

As visões de Yogananda levavam-no à consciência cósmica, e alguns dos seus ensinamentos mais penetrantes sobre a vida para além da morte vinham desse nível de perceção. "A tragédia da morte é irreal; os que estremecem diante dela são como atores ignorantes que morrem de susto em palco quando não foi disparado mais do que um cartucho de salva." Uma vez, em meditação, o seu corpo beta tornou-se-lhe plenamente manifesto na consciência terrena. "Os valores de alguém mudam profundamente quando ele se convence finalmente de que a criação é um vasto filme; e que não nele, mas para além dele, reside a sua própria realidade. Sentei-me na cama, em postura de lótus.

O meu quarto estava tenuemente iluminado por dois candeeiros com abat-jours. Erguendo o olhar, reparei que o teto estava salpicado de pequenas luzes cor de mostarda, cintilantes e a tremer com um fulgor semelhante ao do rádio. Miríades de raios traçados a lápis, como lençóis de chuva, reuniram-se num eixo transparente e derramaram-se silenciosamente sobre mim. De imediato o meu corpo físico perdeu a sua grossura e metamorfoseou-se em textura astral. Senti uma sensação de flutuação; mal tocando a cama, o corpo sem peso deslocou-se ligeiramente e alternadamente para a esquerda e para a direita."

Yogananda gostava de contar a história de Tales de Mileto, o sábio grego que viveu seis séculos antes de Cristo. Tales ensinava que não havia diferença entre vida e morte. "Porque é que, então", perguntou um crítico, "não morres?" "Porque", respondeu Tales, "não faz diferença."

Yogananda, sempre uma pessoa intensamente humana, sabia perfeitamente que, em termos de emoções humanas, faz diferença. Ele próprio ficou esmagado pela dor quando perdeu — para a própria "morte" que sabia ser ilusória — uma das pessoas que amava. Quando o seu guru, Sri Yukteswar, morreu, ele teve conhecimento instantâneo da passagem. Experiências de momento-da-morte — uma consciência viva do falecimento de alguém que está à distância — estão entre os fenómenos psíquicos mais bem documentados, e, por isso, não era de modo algum invulgar.

Yogananda estava num comboio quando o seu velho mestre morreu numa cidade distante. "Houve uma súbita nuvem astral negra; depois uma visão de Sri Yukteswar apareceu diante de mim. Estava sentado, de semblante muito grave, com uma luz de cada lado. 'Acabou tudo?' Levantei os braços suplicante. Ele acenou que sim e depois, lentamente, desapareceu." Yogananda viria a saber mais tarde que Sri Yukteswar morrera no exato momento da visão. Tinha previsto a hora da própria morte, entrado em meditação à medida que se aproximava e deixado gravada no rosto físico uma expressão de alegria.

Yogananda, hindu, não punha em causa a ressurreição de Jesus, mas punha em causa a sua singularidade. Se o eu real é uma estrutura mental-espiritual de consciência pura e se essa consciência pode controlar, à sua vontade, formas inferiores de energia como a substância física, então, para Yogananda, nada havia de notável em tal consciência escolher reconstituir estruturas moleculares em qualquer ocasião em que desejasse aparecer à visão quotidiana de amigos ainda no plano terrestre. Assim, Sri Yukteswar apareceu a Yogananda exatamente como Jesus apareceu aos seus discípulos.

O acontecimento era conhecido também de outros gurus distintos da Índia no século XX. Um swami contou a Yogananda o seguinte: "Aqui

em Calcutá, às dez horas da manhã do dia que se seguiu à sua cremação, Lahiri Mahasaya apareceu diante de mim em glória viva." De outro discípulo do mesmo guru: "Alguns dias antes de Lahiri Mahasaya deixar o seu corpo, recebi dele uma carta pedindo-me que fosse a Benares. Não pude partir de imediato. No exato momento em que me preparava para partir, por volta das dez horas da manhã, fui tomado por uma alegria avassaladora ao ver no meu quarto a figura brilhante do meu guru. 'Para que a pressa para Benares?' disse Lahiri Mahasaya, sorrindo. 'Já não me encontrarás lá.' À medida que o sentido das suas palavras se impunha, gritei, de coração partido, acreditando que o via apenas numa visão. 'Aqui, toca na minha carne', disse ele. 'Estou vivo, como sempre.'"

Yogananda teve uma experiência semelhante após a morte do seu próprio guru, Sri Yukteswar. O grande mestre apareceu no quarto de Yogananda no Regent Hotel, em Bombaim, às três horas da tarde de 19 de Junho de 1936 — mais de três meses depois da sua suposta morte. Espontaneamente, o emocional Yogananda correu para abraçar o seu velho mestre e encontrou os braços em torno de um corpo substancial. Yogananda exclamou sobre isto, e Sri Yukteswar explicou: "Sim, este é um corpo de carne e osso. À tua vista é físico. A partir dos átomos cósmicos criei um corpo inteiramente novo, exatamente como aquele corpo físico que foi enterrado."

Sri Yukteswar falou dos mundos para além da morte: "Os seres com *karma* terrestre por resgatar não têm permissão, após a morte astral, para ir para a alta esfera causal das ideias cósmicas. Têm de ir e vir entre o mundo físico e o astral, conscientes sucessivamente do seu corpo físico e do seu corpo astral…" Havia muitos paralelos com os planos de consciência de Myers: "Habitantes de longa data do belo universo astral, libertos para sempre de todos os anseios materiais, não precisam de regressar às vibrações grosseiras da Terra.

Esses seres têm apenas *karma* astral e causal para resolver. Em profundidade astral, esses seres passam ao mundo causal, infinitamente mais fino e delicado. Despojando a forma-pensamento do corpo causal no fim de um certo período, determinado pela lei cósmica,

esses seres avançados renascem de novo num novo corpo astral." Depois de uma conversa de duas horas, Sri Yukteswar disse: "Deixo-te agora, amado!" e dissolveu-se.

O mesmo guru apareceu a uma velha que vivia perto do seu eremitério. Quase duas semanas após a sua morte, ela chegou ao *ashram* e pediu para ver o seu guru. Ao ser informada de que ele estava morto, respondeu, incrédula: "Impossível! Esta manhã, às dez horas, ele passou na sua caminhada habitual diante da minha porta. Falei com ele durante vários minutos, ao ar livre e com luz forte." A observação aguçada e a honestidade rigorosa de Yogananda não deixaram de registar que, mesmo numa alma tão grande como Sri Yukteswar, um mestre muito humano de seres humanos muito humanos, existia o mesmo medo da morte, a mesma relutância animal em abandonar uma morada corporal habitual, que acompanha todos nós.

Quando, perto do seu octogésimo primeiro aniversário, Sri Yukteswar anunciou que iria morrer em breve, ficou, embora por pouco tempo, visivelmente perturbado. "Por um momento", disse Yogananda, "tremeu como uma criança assustada." Yogananda recordou então as palavras de outro grande guru: "O apego à morada corporal, surgindo por sua própria natureza, está presente em grau ligeiro mesmo em grandes santos." Sri Yukteswar dissera o mesmo nestas palavras: "Um pássaro que esteve muito tempo na gaiola hesita em deixar a sua casa acostumada quando a porta é aberta." Sri Yukteswar recuperou rapidamente a sua compostura e permaneceu em paz bem-aventurada ao longo da sua passagem.

Durante a reaparição pós-morte no quarto de hotel, o grande Mestre transmitiu estas garantias:

"A morte involuntária, a doença e a velhice são a maldição da Terra, onde o homem permitiu que a sua consciência se identificasse quase totalmente com um corpo físico frágil, que precisa de ajuda constante do ar, do alimento e do sono para existir. O mundo astral está livre destes três terrores." Depois falou do que Betty White tinha referido como o Universo Desimpedido: "Por rápida desmaterialização,

agora viajo instantaneamente por expresso de luz (…) em que morri eu?"

Depois de uma experiência deste tipo — uma das incontáveis experiências à beira da morte, conhecidas em todas as gerações e com uma semelhança impressionante de conteúdo e estrutura — regressa-se aos relatos do além vindos de outras fontes com uma nova convicção. Tendo eu sido criado e formado na tradição cristã, penso naturalmente primeiro nas palavras de Jesus. "Estarás comigo… Eu vou preparar-vos um lugar… Vós em mim, eu no meu Pai… Na casa de meu Pai há muitas moradas… Não me toques, ainda não subi… Entre eles há um grande abismo fixo."

Nessas e noutras frases semelhantes encontro toda a estrutura do além tal como a conheci durante aqueles dias em que estive fora do meu corpo: o corpo astral, a continuação do outro lado com memória e reconhecimento, os vários níveis de consciência e desenvolvimento, o tratamento bondoso e prestável dos recém-chegados ao outro lado, o progresso em direção à compreensão e cooperação com o princípio criador, o universo, Deus.

Ao rever o registo da experiência do homem com o "outro lado" desde o início da sua existência registada na Terra, impressiona-me a consistência de todos os relatos quanto à experiência geral do além e à estrutura global do outro mundo. É certo que cada geração que relata usa a sua própria imagética, idioma e símbolos, e cada grupo nacional ou racial usa as suas próprias formas culturais de expressão. Mas aquilo de essencial de que falam permanece, no fundamental, o mesmo.

Onde Jesus diz "muitas moradas", o *Livro Tibetano dos Mortos* diz "O Reino Ocidental Chamado Feliz", "O Reino Meridional Dotado de Glória", "O Reino Oriental Chamado Eminentemente Feliz", "O Reino Central dos Densamente Aglomerados" e "A Luz Clara Primária". Myers menciona "Os Sete Estádios"; Betty, "Aqueles mais para fora, além"; Raymond, "Aqueles que estão aqui há mais tempo e sabem mais". É impossível ler estes relatos na primeira pessoa e não formar a convicção de que todos estão a falar das mesmas energias e estruturas psíquicas. Essas formas, estou muito seguro, constituem a própria natureza,

plano, propósito e cumprimento final da vida para além da morte — uma experiência sempre mais vasta de entendimento, brilho, poder espiritual, realização e alegria.

As mentes mais elevadas, os corações mais generosos, as inteligências mais penetrantes, as almas mais nobres da história registada afirmaram a continuação da vida humana e traçaram o caminho. Deverei eu, então, deixar-me afastar pela crítica azeda e mesquinha de mentes menores e almas mais pequenas? Há quase meio século que o meu trabalho tem estado à disposição de cientistas, e conheci pessoalmente um bom número deles. Nunca foram os grandes que negaram a continuação da vida.

Aliás, duvido que o ladrar de cientistas de escalões inferiores seja tão responsável pela incapacidade dominante de acreditar no que foi claramente demonstrado sobre a sobrevivência quanto o sejam os religionistas de escalões inferiores. Durante demasiados séculos, demasiados fanáticos de mente curta e alma amarga, e ambiciosos sedentos de poder, procuraram dominar os seus rebanhos através de ameaças de inferno. As alegrias, liberdades e oportunidades do universo desimpedido do além quase se perderam de vista.

O medo não atrai; repele. A pregação do medo do inferno é, creio, tão responsável pela nossa incredulidade dominante como qualquer outra coisa. Quem quer acreditar num além se ele for algo desagradável?

Até onde os pregadores do fogo do inferno, tanto protestantes como católicos, conseguem ir é quase inacreditável. Num folheto que apanhei numa igreja católica romana não há muito tempo, encontrei estas palavras: "Menino pequeno, se fores para o inferno, haverá um demónio ao teu lado para te bater. Ele continuará a bater-te a cada minuto, para todo o sempre, sem parar. A primeira pancada fará o teu corpo ficar tão mau como o corpo de Job, coberto da cabeça aos pés de feridas e úlceras. A segunda pancada fará o teu corpo duas vezes pior do que o corpo de Job. A terceira pancada fará o teu corpo três vezes pior do que o corpo de Job. Como estará então o teu corpo, depois de o demónio o ter estado a bater a cada momento, durante cem milhões de

anos, sem parar? Vai amanhã ao fim da tarde, às sete horas, e pergunta o que a criança está a fazer. Os demónios voltarão e dirão: 'A criança está a arder.' Vai daqui a um milhão de anos e faz a mesma pergunta. A resposta é exatamente a mesma: 'está a arder.' Assim, se fores para sempre e sempre, obterás sempre a mesma resposta: 'está a arder no fogo.'"

O protestantismo consegue facilmente igualar isto, exagero por exagero. Isto, retirado de um livro de sermões protestantes:

"Quando morreres, a tua alma será atormentada sozinha. Isso será um inferno para ela. Mas no dia do juízo o teu corpo juntar-se-á à tua alma, e então terás infernos gémeos; a tua alma a suar gotas de sangue e o teu corpo inundado de agonia. No fogo, exatamente como o que temos na Terra, o teu corpo arderá para sempre sem se consumir, todas as tuas veias estradas para os pés da dor caminharem, cada nervo uma corda em que o demónio pode tocar para sempre a sua melodia diabólica do lamento inexprimível do inferno."

Poderão pessoas expostas regularmente a este tipo de coisa — projeções sádicas e megalómanas das frustrações e ressentimentos de uma mente doente — olhar para o além com outra coisa que não seja pavor?

Felizmente, uma parte razoável dos frequentadores de igreja não foi exposta a este tipo de psicopatologia. Se têm apenas noções sombrias e temerosas sobre o além, tem de haver alguma outra razão. Essa razão encontra-se facilmente, creio, no padrão das vidas que levamos — por vezes parece que quase somos forçados a levar. A rotina diária de ganhar a vida, manter as aparências e fazer as tarefas necessárias deixa pouca energia para o tipo de esforço espiritual que resultaria numa segurança constante de uma vida sem fim, que prossegue para um glorioso infinito.

Mesmo uma criança a quem sejam dadas instruções bondosas e inspiradas sobre o além depressa repara que os pais prestam pouca atenção a tais instruções durante a semana — estão ocupados e preocupados com outras coisas. Só quando a morte se aproxima, só no

momento da morte, só no choque do luto e da perda, é que se impõe com força esmagadora que estas coisas importam.

Na Primeira Guerra Mundial, perdi um irmão. Chorei-o. Eu era um jovem nessa altura. Em anos posteriores perdi outros entes queridos e chorei-os. Parte do meu trabalho como ministro e parte do meu ministério como médium tem sido lidar com pessoas transtornadas pela dor. Não me é estranho o sofrimento.

O luto é uma coisa complexa. Não se lida com ele simplesmente assegurando à pessoa atingida que está tudo bem com o seu ente querido. Intelectualmente, ela pode até estar bem ciente desse facto. A crença numa nova oportunidade benevolente e luminosa na vida para além poderia ser uma das pedras angulares do carácter de alguém e, no entanto, essa pessoa poderia sentir um pesar aparentemente insuportável. É preciso separar os outros elementos da agonia do luto antes que o conhecimento claro da natureza reenergizante da nova vida possa fazer o seu trabalho curativo e restaurador.

A vida, tal como realmente a vivemos, é em grande medida uma questão de relações emocionais — puxões e repuxões, atrações e repulsões — entre seres humanos. Nesse sentido, cada uma das nossas vidas é feita das vidas dos outros. Quando uma vida é aparentemente retirada deste padrão do plano terrestre, todo o padrão estremece, e os que estavam mais próximos daquele que "graduou" são os mais profundamente afetados. Laços com a vida cósmica e espiritual e as suas perspetivas mais amplas podem aliviar esta dor, mas não a eliminam.

No plano terrestre, os nossos corpos espirituais estão em incubação, e os nossos corpos terrenos têm um poder enorme. Têm os seus hábitos, os seus apetites, as suas marcas, o seu longo condicionamento em modos familiares. Quando um destes circuitos de comportamento tem de ser drasticamente reordenado, o resultado é dor inevitável. Quando esta rutura é severa, pode agitar todo um ninho de sentimentos profundamente enterrados com que o enlutado é agora forçado a lidar. Estes sentimentos são tão comuns e tão disseminados — além de tão intensos — que foram, entre os assuntos, daqueles a

que Sigmund Freud dedicou a sua atenção pioneira. Para além da tristeza simples pela perda, Freud encontrou por vezes uma rede complicada de abatimento, perda de interesse na experiência real e sentimentos de estar a ser punido ou de esperar ser punido. Salientou que o facto de uma pessoa ter desaparecido fisicamente não significava que a sua marca — talvez aprofundada ao longo de anos — não continuasse viva na memória de quem fica.

A tensão entre ausência e presença emocional precisa de ser reconhecida. "O desfecho normal", escreveu Freud, "é que a deferência pela realidade acaba por vencer." As realidades, claro, são espirituais. Uma mente saudável, ajudada pela compreensão e solicitude de amigos, vai gradualmente encontrando que as impressões terrenas desvanecem à medida que a verdade da continuação sempre aberta da vida humana se impõe. Por vezes, diz Freud, é lento: "Cada uma das memórias e esperanças que prendiam a libido ao objeto é trazida à tona (…) e o desligamento (…) é realizado." Ainda que o processo possa ser demorado, é, com fé, seguro.

Um famoso estudo do luto agudo tal como foi vivido por sobreviventes do terrível incêndio do Cocoanut Grove, em Boston, por Erich Lindemann, foi publicado no *The American Journal of Psychiatry* em 1944. Lindemann, ao descobrir um padrão comum nas reações ao luto, confirmou as conclusões de Freud e foi um passo além. Não são apenas os vínculos de amor e afeto que afetam quem chora, mas também a servidão da hostilidade ou do ressentimento.

Em ambos os casos, os padrões antigos de vida envolvendo aquele que passou para além têm de ser revividos e reajustados, passo a passo. Gradualmente, faz-se o ajustamento, por vezes deixando o enlutado uma pessoa maior, mais profunda e mais fina do que era antes da perda. O melhor que amigos e conselheiros podem fazer numa altura destas é ajudar a criar uma atitude emocional amistosa e favorável para que os recursos interiores do próprio enlutado o restaurem.

Há, claro, reações individuais que não seguem o padrão comum. Uma pessoa pode tentar enterrar o sentido da perda numa explosão de atividade frenética. Ou pode fazer o contrário e, aparentemente, não

mostrar tristeza nenhuma — até a uma explosão posterior. Mas quando o enlutado está disposto a enfrentar toda a dor da perda, reconhecê-la pelo que é e recorrer à sua força de reserva para reorganizar a vida, recupera o gosto de viver. É em momentos destes que um conhecimento claro deste mundo como apenas o primeiro de uma sequência de mundos, cada um mais altamente e finamente energizado do que o anterior, pode fazer o seu trabalho transformador.

E depois, claro, há a questão de confrontar a realidade da própria morte que se aproxima. Aqui também tenho alguma experiência. A minha vida tem sido marcada por escapadelas por um triz — acidentes horrendos, crises agudas de doenças perigosas, crises provocadas pela minha própria loucura aditiva. Mas estas são meras fugas estreitas; uma vez passadas, tende-se a encolher os ombros.

Empreendi este livro com a convicção bastante segura de que será o meu último. Tive tantos ataques cardíacos, espalhados por tantos anos, que seria preciso ser anormalmente denso para não perceber que o derradeiro não pode estar longe. Gostava de ser um doente melhor. Gostava de não ter de ser tão rabugento e difícil quando estou doente. Eu, de facto, quase com raiva, detesto estar doente. Morrer? Morrer é outra coisa. Quase o fiz uma vez e achei que foi uma das grandes, memoráveis e extáticas experiências da minha vida. Não vejo razão para que a coisa verdadeira seja menos jubilosa do que o ensaio geral. Sei que grandes oportunidades nos aguardam para onde todos vamos.

Espero que, quando chegar a hora, eu tenha concluído aquela tarefa terrena para a qual creio que a minha vida na esfera terrestre foi moldada: usar quaisquer talentos especiais que me foram dados, sem mérito meu, para remover para sempre o medo da passagem pela morte das mentes terrenas e erguer um pouco o pano para um vislumbre da glória além.

O Impacto de Arthur Ford como Fenómeno:

Um Epílogo

ARTHUR FORD foi, e é, meu amigo. A nossa amizade baseia-se em simpatia mútua, interesse comum e respeito mútuo; nunca interferiu com o facto de cada um de nós fazer o seu próprio caminho. Durante os anos da nossa amizade no plano terrestre, Arthur foi o médium de transe mais famoso do mundo, e eu fui um observador profissional e relator de acontecimentos. A nossa amizade era tingida pelas nossas inclinações profissionais. Arthur interessava-se sempre pelo desenvolvimento psíquico e espiritual da minha vida. Eu não podia deixar de me interessar por Arthur, não só como amigo, mas como fenómeno. O seu dom, embora não único, era raro. O seu impacto na credulidade pública foi uma coisa extraordinária de observar e, penso eu, cheia de significado para o desenvolvimento futuro da nossa espécie.

Arthur Ford esteve sob observação da ciência — e de uma ciência extremamente sofisticada e avançada — durante mais tempo do que qualquer outro médium na história. O último médium americano da estatura de Ford, Daniel Dunglas Home, também esteve sob observação contínua durante quase quarenta anos. Os fenómenos que produziu foram extremamente bem atestados. São, contudo, demasiado remotos no tempo para terem muito peso na era do ceticismo materialista de que só agora estamos a sair.

Home atuou durante o terceiro quartel do século XIX. É fácil para o cético dizer — e ser acreditado por um público já predisposto ao ceticismo — que as técnicas de observação desses dias eram primitivas e que a prova, por isso, é questionável. Com Ford foi diferente. Ele foi submetido a todas as provas que uma ciência altamente desenvolvida da investigação psíquica conseguiu conceber e passou por todas. Como resultado, teve um enorme impacto no pensamento público.

Arthur, típico filho do seu tempo, tinha um respeito quase infantil pelos homens de ciência. Eu costumava gozar com ele por causa disso.

“Vais encontrar tantos cabeças-duras entre cientistas”, dizia-lhe eu, por muitos anos de convivência universitária, “como encontras entre outras classes de pessoas.” Ele abanava a cabeça e enumerava os cientistas que tinha conhecido — e ainda conhecia — que eram apoiantes sólidos e companheiros afáveis. Tinha um leque espantoso de relações. Entre elas havia vários cientistas e, desses, eu sabia, por os ter conhecido, que alguns eram homens altamente competentes e muito agradáveis.

Os melhores cientistas são homens que olham cuidadosamente para a prova que lhes chega — é isso que os torna os melhores. Como classe, porém, os cientistas são dos mais dececionantes. Tendem a ser estreitos, presos à especialidade, excessivamente orgulhosos do seu repertório limitado e desprezadores de tudo o que esteja fora do seu alcance. Este tipo de mente chegou ao dogma, e o dogma não vê necessidade de prova.

Estas mentes, mais do que as grandes, dão o tom geral da ciência do nosso tempo, e eu achei isso exasperante. Arthur, porém, nunca perdeu a paciência. Parecia ter fé de que, se continuasse a sufocá-los com prova, um dia aprenderiam. Muitas vezes foi tratado com rudeza, por vezes insultado abertamente, por homens com credenciais científicas. Ele perseverou, profundamente convencido de que a sua missão particular na vida era continuar a produzir prova cujo valor um dia seria reconhecido.

Na última década, houve uma mudança nítida no clima de estima pública pela ciência. Já notámos a observação filosófica de que todo o grande movimento cultural acaba por se tornar o seu oposto. Terá este ponto chegado agora na história da ciência? O Cristianismo, que começou com amor fraterno sacrificial e se tornou uma inquisição sádica, é frequentemente citado como exemplo. No tempo da Inquisição, o cientista Galileu foi um exemplo corajoso de pensamento progressivo claro e de abertura de espírito. Hoje, o dogma chegou à ciência, e muitos cientistas não sentem necessidade de estudar prova que tende a refutar o seu dogma estabelecido.

Isto conduziu a alguns erros catastróficos, e essas catástrofes não escaparam à atenção pública. Alguns dos nossos principais cientistas

deram repetidas garantias públicas de que a precipitação radioativa dos primeiros testes atómicos era perfeitamente inofensiva. O tempo produziu testemunho contrário; desenvolveram-se concentrações elevadas de radioatividade no leite proveniente de explorações leiteiras ao longo de todo o trajeto do arrastamento atmosférico desde os locais das explosões. O famoso "inquérito dos dentes de bebé" revelou concentrações invulgares de radioatividade nos dentes de bebés ao longo do caminho da deriva da precipitação.

O DDT foi apresentado pela ciência como a solução ideal para o problema das pragas de insetos: era miraculosamente eficaz e, dizia a "ciência", inofensivo para outras formas de vida. A destruição maciça e mundial causada por esse químico provou que estavam errados. Começaram a observar-se alianças pouco limpas entre a ciência e outros interesses. Desenvolvemos militares que exigem uma arma capaz de exterminar toda a raça humana, e nunca faltaram homens de ciência para os servir. Os cientistas discordam: um grupo afirma que uma quantidade de veneno genocida despejada no oceano não fará mal ao oceano; outro grupo nega-o. Com frequência, a ciência aliou-se a publicidade venal. A Grande Indústria descobriu que podia subornar a "ciência" para fazer ou dizer o que quer que exigisse, e o Grande Militarismo fez a mesma descoberta.

O resultado inevitável foi mais uma demonstração da lei histórica. Aquilo que começara como verdade de espírito aberto com Galileu tinha-se tornado, em lugares altos, arrogante, intolerante, dogmático.

Isto, claro, não pretende ser uma acusação abrangente. Alguns dos nossos cientistas naturais mais realizados estão ainda mais profundamente preocupados com o desvario da ciência do que nós, que agora vemos o juízo público ser pronunciado. O facto é que as pessoas já não confiam na ciência tão cegamente como confiavam há dez anos. Durante alguns anos bastava dizer "os cientistas descobriram" para se obter atenção imediata e respeitosa. Houve um tempo em que "as autoridades da igreja decidiram" comandava o mesmo acolhimento instantâneo e respeitoso. Ambos os grupos perderam agora o poder de impor tal credulidade automática e sem questionamento — e pela

mesma razão: as suas afirmações foram demasiado vezes consideradas falsas. A ciência já não é tomada como a palavra final. As pessoas que sempre disseram que a ciência moderna tinha tomado um rumo errado há anos começam a ser mais ouvidas. Isto é particularmente verdade no caso de quem insistiu que a metafísica é mais fundamental do que a física, que a estrutura primária do universo é consciente e mental, e não mecânica e física. Os ensinamentos dos Edgar Cayce e dos Arthur Ford estão a ser ouvidos com mais atenção.

Numerosos indícios mostram de onde sopra o vento. A astrologia é um campo com o qual Arthur nunca lidou muito, mas servirá como exemplo de uma área que tinha sido geralmente considerada irracional, ocultista e anticientífica. Não faz assim tantos anos que uma das nossas principais revistas nacionais publicou um artigo, citando autoridade científica, afirmando que a astrologia era uma "fraude gigantesca". Hoje a astrologia desfruta de um auge sem precedentes.

Não poderia haver melhor ilustração do progresso de um insight desde a verdade de espírito aberto até ao dogma de espírito fechado do que a história da astrologia. No início, a prática era bastante científica. Observou-se ao longo de milhares de anos que bebés nascidos na amenidade da primavera e do verão tinham maior probabilidade de sobrevivência do que bebés nascidos nos rigores hostis do outono e do inverno.

Como a chegada das estações variava com a latitude e a longitude, observadores perspicazes e ponderados concluíram, com toda a sensatez, que tanto o lugar do nascimento como a data tinham algo a ver com a maneira como alguém se dava na vida. Mesmo quando os bebés de outono ou inverno sobreviviam, as lutas dos primeiros meses de vida eram vistas como tendo deixado a sua marca duradoura.

Destas e de muitas observações semelhantes cresceu um sistema complexo de teoria do comportamento, parte do qual fazia bastante sentido.

Depois instalou-se a regra histórica aparentemente inevitável: o que tinha sido conhecimento tornou-se dogma; o dogma tornou-se

arrogante; a arrogância levou a erros e depois à perda do respeito geral. A mediunidade seguia um curso semelhante mais ou menos na mesma altura. Os profetas do Antigo Testamento atacam com vigor imparcial "feiticeiros [astrólogos] e médiuns". A sequência conhecimento–dogma–descrédito corre mais ou menos assim: mediunidade, astrologia, religião, filosofia, ciência. Cada uma, por sua vez, teve um começo promissor e desacreditou-se. Contudo, cada uma continha alguma verdade.

Qual será o próximo passo do homem na sua longa busca de compreensão do universo de que faz parte? Não poderá ser um regresso a uma espécie de investigação de espírito aberto que consiga distinguir entre dogma morto e verdade viva? Não poderá recuperar aqueles fragmentos de verdade do longo passado de que a humanidade tão desesperadamente precisa na sua crise de sobrevivência? E então não poderá acrescentar a esses tesouros quaisquer fragmentos de verdade que consigamos encontrar no nosso próprio tempo?

A ciência — o braço vivo e inquisitivo, não o ramo académico morto — deparou-se recentemente com prova de que a astrologia pode não ser a "fraude gigantesca" que tantos homens eruditos supunham que fosse. A principal afirmação da astrologia — a de que as vidas humanas são afetadas por forças extraterrestres — foi abundantemente justificada. Em 1947, E. R. Dewey e E. F. Dakin compilaram os factos sobre ciclos económicos a partir de centros de aprendizagem e investigação como Harvard, Princeton, Yale e Columbia. Demonstrara-se que variações na radiação solar correspondem a subidas e descidas na atividade económica.

Alterações nos níveis de ozono, na eletricidade atmosférica e na radiação ultravioleta, "devidas presumivelmente ao Sol mas talvez também ao sistema solar inteiro", influenciam o comportamento do homem. "As nossas ciências sociais têm tendido a esquecer, na bravata dos tempos modernos", escreveu o Professor E. Huntington de Yale em 1938, "um facto que para os antigos era bastante claro: o homem é um filho do Sol." Isto é-nos lembrado pelo simples ato de nos levantarmos, irmos para a cama e planearmos férias. Que somos também filhos da

Lua impõe-se-nos pelas marés, pelas vagas bem documentadas de perturbações mentais e crime em torno da lua cheia, e pelos ciclos menstruais.

Somos igualmente influenciados pelos planetas exteriores. Em 1951, J. H. Nelson, cientista ao serviço da Radio Corporation of America, publicou um artigo científico sobre a previsibilidade das tempestades magnéticas que causam estragos no tráfego radiofónico mundial. Essas tempestades, disse ele, estavam relacionadas com as posições dos planetas em torno do Sol. O sistema solar é como um grande gerador elétrico: "o Sol é a armadura, os planetas são os ímanes."

Aqui ele seguia a linha do grande "pai da astronomia moderna" do século XVII, Johannes Kepler. Quando os planetas estão distribuídos em ângulos de 90° ou 180°, concluiu Nelson, são prováveis tempestades magnéticas. Distribuições de 60° ou 120° significam meteorologia radioelétrica sem tempestade. Notavelmente, os ângulos de 90° e 180° ("quadratura" e "oposição") são desde a Antiguidade considerados pelos astrólogos como desfavoráveis, enquanto 60° e 120° ("sextil" e "trígono") são proclamados benéficos. A turbulência magnética não é o único tipo de tempestade em que ciência e astrologia se encontram. Kepler tinha elaborado um sistema completo de astrologia meteorológica.

Astrónomos posteriores inclinaram-se a desvalorizar isto como uma mera excentricidade de Kepler, mas descobertas recentes confirmaram o velho mestre. A primeira apresentação científica do século XX sobre astrologia meteorológica foi feita à American Meteorological Society em 1964 por George McCormack, um nome famoso entre astrólogos.

McCormack, que dirige o seu próprio bureau meteorológico e vende o seu serviço a empresas que precisam de previsões fiáveis (companhias aéreas, produtores de fruta, etc.), voltou a seguir Kepler ao afirmar que o tempo obedece a leis semelhantes às que governam tempestades magnéticas e sismos.

McCormack previu corretamente os recentes grandes terramotos, começando pelo desastre de Long Beach de 1933 e incluindo o sismo do Alasca de 1964.

Os cientistas tinham assumido durante muito tempo que criaturas que seguem ritmos de maré, solares e sazonais aprendem sobre mudanças cíclicas por meio dos sinais sensoriais habituais — meteorologia, movimentos da água, luz do sol. O Professor F. A. Brown, da Northwestern University e do Marine Biological Laboratory em Woods Hole, Massachusetts, começou, há dez anos, a observar criaturas vivas em compartimentos selados onde factores ambientais como temperatura, iluminação, humidade e pressão barométrica nunca mudavam.

Para espanto de Brown, as criaturas confinadas mantinham o seu ritmo sem interrupção. Botões de batata seguiam as estações tão fielmente como batatas num ambiente normal. De algum modo, embora em crepúsculo artificial perpétuo, sabiam sempre a posição do Sol. Ostras, quando deslocadas mil milhas para o interior, longe das suas praias nativas, cronometravam a abertura e o fecho de acordo com os ritmos de maré que teriam prevalecido naquele ponto interior preciso se o mar se estendesse até lá. De algum modo sabiam onde a Lua e o Sol estavam a cada momento.

Como é que elas alcançam esse conhecimento é um dos mistérios não resolvidos da vida orgânica. Está definitivamente estabelecido que os seres vivos reagem, de formas ainda não compreendidas, a influências vindas de fora da Terra. Algumas dessas forças operam, nas palavras de Brown, "a níveis de energia tão baixos que até agora considerámos os organismos vivos completamente alheios a elas. Existem ainda forças temporais e espaciais desconhecidas, subtis e penetrantes, que influenciam o comportamento dos seres vivos".

Cleve Backster, ao demonstrar com o polígrafo que as plantas reagem emocionalmente a acontecimentos do seu ambiente — em particular às intenções humanas — mostrou que vivemos num ambiente vivo e sensível, e não num ambiente inerte e morto. Mostrou também que a força que comunica a intenção emocional — ainda não

medida e ainda não identificada pela ciência — atravessa facilmente qualquer obstáculo físico conhecido, incluindo paredes de chumbo e de betão. De novo, "forças subtis e penetrantes influenciam o comportamento dos seres vivos".

Assim, tarde e a contragosto, a ciência veio admitir a existência de forças subtis e desconhecidas. Será isto possivelmente o começo da sabedoria? A eletricidade foi, em tempos, uma força desconhecida desse tipo; a sua natureza essencial continua desconhecida. O seu comportamento, porém, foi tão cuidadosamente observado e cartografado que o homem consegue cooperar com ela e utilizá-la para os seus próprios fins. Não deveriam todas as forças subtis e desconhecidas em atividade no nosso meio ser objeto legítimo de investigação científica cuidadosa, metódica?

Os paralelos com o trabalho de Arthur Ford são óbvios. Durante quarenta anos ele produziu prova substancial e consistente de que a antiga crença do homem de que a sua personalidade sobrevive à morte biológica com memória, reconhecimento e capacidade de crescimento não é uma hipótese religiosa, mas um facto científico. Muitos cientistas aproveitaram a sua cooperação generosa e sempre disponível para observarem por si próprios. Saíram convencidos e endossaram a afirmação: o homem sobrevive à morte. Mas, porque as forças pelas quais pessoas fisicamente falecidas comunicam são "subtis e desconhecidas", o grosso da ciência tem sido lento a deixar-se orientar para novas investigações.

Isto pode muito bem vir a ser a rocha em que a ciência dogmática se há de despedaçar. Ford demonstrou o fenómeno da comunicação por parte dos que se supõem mortos; demonstrou-o em quatro continentes ao longo de quatro décadas, por vezes, através da televisão, para milhões de testemunhas. Historicamente, a negação de prova válida nunca afetou a validade da prova; antes tornou obsoleta tanto a negação como os que negam.

Se a filosofia positivista e a ciência materialista continuarem no seu rumo de negação sem investigação, juntar-se-ão às outras categorias de crenças obsoletas e descartadas. Ninguém sugere, claro, que se dê mais

credibilidade à astrologia dogmática e ao espiritualismo dogmático do que à negação dogmática. O que se sugere é que essas forças demonstradas que deram o impulso original para a crença na sobrevivência recebam a devida atenção, à parte de qualquer dogma que possa ter crescido em torno delas.

O caso da astrologia é instrutivo. Há dez anos, a astrologia era uma "fraude gigantesca". Hoje, os nossos cientistas mais reputados estão a afirmar os fenómenos básicos em que os primeiros astrólogos basearam as suas reivindicações. Não está já há muito atrasado um renascimento semelhante do estudo da prova da sobrevivência? Estamos a fornecer subvenções governamentais de investigação para uma variedade vertiginosa de manipulações práticas e impráticas de coisas físicas. Algumas delas são bastante triviais. Há algo mais importante, para todos os cidadãos, do que um conhecimento mais aprofundado e mais detalhado da vida psíquica última para a qual todos nos encaminhamos?

Um começo foi feito nas investigações da reencarnação levadas a cabo pelo famoso professor de psicologia da Universidade da Virgínia, Ian Stevenson, e pelos vários psiquiatras que empregaram a regressão de memória em hipnose para descobrir recordações de outra existência. Depois de investigações cuidadosas de casos relatados de reencarnação em crianças, o Professor Stevenson comunicou que, com base na prova, a hipótese tradicional da reencarnação parece mais apropriada do que qualquer alternativa.

Por vezes, um caso deste tipo é tão surpreendente que chega à imprensa e chama a atenção de milhões. Só recentemente houve um caso assim: uma menina de oito anos, na Índia, começou a falar nos termos mais urgentes da sua necessidade imediata de "ver o seu marido". As garantias dos pais de que ela tinha apenas oito anos e não tinha marido não serviram de nada. A criança, em aflição, foi levada a um psiquiatra que aconselhou os pais a seguirem as indicações da criança e a verem o que acontecia. A pedido da menina, chamou-se um táxi; o condutor levou-a a uma morada que ela lhe deu. Ali, sem hesitar, ela foi a um determinado apartamento e encontrou um homem. Deu-

lhe indicações explícitas sobre onde encontrar coisas que ele procurara e deu-lhe outras informações que pareceram aliviar muito a sua mente. Ele agradeceu à criança, e ela foi-se embora, agora completamente restabelecida e no seu estado normal. O homem era um viúvo cuja mulher morrera pouco antes do momento em que a criança começara a exigir "ver o seu marido".

Em todas as gerações, há mais de 10 000 anos, o homem tem recebido provas esmagadoras de que a sua personalidade sobreviverá à morte. A autenticidade desta prova torna-se mais convincente quanto mais cuidadosamente é observada. Não há razão racional para que uma aceitação geral do facto da sobrevivência continue a ser adiada.

Que mudança maravilhosa nas nossas atitudes, nos nossos planos, nas nossas ambições, no nosso comportamento e no nosso bem-estar geral adviria se acreditássemos neste facto tremendo e traduzíssemos a crença em ação! Certamente significaria um renascimento da ciência, que agora está bloqueada no lodo da sua própria incredulidade. Quando voltarmos todo o nosso poder de investigação metódica para aquelas forças que a ciência hoje apenas consegue descartar, de forma frouxa, como "subtis e desconhecidas", abrir-se-á para todos nós uma existência nova e transcendente ao mundo.

Viremos a saber tanto sobre o mundo além da morte como hoje sabemos sobre o mundo além do horizonte. O temor da morte desaparecerá, a ameaça da morte terá perdido o seu poder, e todos os que dependem dessa ameaça para a sua autoridade serão afastados. Surgirá uma nova psicologia com uma nova motivação. Já não será o homem movido por uma febre de acumular para si o máximo possível dos bens e experiências deste mundo antes que a morte apite o fim do seu ganho. As nossas motivações começarão a orientar-se para a vida, e não para a morte. Seremos esplendidamente renascidos.

Não tenho a certeza de que toda a culpa pelo nosso fracasso em começar a vislumbrar tal panorama possa ser atribuída inteiramente à porta de um elemento reacionário dentro do establishment científico. Há razões para pensar que outro factor pode estar envolvido — um tipo de personalidade predominante que pode ser designado o Duro "All-

American". Os nossos rapazes são treinados para este padrão exatamente na medida em que conseguem e aceitam suportá-lo. É preciso aprender a jogar o jogo, e o jogo é normalmente de contacto físico e dureza. Assim que têm idade para a recruta, os nossos jovens são ensinados no golpe de caratê, no pontapé assassino e na pisadela mortal. O único lugar respeitável é o de cima, e o homem de cima é sempre um Duro. Ele é prático, isto é, lida apenas com tangíveis. Qualquer coisa intangível, a menos que consiga produzir tangíveis de imediato, é logo varrida para o lado pelo Duro do topo, porque é provavelmente vaga, sonhadora e impraticável — e porque o Duro é tão prático.

Há atualmente um ditado nos círculos de negócios: "os tipos porreiros não chegam a presidente do banco".

Uma praticidade tão implacável, a história tem-nos dito pacientemente durante séculos, não funciona muito bem. Outras nações, claro, têm os seus Duros, cada qual convencido de que a sua própria dureza nacional é a mais dura de todas. A tragédia última do homem prático é que ele é imprático. Porque os seus cálculos deixam de fora certas "forças subtis e desconhecidas", levam-no a decisões que conduzem à sua própria destruição.

Isto está a tornar-se diariamente menos uma afirmação académica e mais um facto visível. Homens práticos estão à beira de destruir, pelos venenos que libertam nas suas atividades extremamente práticas, o próprio ambiente que os sustenta. A menos que se tornem práticos o suficiente para se refrearem a tempo, homens e mulheres práticos produzirão, nos próximos trinta anos, mais crianças do que as que nasceram no milhão de anos precedente.

Tal sobreprodução significaria certamente o fim da vida humana tal como a conhecemos e possivelmente o fim de toda a vida humana na sua forma física. Provocar fomes mundiais, sofrimento imensurável e provável extinção não parece muito prático. O Duro "All-American" está ultrapassado. O mesmo acontece com os seus irmãos por todo o mundo. Está próximo o tempo de homens e mulheres que tenham a

visão para pensar, sentir, planear e viver nas extensões últimas do insight humano e cósmico.

Espero com confiança que surja uma nova e universal religião mundial — e em breve. No início, terá dois ramos: um terrestre e físico, o outro cósmico e psíquico. Estes dois ramos estão a emergir bastante separados, mas em breve começarão a ver que são de uma só raiz.

Os seus começos já se podem ver. O ramo terrestre e físico começa a dar-se a conhecer sob o nome de ecologia. Em nenhum momento desde o início da revolução industrial-tecnológica houve tantos seres humanos preocupados com a relação do homem com o seu ambiente total. A água, o ar e a terra fértil — começa o homem industrial a reaprender — são a matéria de que é feito o seu corpo terreno.

A menos que estejam disponíveis em quantidade suficiente e em forma pura, o seu corpo terreno perecerá. Com este conhecimento, aproxima-se do seu ambiente com um novo respeito e recupera parte do conhecimento que em tempos tivera e que esquecera. Está a redescobrir que a Terra não é inerte, mas consciente, com uma consciência comparável em alguns aspetos à sua própria. Ela reage a ele. Existe uma dependência mútua.

Ele está, por fim, a começar a compreender o sentido da injunção bíblica de que "tem domínio" sobre as criaturas. O próprio Princípio Criativo Cósmico partilhou a Terra com ele, tomou-o como parceiro pleno, fez dele o administrador da Terra. Tanto a sua oportunidade como a sua responsabilidade são limitadas apenas pelas dimensões da própria Terra. O que ele faz dela — e de si mesmo — é muito mais da sua própria responsabilidade do que alguma vez antes se apercebeu.

Fisicamente, ecólogos como o Professor Brown começam a perceber que o ambiente — o ambiente físico — que afeta o homem se estende muito para lá da Terra e da Lua e dos seus campos gravitacionais. O homem, num sentido estritamente físico, é cósmico.

Ao mesmo tempo que a consciência ecológica do homem — a sua perceção do espaço local e do espaço exterior — se tem expandido, também se tem aprofundado a sua experiência psicológico-profunda —

a sua exploração do espaço interior. Uma vez aberto este domínio psíquico, a sua relação com o domínio físico torna-se clara. O homem e as criaturas vivas da Terra são vistos como produtos da imaginação cósmica — ou, se for permitido um termo religioso, divina. Torna-se evidente o poder da imaginação criativa sobre as coisas físicas. Tudo — físico e psíquico — é visto como um só. O Grande Projeto da Criação é visto como evolução — não apenas de formas físicas, cores, atividades e formas, que por si só excitam os nossos sentidos até ao limite do que podem suportar — mas de consciência, de perceção, da capacidade de compreender.

À medida que esta compreensão estabelece a sua cabeça de ponte e se espalha a partir daí, começam a ver-se os contornos das Muitas Moradas — mundo sobre mundo de espaço anímico psíquico requintadamente estruturado para ser explorado, compreendido e dominado. Algumas dessas explorações já começaram numa base metódica. Entre as mais destacadas estão as investigações com diversas drogas expansoras da mente por parte do Dr. Walter Pahnke e dos seus colaboradores, ao abrigo de subvenções governamentais, no Maryland State Psychiatric Research Center. Algumas dessas drogas podem ser comparadas à nitroglicerina: mortíferas quando usadas sem compreensão por amadores; ampliadoras da vida quando usadas com a orientação e as perceções da ciência médica e psiquiátrica.

As técnicas orientais de meditação profunda, de que o antigo mestre de Arthur, Yogananda, era um mestre, levaram muitos, tanto no Oriente como no Ocidente, a uma perceção imediata expandida, a uma clara visão de níveis mais altos de compreensão e até à consciência cósmica. Estes dois movimentos — a ampliação da consciência do universo físico pela ecologia e o aprofundamento da compreensão da psique pela meditação — não são estáticos, mas crescentes. À medida que os cultos do cientificismo, do positivismo e do materialismo estrito revelaram as suas limitações, o espírito humano estende-se para dimensões nas quais possa encontrar a sua estatura plena e última. Com toda a certeza, estes movimentos de alcance exterior e interior

reconhecerão a sua unidade e, com toda a certeza, isso constituirá a nova religião mundial.

Uma vez que esta nova religião terá o seu assento na consciência individual humana, provavelmente não haverá muitos cargos administrativos e, por isso, pouca ocasião para hierarquias, prerrogativas e títulos. Não haverá campanhas de angariação de fundos para edifícios, porque não haverá edifícios. Não haverá quermesses, nem bingos, e haverá pouco ritual. Homens e mulheres reconhecer-se-ão uns aos outros como seres companheiros. O mundo do além e o mundo do agora serão vistos como um contínuo.

Não haverá santos, mas homens como Arthur Ford serão vistos como pioneiros robustos da nova compreensão. Ele entregou-se, sem desviar, à sua tarefa tal como a via: a defesa persistente da verdade que lhe foi dado conhecer, perante toda a oposição e desencorajamento, para que homens e mulheres pudessem compreender-se a si mesmos e ao seu cosmos de forma mais completa.

É até melhor para Arthur — estou certo de que ele concorda — que, na nova dispensação, não haja santos. Arthur, como percebeu logo quando encontrou o genuinamente santo Yogananda, não tinha o estofo de um santo. No seu melhor, era mestre de humor seco e malicioso, com a tirada enviesada. Se não tivesse sido um grande médium de transe, teria sido um grande comediante de expressão impassível. No seu pior, era quase impossível conviver com ele. Era um Arthur muito humano, e eu amei-o e continuo a amá-lo, com a afeição de quem compreende e tolera as manias um do outro. Disto, estou convencido, é feito o reino dos céus.

Vamos ter notícias dele, claro. Já deu a conhecer a sua chegada em segurança ao outro lado e o início do seu período de descanso, ajustamento e aclimatização. Poucas semanas após a sua morte, uma mensagem, recebida por um médium de "tabuleiro" em Gainesville, Florida, foi-me encaminhada por um membro do conselho da Spiritual Frontiers Fellowship (SFF): "Ford aqui… a minha mensagem é esta: a vida após a morte é uma realidade… explorem a SFF… leiam o capítulo 7, página 70, de *Unknown but Known*… o vosso filho Terry tem o livro…

a SFF tem muitas respostas, contactem-nos. Estou cansado, preciso de descansar."

E quanto a Fletcher, esse co-trabalhador firme de Arthur, esse mestre de cerimónias irascível cujo juízo sagaz tornou a sua personalidade quase tão conhecida do público psiquicamente atento como a do próprio Arthur? Numa série de sessões realizada durante os seis meses anteriores à morte de Arthur, Fletcher deu a sua própria resposta a esta questão. A morte de Arthur era antecipada por aqueles, deste lado e do lado de lá, que conheciam o estado da sua saúde física.

Fletcher explicou que, na sua esfera, como na nossa, as pessoas trabalham em grupos. Tem-se associados e superiores. Trabalha-se, em certa medida, sob direção. Têm-se responsabilidades para com o grupo e, até certo ponto, está-se sob ordens. O trabalho que lhe fora atribuído, disse ele, era ficar junto de Arthur e ser o seu mestre de cerimónias até que Arthur "graduasse" do plano terrestre. Uma vez que Arthur passasse para além, Fletcher seria libertado para novas explorações nos reinos superiores da consciência.

Disto podemos concluir com certeza que nunca mais se ouvirá falar de Fletcher na Terra. Ele encarava o período final do seu emprego como controlo de Arthur como um fardo. Estava ansioso por avançar, por explorar aquelas terras luminosas e sedutoras mesmo para lá do seu horizonte visível.

A "Mensagem de Gainesville" de Arthur? Segue-se a citação significativa do Capítulo Sete da edição de bolso do livro de Ford *Unknown but Known*; o capítulo começa na página 70, sob o título "Um Fim para o Medo da Morte", com esta citação logo por baixo do cabeçalho do capítulo:

Uma emancipação geral da garra ardente deste mais temível de todos os medos libertaria tremendas energias humanas para as tarefas criativas da vida.

E não há razão racional para adiar por mais tempo o gozo geral deste benefício incomensurável. Cem anos de investigação cuidadosa estabeleceram o facto essencial da sobrevivência para satisfação de

todos os que abordam a prova com mente livre. Três mil anos de demonstração por profetas, santos e heróis sugeriram a capacidade de vida expandida que resulta quando um ser humano lança fora o seu medo da morte. Já não há, repito, qualquer razão racional para considerar a morte biológica um fim final, ou para a temer.

JEROME ELLISON
Guilford
Verão, 1971 Fim